

**UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI
ALESSANDRA SILVA CARVALHO**

**ENVELHECIMENTO, TURISMO E LAZER:
EXPECTATIVAS DE SOCIABILIDADE**

**SÃO PAULO
2010**

ALESSANDRA SILVA CARVALHO

**ENVELHECIMENTO, TURISMO E LAZER:
EXPECTATIVAS DE SOCIABILIDADE**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Hospitalidade, área de concentração em Planejamento e Gestão Estratégica em Hospitalidade, da Universidade Anhembi Morumbi, sob orientação da Prof. Dra. Maria do Rosário Rolfsen Salles.

**SÃO PAULO
2010**

ALESSANDRA SILVA CARVALHO

**ENVELHECIMENTO, TURISMO E LAZER:
EXPECTATIVAS DE SOCIABILIDADE**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Hospitalidade, área de concentração em Planejamento e Gestão Estratégica em Hospitalidade, da Universidade Anhembi Morumbi, sob orientação da Prof. Dra. Maria do Rosário Rolfsen Salles.

Aprovado em 10/03/2010

María do Rosário Rolfsen Salles
Doutora em Sociologia / UNESP

Luiz Octávio de Lima Camargo
Doutor em Ciências da Educação / Université Paris-
Descartes

Olga Rodrigues de Moraes Von Simson
Doutora em Ciência Social / USP

À minha família, especialmente à minha mãe
que soube aliar o vigor da juventude à
sapiência da velhice para me orientar a seguir
pelos mais dignos caminhos!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela benção de me permitir cursar este Mestrado em Hospitalidade, por iluminar os meus pensamentos nas horas mais difíceis, me fazendo acreditar que seria possível.

Aos meus familiares que suportaram com grande compreensão minha ausência durante o curso, que torcem e acreditam em mim. Agradeço a meus pais, Nalva e Raimundo, e minhas irmãs, Fabiana, Sheila e Ana Paula, pela troca constante de amor, ao meu sobrinho, Carlos Henrique, que mesmo não entendendo por que eu ‘sumia’, quando eu ‘aparecia’ me recebia com um abraço apertado dizendo que sentiu saudades.

Ao meu companheiro, Sebastião, que durante estes dois anos aceitou e compreendeu minha escolha, tolerando minha falta, com amor e respeito.

Aos meus amigos que me admiram e entenderam que meu afastamento seria necessário e passageiro. Meus amigos que, mesmo sem estudar Godbout, praticam comigo o exercício da dádiva e sabem de alguma maneira que o vínculo da amizade verdadeira não desaparece com a distância, mas fica guardado num lugar especial e é restaurado cada vez que pensamos um no outro, que nos falamos ou nos escrevemos.

À Universidade Anhembi Morumbi pela concessão da bolsa de estudos.

Aos professores do Programa de Mestrado em Hospitalidade, tanto aos atuais e quanto àqueles que já não estão mais, por tudo que me ensinaram ao longo dos anos, que me fizeram ser cada vez melhor como profissional e como pessoa. Em especial agradeço àqueles que de alguma forma estiveram envolvidos neste trabalho. Aos professores Ada Dencker, Davis Sansolo, Marielys Bueno e Nilma Morcerf de Paula por me estimularem a ingressar no curso; aos professores e coordenadores Beth Wada e Raul Amaral, que mesmo na posição de chefia, me concederam tempo e espaço para realização das atividades do curso e com muita amabilidade me mostraram as possibilidades de exercer com excelência o trabalho sem esquecer que somos todos humanos e merecedores de uma chance para se desenvolver; aos professores Lucio Grinover e, novamente, Ada Dencker por serem meus padrinhos intelectuais e me presentear com riqueza bibliográfica e cumprirem papel esclarecedor para minhas idéias; à professora Sênia Bastos que me ensinou a ser dedicada e minuciosa nos trabalhos, que cuidou de mim não só como subordinada, nem só como aluna, mas que se preocupou comigo como pessoa; ao professor Luiz Octávio de Lima Camargo, por auxiliar na construção deste trabalho, participando de meu exame de qualificação e pelas diversas

conversas que me mostraram a complexidade e o fascínio dos estudos sobre o lazer. À professora Mirian Rejowski por me mostrar tantas possibilidades do universo acadêmico com seriedade e por acreditar em mim. Registro aqui meu agradecimento por todos os elogios destes professores que me motivaram a querer cumprir da melhor maneira possível minha jornada no curso, não posso deixar de acrescentar entre estes os professores Airton Cavenaghi, Ceia Dias, Renê Correa, Hilário Pelizzer e Waldir Ferreira. Um agradecimento particular à professora Marielys Siqueira Bueno que mesmo antes de ser minha professora já era um exemplo pra mim e que me ajudou a ampliar meu olhar para o outro, pelo cuidado e atenção que deu ao meu tema, por todas as discussões e pela colaboração no meu exame de qualificação. Agradeço a todos por me incentivarem, pelos votos de confiança e, principalmente, por compartilharem comigo seus valiosos conhecimentos. Agradeço cada momento de convívio compartilhado ao longo dos anos e tenho certeza que cada um é muito especial pra mim.

Não tenho palavras para agradecer minha orientadora, Maria do Rosário Rolfsen Salles, que me acolheu com tanta competência e carinho, mais do que orientação me deu lições de vida, me incentivou, me fez sentir capaz.

A todos os alunos que passaram pelo Mestrado em Hospitalidade, que desde o início do Programa, em setembro de 2002, me permitiram participar de sua formação e aos poucos contribuíram para despertar meu interesse em fazer o curso. Agradeço a cada conversa que tivemos, pois ao compartilhar comigo suas dúvidas todos estes alunos colaboraram para a construção do meu conhecimento sobre inúmeras questões acerca do universo acadêmico e do mundo real. Neste caso, não tenho como citar todos e não seria justo citar apenas alguns, portanto, este agradecimento é para todos vocês mestres e mestrandos em hospitalidade, que estão disseminando as idéias aprendidas neste curso, se por acaso não como profissionais, com certeza como seres humanos.

À minha terapeuta, Marisa Carvalho, que acompanhou semanalmente minhas angústias e me tranquilizava com sua singular sensibilidade e apimentada franqueza.

Aos idosos entrevistados por compartilharem suas expectativas e representações sobre o lazer e o turismo, aceitando participar desta pesquisa.

Meu muito obrigado a cada um que participou desta minha caminhada!

O envelhecimento é como um processo que “como uma viagem, não se reduz a uma etapa”, desenvolve-se ao longo do tempo. (Jack Messy)

RESUMO

A notória mudança no perfil demográfico mundial que passou a apresentar um contingente crescente de idosos e com maior expectativa de vida vem suscitando o interesse de diversos campos do conhecimento e de atuação em todos os setores da sociedade. Enquanto o âmbito governamental reúne esforços para tratar dos impactos do envelhecimento populacional nos cofres públicos, o âmbito privado vislumbra nesta faixa etária potencialidades diversas de consumo e já no âmbito do terceiro setor despontam mobilizações que visam o bem estar, em diferentes esferas, para esta população. Diante deste cenário, despontam estudos científicos que buscam compreender as mais diversas relações do envelhecimento populacional com a sociedade. Neste sentido, nesta pesquisa pretendeu-se colaborar para melhor compreensão da relação do envelhecimento com as atividades de lazer e de turismo, bem como o impacto destas atividades na sociabilidade destes indivíduos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, desenvolvida a partir de pesquisa bibliográfica, seguida de pesquisa de campo que objetivou discutir o papel do lazer e do turismo na sociabilidade dos entrevistados, sob sua própria ótica. Dessa forma, realizaram-se entrevistas semi-estruturadas com idosos que têm a viagem como opção de lazer, selecionados por meio de indicações. Os resultados apontaram que não apenas as viagens, mas as atividades coletivas de lazer em geral cumprem um papel relevante na sociabilidade destes indivíduos. Por outro lado, a viagem apresenta atributos, tais como desenvolvimento pessoal, enriquecimento cultural, além de proporcionar o reposicionamento social, fatores que são valorizados por estes indivíduos, pois favorecem a auto-concepção de uma velhice saudável. Considera-se que as atividades de lazer e de turismo favorecem a sociabilidade no envelhecimento, porém ressalva-se que não se aplica à faixa etária como um todo, visto que a avaliação positiva destas atividades está atrelada a um processo pessoal e social construído historicamente.

Palavras-chave: Turismo. Lazer. Envelhecimento. Sociabilidade. Terceira Idade.

ABSTRACT

A noticeable change in the demographic profile of the planet that now has a larger number of elderly and greater life expectancy are raising the interest of various fields of knowledge and action in all sectors of society. While the scope of government combines efforts to address impacts of population aging on public coffers, the private sector sees potential in this age of consumption and several already in the third sector emerge demonstrations aimed at the well-being in different spheres, for this population . In this setting, scientific studies are emerging that seek to understand the various relationships with the aging society. In this sense, this research aimed to contribute to better understanding the relationship between aging and leisure activities and tourism, as well as the impact of these activities on the sociability of these individuals. This is a qualitative, exploratory, developed from literature review, followed by field research which discusses the role of leisure and tourism in the sociability of the respondents under their own terms. Thus, there were semi-structured interviews with elders who have to travel as a leisure option, selected from nominations. The results showed that not only travel, but the collective activities of leisure in general play an important role in the socialization of these individuals. Moreover, the trip has attributes such as personal development, cultural enrichment and social thruster repositioning, which are valued by these individuals because they favor self-conception of a healthy old age. It is considered that the leisure activities and tourism to promote sociability in aging, but that caveat does not apply to age as a whole, since the positive assessment of these activities is linked to a personal and social process built historically.

Keywords: Tourism. Leisure. Aging. Sociability. Elderly.

LISTAS DE SIGLAS

ABCMI	Associação Brasileira dos Clubes da Melhor Idade
BRAZTOA	Associação Brasileira de Operadoras de Turismo
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
GETI	Gerência de Estudos sobre a Terceira Idade
CMI	Clube da Melhor Idade
CRIS	Centros de Referência do Idoso
EMBRATUR	Instituto Brasileiro de Turismo
FAP	Fundação Perseu Abramo
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
GEENTI	Grupo de Estudos do Envelhecimento e Terceira Idade
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INSS	Instituto Nacional de Segurança Social
NEPE	Núcleo de Estudos e Pesquisas do Envelhecimento
OCDE	Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OMS	Organização Mundial de Saúde
OMT	Organização Mundial do Turismo
ONU	Organização das Nações Unidas
PCMI	Programa Clube da Melhor Idade
PEA	População Economicamente Ativa
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNT	Plano Nacional de Turismo
PPA	Programa de Preparação para Aposentadoria
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SBG	Sociedade Brasileira de Geriatria
SBGG	Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia
SEADE	Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados
SEBRAE	Serviço de Apoio à Micro e Pequena Empresa
SESC	Serviço Social do Comércio
UNATI	Universidade Aberta da Terceira Idade
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo
WTO	World Tourism Organization

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
INTRODUÇÃO	14
1 O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO: TENDÊNCIAS NA ATUALIDADE.....	20
1.1 Aspectos demográficos	25
1.2 Aspectos econômicos	30
1.3 Aspectos sociais	43
2 LAZER, TURISMO E ENVELHECIMENTO	52
2.1 Compreensão do lazer no envelhecimento	54
2.2 Particularidades da viagem para o idoso	57
2.3 Envelhecimento e consumo de turismo.....	63
3 REPRESENTAÇÕES E EXPECTATIVAS SOBRE O LAZER E O TURISMO	80
3.1 Descrição do Método	80
3.2 Procedimentos de pesquisa	85
3.3 Resultados da Pesquisa: interpretação dos dados	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	123
BIBLIOGRAFIA AMPLIADA	131
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS.....	134

APRESENTAÇÃO

A primeira vez que prestei atenção na relação entre lazer e envelhecimento foi na época da graduação em Turismo quando me inscrevi para um curso de extensão de recreação para terceira idade, que foi ministrado por uma senhora, o que me causou encantamento. Já formada, me convívio da chamada “terceira idade”, que se reunia nas instalações da Universidade candidatei como voluntária para fazer uma tarde de recreação com um grupo de onde me graduei. O contato com o grupo foi tão positivo que me despertou o interesse em desenvolver outro trabalho com este grupo. De modo que apresentei, em parceria com uma amiga, um projeto que previa a realização de atividades turísticas destinada a este grupo para o então setor de Responsabilidade Social da Universidade e, a partir da aprovação, pude me aproximar mais do universo idoso. O projeto consistia no planejamento e execução de passeios de um dia em destinos turísticos dentro da capital paulista e em municípios do entorno, cerca de 100 km. O projeto teve duração de um ano e meio e, durante as viagens pude perceber, ainda que empiricamente, a dimensão que a viagem tinha para eles e desta forma, essa dimensão passou a representar um foco de interesse para mim, no entendimento da dinâmica e da sociabilidade que se desenvolvia dentro do grupo. Percebi que as dimensões que envolvem a viagem para o idoso estimulavam o sentido de vida desta faixa etária e colocavam em xeque os estereótipos da velhice construída no imaginário coletivo humano.

A temática foi levada para o Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido no curso de pós-graduação *lato sensu*, assim tive contato com outros grupos de idosos, de diferentes faixas de poder aquisitivo, que viajavam e pesquisei com eles a relação entre o envelhecimento e as viagens que se privilegiavam o contato com a natureza. Durante esta pesquisa, as entrevistas me revelaram riqueza de informações sobre turismo e envelhecimento, percebi particularidades pronunciadas pelos entrevistados, as quais nem sempre constavam na bibliografia da área de turismo que relacionava-se com essa faixa etária.

Assim, o interesse em estudar a relação entre lazer, turismo e a população “idosa” não apenas manteve-se como se ampliou, sendo então proposta como tema de pesquisa na pós-graduação *stricto sensu*, sobretudo porque me pareceu um tema bastante apropriado para entender as diversas dimensões da hospitalidade, considerada como o acolhimento possível dentro dos grupos de terceira idade.

A análise do crescimento e a expansão da bibliografia sobre o assunto revelou-me muitas inquietações sobre os aspectos sociais da vida do idoso e confirmou que, no tocante à atividade turística, os estudos pautavam-se prioritariamente na segmentação da demanda, vislumbrando uma alternativa para equilibrar a sazonalidade típica das atividades turísticas. Não pretendo negar o potencial consumidor do idoso, nem cabe neste trabalho criticar a produção acadêmica com este enfoque, ao contrário, pretendo complementá-las. Entretanto, minha aspiração é mostrar outra faceta da temática, enfatizando a dimensão do lazer para a população maior de 60 anos e sua expressão no turismo organizado, bem como as repercussões para a vida idosa.

Portanto, apresento aqui mais uma etapa da minha experiência que, a partir de uma curiosidade despreziosa, tornou-se alvo de estudo e pesquisa a fim de compreender o fenômeno da viagem para o público idoso, que me pareceu vivenciar com vigor todas as etapas que englobam as viagens (antes, durante e depois), cada uma delas tendo especial relevância.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional e a conseqüente mudança na estrutura etária deixaram de ser um assunto reservado às populações dos países mais desenvolvidos e passaram a ser objeto de preocupações nas agendas governamentais e nas políticas públicas dos países em desenvolvimento.

Para tratar sobre o envelhecimento, consideram-se como idosas as pessoas com 60 anos ou mais, segundo critério oficial da Organização das Nações Unidas (ONU), estabelecido durante a Assembléia Mundial sobre o Envelhecimento, em Viena no ano de 1982, mesmo critério é utilizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

A nova tendência na situação demográfica impacta no poder público, passando por diversos campos, como da saúde, da economia, do sistema previdenciário e demais conexões possíveis que permeiam a vida de um cidadão. Sob este enfoque, no Brasil, destaca-se entre as recentes conquistas para população idosa a Política Nacional do Idoso (BRASIL, 1996) e o Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003) que visam salvaguardar os direitos específicos desse público.

O assunto tem sido amplamente tratado sob diversos aspectos, desde as visões do mercado e da mídia, expressos em um sem número de reportagens que vêm sendo produzidas e reproduzidas nos meios de comunicação. Estas reportagens chamam a atenção para a nova realidade demográfica universal, conservadas as diferenças entre países desenvolvidos e em desenvolvimento, e para as possibilidades de segmentação de mercado que o idoso pode representar, sugerem formas de enfrentar melhor a longevidade, assim como implicam no surgimento de um sem número de produtos e serviços e evocam supostas “fórmulas mágicas” que garantem prolongar a juventude, apontando que o envelhecimento no século XXI é deveras diferente dos tempos passados.

Certamente, tudo isso despertou o interesse do mercado pelo crescimento demográfico dos mais velhos que, além de ser alvo dos meios de comunicação, notadamente passou a ser pauta nas discussões sobre demanda por produtos e serviços e houve crescimento nos investimentos para a manutenção e para o aprimoramento de negócios ligados aos avanços farmacológicos, clínicos, cirúrgicos e estéticos entre outros.

A velocidade no aumento do crescimento demográfico, da faixa etária maior de 60 anos, aliada à concepção do idoso como segmento de mercado, provocou o surgimento da

oferta de produtos e de serviços direcionados para essa parcela da população em diversos setores, o que não é necessariamente sinônimo de conhecimento das particularidades deste público ou compreensão de suas necessidades, ao contrário, reflete apenas a estratégia de captação de clientes, para os quais se faz arranjos, que poderiam ser feitos para qualquer outro grupo, dependendo de sua especificidade.

Ainda que seja questionável a maneira como o envelhecimento vem sendo tratado em diferentes âmbitos, o fato é que há um movimento de curiosidade em relação à velhice, já que mais cedo ou mais tarde, a tendência é que faixas mais amplas da população cheguem a ela, havendo, portanto, o desejo compreensível de vivê-la bem, face às dificuldades comumente relacionadas ao envelhecer.

Se por um lado o assunto é candente e é necessário que se dialogue com os diversos segmentos envolvidos na questão, por outro lado, o discurso provoca certo desconforto, uma vez que desperta a ansiedade para as camadas da população em idade igual ou superior a 60 anos, ou em certos casos, a partir mesmo dos 40 ou 50 anos, em virtude dessa etapa da vida passar a ser vista como a negação da velhice e a valorização exagerada da juventude, havendo claro apelo para que todos atentem em se manter cada vez mais jovens e ativos.

Conforme Debert (1999) a ressignificação da velhice é fruto da cultura de valorização da juventude e tem atingido proporções que, muitas vezes, são interpretadas como a própria negação da velhice, ou, ainda, por sua negligência, como constatou Pereira (2006).

Desta forma, pode-se falar numa nova configuração da velhice, uma nova problemática em que diversos termos são criados para se referir às pessoas mais velhas, tais como “maior idade”, “idade de ouro”, “idade madura”, “idade maior”, “melhor idade”, “terceira idade”, entre outros, sendo que os dois últimos são adotados vastamente pela mídia e encontrados, inclusive, em trabalhos científicos, além de seu uso no âmbito governamental.

O termo “Terceira Idade” foi usado pela primeira vez na França, na década de 1960, época em que a “primeira idade” referia-se à infância, a “segunda idade” aos adultos e a “terceira idade” designava a idade da aposentadoria, que era alcançada, naquela época, a partir dos 45 anos, idade em que as pessoas eram consideradas decadentes e incapazes de trabalhar. O termo acompanhou o crescimento da esperança de vida ao nascer e hoje se aplica, em geral, às pessoas maiores de 60 anos. Atualmente, mais do que definir uma faixa etária, o termo Terceira Idade tem sido usado para expressar novos padrões de comportamento, de indivíduos ativos, participantes da sociedade, numa tentativa de construção de uma imagem positiva, oposta ao isolamento e revertendo o estereótipo de velhice.

De modo que os aspectos senis relacionados à decrepitude, caducidade, redução das habilidades físico-motoras e mentais, foram transferidos para o que tem sido chamado de “Quarta Idade”, na qual se enquadram os octogenários, os nonagenários e os centenários, que comparativamente às outras idades têm baixa representatividade numérica, mas que também têm aumentado progressivamente.

Neri e Freire (2000) colocam que as pessoas preferem optar pela adoção de termos e expressões que distanciam a idéia dos estereótipos construídos coletivamente, quanto aos aspectos negativos que a denominação velhice pode remeter. A larga utilização dos termos que qualificam a velhice está atrelada à existência de preconceitos, exprimidos como: afastamento, práticas discriminatórias, rejeição, relação com doença, morte, dependência, incapacidade.

Segundo Silva (2002), a própria denominação de velhice ou de velho correlaciona-se à perda, ao desgaste e à proximidade com a morte, ao passo que o envelhecer caracteriza-se como um processo, um estágio de desenvolvimento humano. O “estado” de envelhecer, portanto, remete a um momento de reflexão sobre as possibilidades do corpo, os acúmulos de experiências e as conquistas adquiridas.

Neste trabalho, a faixa etária a ser estudada enquadra-se no perfil descrito como Terceira Idade, entretanto, a fim de evitar juízo de valor, utilizar-se-á o termo *idoso* para referenciá-los.

Há algum tempo, as questões que envolvem o envelhecimento são estudadas e discutidas, também em âmbito acadêmico. É bem verdade que os assuntos ligados às debilidades mentais, à fragilidade física e à dependência se destacavam; contudo, nota-se o considerável aumento nos estudos aplicados às ciências sociais e humanas, sobretudo abordando o aspecto social, bem como suas implicações com a sociedade contemporânea, no sentido de melhor compreender essa faixa etária da população.

Neste contexto de aprendizagem sobre como viver bem a velhice, observa-se que aqueles que já se encontram idosos têm manifestado formas de se organizar em grupos para, em conjunto, entender e enfrentar esta fase da vida, por meio de associações, clubes, instituições de ensino, entre outros, observando-se que os grupos de convivência multiplicam-se pelo mundo.

Assim, corroborando com Dumazedier (1994), pode-se dizer que a amplitude e a diversidade do fenômeno do envelhecimento estão suscitando na sociedade um processo de aprendizagem sobre uma nova categoria de idade que questiona os paradigmas da fase

terminal da vida e entende que é preciso conhecer as formas próprias de sociabilidade e auto-organização dessa faixa de idade.

Diante do exposto, neste trabalho, pretende-se desenvolver uma maior compreensão sobre os conceitos relacionados ao processo de envelhecimento e sua interface com o lazer e o turismo. Tal fato será percebido, especialmente sobre a representação da viagem na vida social dos idosos, apoiando-se na Linha de Pesquisa do Programa de Mestrado em Hospitalidade (da Universidade Anhembi Morumbi), “Dimensões Conceituais em Turismo e Hospitalidade”, focando especialmente os aspectos de sociabilidade, do ponto de vista dos próprios idosos que realizam viagens com determinada regularidade.

Considera-se nessa linha de pesquisa que as redes sociais, tais como os grupos de convívio e associações diversas, contribuem para a sociabilidade na sociedade contemporânea, de modo que facilitam a criação e o fortalecimento de vínculos sociais (BUENO, 2008).

Assim, propõe-se realizar, como objetivo central do trabalho, uma discussão sobre a representatividade das atividades de lazer, de maneira especial as turísticas para o idoso, considerando-se as possibilidades de uma convivência possível para uma vida social saudável na velhice, buscando compreender esse processo do ponto de vista dos entrevistados. Já é sabido, por meio dos estudos, que as atividades de lazer proporcionam melhoria da qualidade de vida para os idosos e impulsionam o convívio social. Do ponto de vista das relações de hospitalidade, essas dimensões podem significar espaços ou lugares de hospitalidade, segundo conceitos desenvolvidos por Baptista (2008, p. 14) que, “Por definição, são lugares abertos ao outro.”

Desta forma, o objetivo da pesquisa de campo foi detectar as motivações, representações e conseqüências da viagem para os idosos entrevistados. A faixa etária correspondente vai de 68 a 84 anos, segundo o conceito para idosos, adotado neste trabalho. Optou-se por uma pesquisa de caráter qualitativo, utilizando-se de entrevistas semi-estruturadas, cujo roteiro foi organizado visando ressaltar categorias que permitissem recompor os momentos classificados como “o antes”, “o durante” e “o depois” da viagem, como momentos construtores da sociabilidade entre os elementos envolvidos. Dessa forma, pretendeu-se determinar também, a dimensão que essa etapa da vida tem para o idoso e sua inserção na família, o lugar do lazer e das viagens nesse contexto.

A fim de angariar as informações que respondessem à problemática proposta adotou-se como instrumento de coleta de dados, um roteiro de entrevista (Apêndice - A) para orientar as conversas com os entrevistados, bem como organizar melhor as informações obtidas. Optou-se por não fazer perguntas fechadas para conferir maior liberdade e espontaneidade nas

respostas. O roteiro foi organizado agrupando-se nas seguintes categorias: a) cotidiano - para conhecer melhor a dinâmica social da vida atual dos entrevistados; b) participação ou não em grupos de convívio - visando compreender qual o nível de interação e a relevância da participação no grupo de convívio em questão; c) viagens - explorando os pontos que se pretende verificar na pesquisa, observando se há compreensão de singularidades na atividade turística, enquanto atividade de lazer e promotora da sociabilidade; d) organização econômica - a fim de verificar como os participantes do grupo organizam a renda no sentido de poder financiar as atividades turísticas; e, finalmente, e) dados do entrevistado - delineando o perfil do sujeito entrevistado.

Assim, a escolha dos entrevistados seguiu a técnica da “bola de neve”, em que indicações conduziam a pessoas com as características que eram pertinentes ao trabalho, ou seja, homens e mulheres, dentro da faixa etária compreendida como idosa, que participam ou não de grupos de convivência, mas que estão de certa forma expostos às viagens. Em parte, o método escolhido baseou-se também no acompanhamento de algumas reuniões de um grupo de convívio localizado no Jardim Jabaquara, na cidade de São Paulo, com o intuito de compreender os mecanismos que explicam a criação e a permanência de grupos desse tipo, buscando entender a sua dinâmica e significado frente à bibliografia sobre eles e buscando entender a organização das atividades e especialmente das viagens.

Nesse sentido, a pesquisa se caracteriza como exploratória, num primeiro momento, e descritiva, com relação aos objetivos. Além disso, pode-se classificar como explicativa, numa segunda fase, na medida em que busca explicar o lugar que as viagens ocupam na vida e na sociabilidade dos idosos.

Assim, este trabalho é uma tentativa de colaborar no maior e melhor conhecimento desta faixa etária, sob uma ótica ainda pouco estudada, que é a relação com o Lazer e o Turismo. Acredita-se que o lazer, o turismo e a realização de viagens contribuem com o lema da *Gerontological Society of America*: “Acréscitar vida aos anos e não apenas anos à vida”.

Para tanto, esta Dissertação está organizada em três capítulos, além da Introdução e da Conclusão. No primeiro capítulo, intitulado “O processo de envelhecimento: tendências na atualidade” procurou-se apresentar um balanço dos estudos dedicados ao assunto, com o objetivo de ressaltar as contribuições do ponto de vista dos aspectos demográficos, econômicos e sociais. No segundo capítulo, intitulado “Lazer, turismo e envelhecimento”, apresentou-se um panorama da relação entre lazer, turismo e o processo de envelhecimento, objetivando compreender o lazer no envelhecimento, as particularidades da viagem para o idoso, a relação entre envelhecimento e consumo do turismo e finalmente, fechando com uma

discussão sobre as iniciativas para a inserção do idoso no mercado turístico na atualidade. No terceiro capítulo, “Representações e expectativas do lazer e do turismo”, apresentam-se os resultados de pesquisa, com uma descrição da metodologia utilizada no decorrer do trabalho.

Finalmente, expõem-se as considerações da interface dos dados da pesquisa bibliográfica, apresentados nos dois primeiros capítulos, com os resultados de entrevistas obtidos no terceiro capítulo. Retoma-se a discussão de como o idoso é socialmente caracterizado, quais são suas possibilidades de relacionamento social na contemporaneidade, como se dá o processo da aposentadoria, as novas formas de organização do cotidiano, a relação com o tempo livre, abordando as representações e as expectativas em relação à viagem.

1 O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO: TENDÊNCIAS NA ATUALIDADE

Na medida em que o fenômeno do envelhecimento cresce e as implicações deste crescimento refletem na sociedade como um todo, aumenta o interesse em se conhecer e entender o universo do idoso. De fato, a progressão da população idosa, implicou por um lado, na especialização em diversos setores da cadeia produtiva, e, por outro, no desenvolvimento do interesse em se conhecer o processo de envelhecimento.

Papaléo Netto (2005) coloca que o interesse pelo envelhecimento é tão antigo quanto a própria humanidade. Entretanto, nota-se que apenas recentemente os estudos a respeito ampliaram-se no Brasil, mais especificamente a partir da década de 1980, impulsionados pelo rápido crescimento do contingente de idosos em relação às outras faixas etárias, seguido da pressão da sociedade que passou a sentir necessidade de solução para os problemas médicos, psicossociais e econômicos gerados pela velhice. Conseqüentemente, despertou-se o interesse dos profissionais da saúde, dos pesquisadores e da comunidade científica em geral, que vislumbraram um amplo campo de investigação, disseminando conhecimentos sobre o fenômeno da velhice.

Os estudos acerca do envelhecimento expandem-se paulatinamente em diversos campos de conhecimento, destacando-se as pesquisas relacionadas com a questão da saúde. Realmente, especialmente, na Medicina, destacam-se os avanços da Geriatria, especialidade médica que se incumbe da prevenção e do tratamento das doenças dos idosos, além de se preocupar em prolongar a vida de forma saudável.

Além das evoluções notórias na área médica, enfatiza-se o crescimento e a consolidação da Gerontologia, campo de atuação multi e interdisciplinar que se dedica aos estudos sobre o envelhecimento sob os aspectos biopsicossocial, compreendendo diferentes áreas de formação como a biologia, a psicologia, as ciências sociais, entre outras, que evoluem em seus estudos não apenas as questões relacionadas ao idoso, mas englobam investigações que tratam da família, das instituições que prestam algum tipo de serviço aos idosos, enfim, da sociedade como um todo, com propósito de contribuir para que o processo de envelhecimento seja bem sucedido em diversos âmbitos (NERI, 2008).

Ao mesmo tempo em que aumentam os estudos e as pesquisas sobre a temática do envelhecimento, observa-se o exponencial crescimento das produções acadêmicas e da oferta

de cursos variados de preparo para os “cuidadores” dos idosos, incluindo familiares, amigos e profissionais da saúde. Do mesmo modo, a partir da década de 1990, nota-se o aumento significativo da produção científica sobre envelhecimento, advindo da proliferação de instituições, cursos de pós-graduação e periódicos que tratam do tema com as mais diferentes abordagens.

Na classificação proposta por Azevedo (2007), os estudos sobre o envelhecimento podem ser divididos em quatro eixos temáticos: 1) Aspectos fisiológicos do envelhecimento humano; 2) Aspectos epidemiológicos do envelhecimento humano; 3) Qualidade de vida do idoso; e 4) Apoio social ao idoso e família. Embora a pesquisa referida reúna apenas a produção de periódicos científicos na área da saúde, julga-se esta divisão pertinente para dizer que, inicialmente, a produção acadêmica sobre envelhecimento concentrava-se nos primeiros dois eixos, onde se observa maior incidência dos estudos relacionados à saúde física e às debilidades mentais. As doenças e, principalmente, os tratamentos para curar ou amenizar as patologias sempre estiveram presentes no interesse dos cientistas, assim como os aspectos psicológicos, especialmente, no que concerne aos desvios mentais. Atualmente estas questões ainda são amplamente discutidas; contudo é possível dizer que os estudos dos dois últimos eixos são mais recentes e estão em franca expansão, uma vez que o aumento vertiginoso e as expectativas de continuidade no crescimento da população idosa têm despertado interesse e curiosidade sob diferentes enfoques, face às necessidades advindas da nova configuração demográfica.

As questões relacionadas à previdência ganharam seu espaço nas discussões sobre a velhice, que no Brasil acontecem a partir da segunda metade do século XX, justamente após a conquista dos direitos trabalhistas e, sobretudo, da aprovação da aposentadoria como direito civil (HADDAD, 1993). O leque de enfoques aumenta dentro destas temáticas e novas possibilidades são inseridas, de modo que perpassam diversos campos da vida cotidiana. Então, campos de conhecimento relacionados ao direito, serviço social, educação, nutrição, ciências sociais entre outros merecem destaque na comunidade acadêmica por sua contribuição ao entendimento sobre o universo do envelhecimento (GOLDSTEIN, 1999).

Entre os assuntos que, notadamente, crescem cita-se a institucionalização da velhice, a capacitação e as habilidades dos cuidadores (familiares ou não), a cidadania, a promoção do envelhecimento saudável, a sexualidade e as doenças sexualmente transmissíveis, a forma como o governo e a sociedade preparam-se para encarar o novo perfil demográfico, as tecnologias para retardamento do envelhecimento e a prevenção da morte de células. A

amplitude e a complexidade do fenômeno do envelhecimento têm sido apontadas como um dos grandes desafios do futuro próximo.

Da mesma forma, os cursos que destacam o envelhecimento como alvo de estudo também têm aumentado, haja vista as linhas de pesquisa referentes aos aspectos senis dentro de cursos de Graduação e Pós-Graduação, *lato e stricto sensu*, inseridos em cursos nas áreas de Psicologia, de Educação, de Saúde, entre outras, em diferentes instituições no território nacional. Além disso, podem-se citar os cursos específicos em Gerontologia como o bacharelado da Universidade de São Paulo (USP-Leste) e os cursos de pós-graduação *stricto sensu* da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Existem os cursos de pós-graduação que dispõem de linhas de pesquisa que trabalham a temática do envelhecimento ou que suas linhas de pesquisa permitem interface com a temática, como é o caso do Mestrado em Hospitalidade, contribuindo especialmente para maior compreensão da faixa etária. A produção acadêmica (teses, dissertações e artigos científicos) sobre envelhecimento humano gerada no âmbito destes cursos, no presente momento, exprime-se como sólida e atualizada fonte de pesquisa.

Paralelamente, a obrigatoriedade de divulgação das dissertações e teses na rede mundial de comunicação pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a partir do ano de 2006, favoreceu o acesso às produções acadêmicas sobre o assunto, fruto de cursos de mestrado e de doutorado em todo território nacional. Ao longo do desenvolvimento deste trabalho observou-se o crescimento na quantidade de documentos que abordavam aspectos sociais da vida dos idosos no Portal Domínio Público (BRASIL, 2009).

Concomitantemente, cresceram e se consolidaram os grupos de estudos em universidades pelo território brasileiro, merecendo destaque o Observatório Nacional da Pessoa Idosa, órgão da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), que oferece serviços de prevenção e apoio aos idosos, vítimas de violência e maus-tratos; o Grupo de Estudos do Envelhecimento e Terceira Idade (GEENTI), da Faculdade de Ciências Médicas, da UNICAMP que, desde 2003, se dedica aos estudos nas áreas da Geriatria e da Gerontologia; e o Núcleo de Estudos e Pesquisas do Envelhecimento (NEPE) da PUC-SP, ambos com propósito de explorar diferentes vertentes do envelhecimento e a preparação para o atendimento deste público. Esses grupos são, notadamente, responsáveis por grande parte das pesquisas realizadas sobre o tema, bem como pela produção acadêmica. Observam-se, de maneira especial, as publicações geradas pelos grupos da UNICAMP, organizadas em coleções (Maioridade e Vivacidade) que abarcam o entrelaçamento de diferentes assuntos com o envelhecimento, e o grupo da PUC-SP, que publica semestralmente o periódico científico

Kairós, classificado na lista Qualis da CAPES em diversas áreas de avaliação, o que confere credibilidade às informações publicadas.

Diante desse quadro sobre a produção, para este trabalho, organizou-se um mapeamento da bibliografia e das leituras realizadas, objetivando a relação entre envelhecimento e situações de convívio, subdividindo-se os estudos por temas, dentre os quais se destacam comportamento, institucionalização, educação, lazer e trabalho, por vezes havendo inter-relações entre estes. Esse mapeamento permite dimensionar o convívio social como alavanca para a melhoria da qualidade de vida dos idosos, não se reduzindo ao bem-estar social, abrangendo também o bem-estar físico e mental.

Notou-se que a produção voltada para o lazer como temática principal se apóia, principalmente em tópicos como desenvolvimento de atividades físicas, grupos de convívio, bailes e outros eventos festivos, educação, prática religiosa e turismo, este com representação mais tímida.

É notório também o crescimento das discussões sobre velhice no âmbito dos eventos científicos, com maior incidência para aqueles específicos da área da saúde, porém cada vez mais presentes em eventos de outras áreas, como por exemplo, o 1º Fórum Nacional de Gerontologia Social, que ocorreu em 1986 (SOCIEDADE BRASILEIRA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA, s/d).

A importância da discussão sobre a temática desperta atenção de instituições de grande representatividade mundial como a Organização das Nações Unidas (ONU) que realizou no início da década de 1980 a Assembléia Mundial sobre o Envelhecimento, onde se discutiu, entre outras coisas, a definição etária idoso. Duas décadas depois, no ano de 2002, a mesma instituição organizou a II Conferência Mundial do Envelhecimento, da qual resultou a elaboração do Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento. Neste trabalho, enfatiza-se a atuação da *World Tourism Organization* (WTO) que em 1997 promoveu a *International Conference on Senior Tourism*, em Madrid.

Ainda merecem destaque, as organizações que reúnem profissionais interessados no envelhecimento como a Sociedade Brasileira de Geriatria (SBG), criada em 1961, mudando sua nomenclatura para Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) em 1969. (SOCIEDADE BRASILEIRA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA, s/d).

À parte do universo acadêmico e dos profissionais que lidam com o processo de envelhecimento, pontua-se o crescimento vertiginoso de sítios na *internet* criados para ser um canal de comunicação direto com o idoso. Os portais apresentam relevância enquanto espaço de relacionamento e de diálogo entre idosos, além de expor anúncios de cursos, serviços e

produtos para o referido público. Muitos destes portais conjugam parcerias relevantes para sua manutenção, como por exemplo, o Portal Terceira Idade (www.portalterceiraidade.com.br) que embora tenha sido uma iniciativa do terceiro setor por meio da Organização Não-Governamental Cidadão Brasil, tem por principal parceiro a Prefeitura do Município de São Paulo (PORTAL DA TERCEIRA IDADE, 2009). Geralmente, as equipes destes portais contam com a colaboração de profissionais especializados em determinados campos do envelhecimento para manutenção e atualização de seus conteúdos, que tratam desde direitos dos idosos, até assuntos como saúde, lazer, entretenimento e etc.

Destaca-se que o crescimento das chamadas Universidades Abertas para a Terceira Idade, é especialmente atraente, uma vez que concentram grupos regulares de idosos, facilitando o desenvolvimento de pesquisas próprias sobre educação e aprendizado nesta fase da vida ou, ainda, outros tipos pesquisas diversas. A existência destes espaços possibilita também o desenvolvimento de inter-relações com outros assuntos, tais como sociabilidade, combate à depressão, lugar na família, auto-estima, medo da morte, entre outros.

Os grupos de convivência diversos representam outro tipo de organização que tem sido alvo de pesquisas e podem ser classificados por bairro; ligados a alguma instituição religiosa ou não, eles vêm sendo amplamente investigados por sua finalidade e mesmo pelo fato de facilitarem o encontro com o público objeto destes estudos.

Da mesma forma, aumenta a quantidade de eventos que visam reunir maiores de idade para tratar de assuntos diversos que lhes possam interessar, com destaque aos eventos organizados pela Associação Brasileira dos Clubes da Melhor Idade (ABCMI), como Encontro Luso-Brasileiro de Turismo Sênior, que em 2009 realizou sua décima edição.

As diversas manifestações de organização da faixa etária, mostrada nesta pesquisa, indicam que os idosos estão se preparando para compreender e viver melhor esta etapa da vida, enquanto a profissionalização e a busca de soluções para os problemas que atingem a velhice visam sua integração ao meio e o atendimento as suas diversas necessidades. As informações pulsam e tentam ensinar como viver bem a velhice ou, ainda, como conviver com as mudanças decorrentes dela.

Diante do levantamento realizado sobre o envelhecimento, pode-se deduzir que no processo de envelhecimento há uma redução no exercício da sociabilidade, possivelmente ocasionada pela saída do mercado de trabalho, pelo advento da aposentadoria, pelo término de obrigações civis e, em muitos casos, também familiares, tais como a educação dos filhos, que saem da casa dos pais para formarem suas famílias. É o que os estudiosos chamam de perda de papéis sociais, uma vez que a falta de compromissos formais pode acarretar sensação de

vazio, de solidão, de rejeição, entre outras sensações angustiantes que podem gerar algum tipo de desconforto mental e psicológico.

Na verdade, o aumento do tempo livre nesta faixa etária poderia ser canalizado para uma nova concepção e reorganização da vida. Entretanto, a falta de educação para o tempo livre acumulada ao longo dos anos interfere na interpretação desta fase.

Infere-se que as atividades de lazer cumprem um papel fundamental na sociabilidade dos idosos. Assim, esta pesquisa está estruturada de maneira que possibilite verificar se os participantes de um grupo de convívio e os demais entrevistados que tem na pauta de sua vida a realização de viagens, identificam diferenças entre este tipo de atividade em relação a outras atividades lazer, considerando-se mesmo o lazer doméstico.

A partir da revisão bibliográfica, nota-se que, ainda que não seja uma realidade predominante, este paradigma de velhice encontra-se em transformação, haja vista as diversas manifestações organizacionais a fim de auxiliar na construção de um olhar positivo sobre o envelhecimento.

Observa-se a relevância do interesse em dar continuidade a uma vida social ativa na velhice pelos próprios velhos, o que pode acontecer junto ao mercado de trabalho ou a outro tipo de atividade coletiva, como proposta pelas universidades abertas da terceira idade, pelos clubes, pelos grupos de convívio, pelas instituições religiosas, entre outras. Revelando que, de fato, se deseja manter contato com a sociedade, fugir do estereótipo de exclusão e isolamento, além de desenvolver aspectos de ordem cognitiva e afetiva.

1.1 Aspectos demográficos

A evolução da sociedade moderna está relacionada à adaptação de todo sistema da vida humana frente a uma distribuição etária jamais vivenciada em nossa história, o aumento do índice de envelhecimento populacional é uma realidade planetária indiscutível e, conseqüentemente, tem despertado o interesse em diversos campos de atuação.

A exemplo de renomadas organizações internacionais, como a ONU e a OMS, no território nacional brasileiro, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) também adota a nomenclatura ‘idoso’ para pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, idade referência também para o estabelecimento de programas e políticas governamentais como a

previdenciária (HADDAD, 1993) e, mais recentemente, a Política Nacional do Idoso (BRASIL, 1996).

Dados da Divisão de População da ONU (2000) indicam que em 1999 a população maior de 60 anos representava 10% na demografia do planeta e a expectativa para o ano de 2050 está projetada para alcançar 22%, explicitando o aumento progressivo da população idosa.

A tendência para 2020 é que seja triplicada a população mundial maior de 65 anos, que atualmente soma 700 milhões de pessoas, sendo que um em cada quatro japoneses, um em cada cinco alemães, franceses ou ingleses, e um em cada seis americanos, canadenses, australianos e neozelandeses terá 65 anos ou mais (HENLEY CENTRE HEADLIGHTVISION, 2006).

Com o evidente crescimento demográfico, a discussão sobre o envelhecimento populacional que, inicialmente, circulava nos campos relacionados aos aspectos de saúde física e mental, vem ganhando espaço e, como mencionado anteriormente, ampliando-se no âmbito acadêmico, passando a contemplar diversos aspectos como a oferta de serviços, a arquitetura, a moda, a publicidade, entre outros.

Em outras palavras, o mundo está se preparando para um novo contingente de idosos, não apenas por seu significativo aumento em números, mas, principalmente, por seu novo perfil, comumente dito como ‘ativo e saudável’, vem daí, inclusive, a denominação de ‘Melhor Idade’, em oposição à idéia pejorativa de velhice, sobre o que disserta Peixoto (1998, p. 81)

[...] a Terceira Idade designa principalmente os “jovens velhos”, os aposentados dinâmicos como a representação francesa (*sic*). E não é por acaso que surge um novo mercado para a terceira idade: turismo, produtos de beleza e alimentares, novas especialidades profissionais, gerontólogos, geriatras, etc. A Terceira Idade passa assim a ser uma expressão classificatória de uma categoria social bastante heterogênea. De fato, essa noção mascara uma realidade social em que a heterogeneidade econômica e etária é muito grande.

Com o aumento da sobrevida e, especialmente, com a melhoria da qualidade de vida neste período, a representação do idoso está atrelada a uma série de possibilidades e de atividades impensáveis há 20 anos, por exemplo.

Durante muito tempo o mundo viveu uma realidade populacional jovem, com especial destaque para esta característica demográfica no Brasil, onde não era possível envelhecer, pois a sobrevida além de ser menor, também era considerada a pior fase da vida humana, o

momento da doença e da espera pela morte. Portanto, a referência de velhice foi construída historicamente ligada à decrepitude.

As novas características da chamada Terceira Idade fizeram com que os “jovens idosos” formassem um grupo à parte, conforme Pauli (2001, p. 43) “A mudança de comportamento dos idosos desempenha um papel fundamental na construção de uma outra imagem que simboliza a liberdade e o lazer e também uma imagem de pessoas joviais, que podem usufruir e participar de atividades sociais.”

Assim, este novo grupo de idosos não se encaixa no perfil de decadência associado à velhice, a idéia de decrepitude fica adiada para outra etapa, já que há maior duração no tempo da velhice, logo é possível dividir esta etapa da vida em fases. Surge então uma nova categoria de velhos, constituída por aqueles que estão acima de 75 anos, os quais possivelmente se distanciam socialmente, pertence à chamada “Quarta Idade”:

[...] surge uma nova expressão na nomenclatura francesa para classificar as pessoas maiores de 75 anos: é a quarta idade. A representação social que liga a terceira idade à continuidade da vida através da autonomia das práticas de sociabilidade, associando a essa imagem a idade biológica (da aposentadoria), aproxima simultaneamente os representantes da Quarta Idade - os muito velhos -, à imagem tradicional da velhice, ou seja, a decadência ou incapacidade física. (PEIXOTO, 1998, p. 76-77).

Destaca-se que a pesquisa da autora acima foi desenvolvida a partir da noção de envelhecimento que contribuiu para a representação do conceito nas populações francesa e brasileira, especificamente nas cidades de Paris e do Rio de Janeiro. Embora as duas metrópoles possuam características econômicas, culturais, sociais e, até mesmo, demográficas diferentes, pode-se dizer que em ambas há o “alargamento das faixas de idade mais jovens e, assim, a criação de novas denominações” (PEIXOTO, 1998, p. 83). Note-se que, no caso francês, já se atinge à categoria denominada como “Quinta Idade”, ou seja, pessoas maiores de 85 anos.

A fragmentação da velhice aponta um reposicionamento da representação coletiva em relação aos idosos que, com o aumento da sobrevida, passam a ter maior relevância a manutenção da integridade mental e física até os últimos anos de vida, bem como a representação do significado da expressão “qualidade de vida”.

Da mesma forma, nota-se que esta situação tem acontecido no Brasil, o envelhecimento da população vem crescendo numa proporção bastante acelerada em relação às outras faixas etárias, conforme dados do IBGE (2003), expostos a seguir.

Envelhecimento demográfico no Brasil

No início da década de 1990, a população de 60 anos ou mais de idade no Brasil somava 10.722.705, o que representava 7,3%. Passada uma década, conforme o Censo 2000, este grupo etário sofreu um crescimento atingindo 14.536.029 pessoas e passando a representar 8,6% da população brasileira (IBGE, 2003).

De acordo com o IBGE (2003),

A proporção de idosos vem crescendo mais rapidamente que a proporção de crianças. Em 1980, existiam cerca de 16 idosos para cada 100 crianças; em 2000, essa relação praticamente dobrou, passando para quase 30 idosos por 100 crianças. A queda da taxa de fecundidade ainda é a principal responsável pela redução do número de crianças, mas a longevidade vem contribuindo progressivamente para o aumento de idosos na população. Um exemplo é o grupo das pessoas de 75 anos ou mais de idade que teve o maior crescimento relativo (49,3%) nos últimos dez anos, em relação ao total da população idosa.

Atualmente a população idosa brasileira, acima de 60 anos, consiste em 18 milhões de pessoas, o que já representa 10% da população. Esse número é três vezes maior que em 1970 e as projeções do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que haverá o aumento para 32 milhões de pessoas em 2020, o que colocará o Brasil na 6ª posição em número de idosos no planeta (IBGE, 2008).

Em comparação com os países desenvolvidos, a peculiaridade no processo de envelhecimento no Brasil está na velocidade na mudança das proporções demográficas, enquanto na Europa o processo de envelhecimento da população foi sendo estabelecido ao longo de dezenas de anos, no Brasil este avanço mereceu destaque em menos de 25 anos.

Além do considerável e acelerado aumento no percentual de pessoas idosas no montante da população, observa-se que gradualmente a expectativa de vida do brasileiro vem aumentando. Segundo o IBGE (2008), pela primeira vez as projeções anuais no Brasil ultrapassam a casa dos 70 anos, ficando acima da média mundial que é de 65,4 anos. O Quadro 1 sintetiza os resultados obtidos na Tábua de Mortalidade de 2007 do IBGE, publicada em dezembro de 2008, a qual destaca o aumento da expectativa de vida ao nascer do brasileiro que alcança 72,57 anos, tendo aumentado 5 anos, 6 meses e 26 dias, desde 1991, Sendo que há uma variação na expectativa de vida por gêneros, para os homens é de 68,82 anos, enquanto para as mulheres chega a 76,44 anos.

Sexo	1991	2007	Ganho no período	
Ambos os sexos	67,00	72,57	5,57	5 A, 6 M e 26 D
Homens	63,20	68,82	5,62	5 A, 7 M e 14 D
Mulheres	70,90	76,44	5,54	5 A, 6 M e 15 D

A = Anos M = Meses D = Dias

Quadro 1 – Esperança de vida ao nascer no Brasil por sexo e ganho absoluto – 1991/2007
Fonte: IBGE (2008)

O aumento da esperança de vida do brasileiro ao nascer deve-se, principalmente, à evolução da medicina, à ampliação dos programas de saneamento básico e ao avanço da tecnologia, aliados à menor taxa de fecundidade, alcançada após o advento e a popularização dos métodos anticoncepcionais, a revolução feminina e a sua inserção no mercado de trabalho, fatos determinantes no planejamento familiar e profissional da mulher, que influenciaram a alteração na formação as famílias brasileiras.

A figura 1 ilustra a projeção da estrutura etária brasileira, nela é possível notar a modificação da distribuição por idade da população, a qual demonstra a tendência de aumento das pessoas maiores de 60 anos.

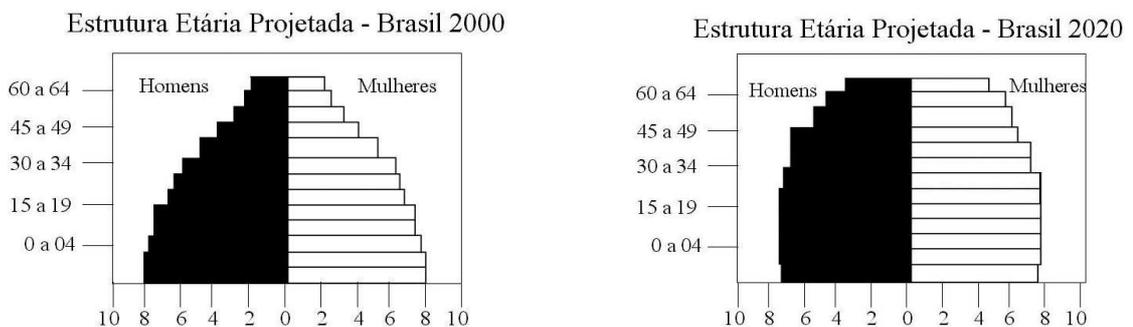


Figura 1 – Evolução da estrutura etária brasileira
Fonte: IBGE (2003)

O desaceleramento do envelhecimento permite que se tenha maior tempo de sobrevivência, e, a partir do início deste novo século, o tempo de vida da velhice, com seus ganhos quantitativos, já permite que haja escala, ou seja, já se pode dividir a velhice em etapas como há na infância (GARCIA, 2001).

São as denominadas terceira e quarta idade, conforme exposto anteriormente. Também se encontra outra forma de divisão: de 65 a 75 anos é o velho-jovem, de 75 a 85 anos é o

velho-médio e a partir de 85 anos o velho-velho, conforme apresentado por Novaes (2000) que considera estas divisões um importante passo na compreensão do processo de envelhecimento.

Com maior longevidade, hoje já é possível que as pessoas vivam 30 anos ou mais aposentadas e com o aumento significativo da população idosa justifica-se a especialização em diversos setores da cadeia produtiva, conforme aponta Doll (2007). Igualmente, Debert (1999) reforça a necessidade de repensar diversas questões relacionadas ao envelhecimento, especialmente em relação aos fenômenos sociais.

No estado de São Paulo, segundo a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE), a quantidade de pessoas idosas no Estado ultrapassa quatro milhões, o que equivale a 10,7% da população estadual, as projeções da fundação demonstram que esse número poderá ultrapassar sete milhões de pessoas em pouco tempo. Já na capital do estado, maior município brasileiro, estima-se que já existam cerca de um milhão de pessoas maiores de 60 anos, em números absolutos, representa a maior população idosa por município do país.

1.2 Aspectos econômicos

Envelhecimento e trabalho

É certo que a nova tendência na situação demográfica tem influenciado o poder público e a sociedade civil, devido ao impacto direto na economia da nação em virtude do sistema previdenciário e das diversas conexões possíveis que permeiam a vida de um cidadão.

Estes impactos estendem-se ao sistema de trabalho, acarretando inovações no sistema de emprego em curto prazo nas organizações. Assim sendo, repensar o envelhecimento populacional, do ponto de vista do mercado de trabalho, constitui uma estratégia preventiva para a economia dos países que em breve contarão com um contingente reduzido de trabalhadores, o que poderá comprometer o crescimento econômico. Em um estudo sobre a participação de idosos no mercado de trabalho no Brasil e nos países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), desenvolvido para a Câmara dos Deputados, Furtado (2005, p. 6) discorre,

No mercado de trabalho, a redução da taxa de participação dos trabalhadores mais idosos, aliada à queda das taxas de crescimento do PEA jovem, motivou em alguns países uma contratação na força de trabalho. [...] os países desenvolvidos promoveram ao longo da década de noventa, uma completa reviravolta em suas políticas para os idosos. O objetivo passou a ser o de eliminar os incentivos à aposentadoria precoce, para elevar a taxa de participação e o nível de emprego de trabalhadores idosos.

Uyehara e Côrte (2006) também dissertaram sobre o posicionamento dos governos nos países desenvolvidos, que começaram a reformular seus sistemas previdenciários e demais políticas envolvendo idosos, a fim de postergar a aposentadoria dos cidadãos, evitando um colapso nas contas públicas

No Brasil o percentual de idosos que compunha a População Economicamente Ativa (PEA) brasileiro em 1998 correspondia a 9 % e a expectativa para 2020 é que esse percentual aumente para 13%. Esses dados são relevantes na medida em que demonstram a fragilidade econômica da faixa etária, bem como a dependência em relação ao trabalho, que muitas vezes constitui o principal elemento de sociabilidade do indivíduo.

A aposentadoria

O início do sistema previdenciário brasileiro data dos anos de 1940, quando a expectativa de vida do brasileiro era de cerca de 50 anos e, portanto, o custo com o benefício tinha baixa representatividade nas contas públicas.

O advento da aposentadoria no Brasil representou um marco na conquista dos direitos trabalhistas, como garantia de renda após o período de trabalho e contribuição para o atendimento das necessidades dos idosos, com face à melhoria na qualidade de vida. A partir de então, vislumbrou-se a possibilidade do desenvolvimento de novos hábitos e comportamentos para esta população.

Parece justo o direito à aposentadoria após 30 anos de produção e de contribuição ao Estado; deste ângulo, a aposentadoria deveria ser contemplada como uma recompensa financeira, num período onde a liberação do trabalho e da produção, poderia representar o a melhoria de qualidade de vida e do gozo de maiores oportunidades de lazer.

Contudo, se por um lado, a aposentadoria oferece, ou deveria oferecer, segurança monetária, por outro, baseado no sistema econômico capitalista, traz consigo a idéia de inatividade e deterioração da pessoa, bem como de sua saúde mental e social. Em especial quanto ao bem estar social, destaca-se o que escreve Mori (2006, p.14)

Às pessoas que envelhecem e que não participam diretamente do processo produtivo é imposto, na sociedade urbano-industrial, o isolamento social. **As relações sociais estabelecidas ao longo da vida se enfraquecem ou deixam de existir.** [grifo nosso].

O autor destaca a relevância do processo produtivo enquanto propulsor da vida social dos indivíduos. Estas idéias estão atreladas ao modo de vida da sociedade capitalista, a qual o valoriza o esforço e a capacidade de trabalho, em oposição ao que é vivenciado na velhice; estudos demonstram que a aposentadoria identifica a pessoa como incapaz, uma vez que já não contribui para a produção econômica.

Não há como ignorar os estigmas que cercam o idoso aposentado; apreendido como “incapaz”, na medida em que nada tem a contribuir. Perdeu sua força de trabalho, assim, ao corpo envelhecido associa-se, via de regra, as representações de improdutividade e de incapacidade. O idoso aposentado vê esgarçar-se seu currículo de amizades construído com base em suas relações de trabalho; vê diminuídas suas obrigações, à medida que outros membros da família passam a substituí-lo (MORI, 2006, p. 14-15).

Assim, Mori (2006) incita à reflexão a respeito do lugar do trabalho na vida dos indivíduos e dos impactos da aposentadoria para a vida social das pessoas.

A partir da segunda metade do século XIX, a velhice passou a ser tratada como uma fase da vida caracterizada pela decadência física e pela ausência de papéis sociais, a aposentadoria, então, configura-se como um marco na vida das pessoas: a partir dela há o declínio no orçamento e na imagem social. Contempla-se o período da velhice, no sentido pejorativo e não como mais uma fase no percurso da vida (DEBERT, 1999).

A idéia negativa que permeia a relação “envelhecimento, mercado de trabalho e aposentadoria”, sobretudo nos países capitalistas, alcança status de representação social, construída com base no preconceito e afirmada pela mídia. A incorporação do valor da produção como base da sociedade coloca a questão do envelhecimento como um elemento de preconceito e exclusão.

Baumam (1989) discute a relação entre trabalho e consumo advertindo que na sociedade atual o consumismo tem caráter de prazer e que a satisfação que as pessoas buscam no consumo está atrelada à sua integração social. Neste cenário, a diminuição de rendimentos do idoso significa exclusão social.

Coutrim (2006, p. 101) dá sua colaboração sobre o assunto colocando que o trabalho, apesar do cansaço que proporciona, “compensa porque é o que confere poder e oferece um espaço de socialização diferente do doméstico”.

O sentimento de isolamento e inutilidade, a falta de afeto e de atividades físicas, sociais e financeiras, são fatores que podem acelerar o envelhecimento social. Por outro lado, a energia e a vontade de viver, impulsionam e prolongam consideravelmente a existência de uma vida (FRUTUOSO, 1999).

Uyehara e Côrte (2006, p. 112) destacam que, especificamente para o idoso, “Mais do que espaço de trabalho, as organizações constituem um espaço de convivência humana produtivo para o trabalho”, confirmando que o trabalho tem cumprido um papel de sociabilidade na vida do idoso.

Atualmente o universo de idosos aposentados no Brasil alcança 64% da população maior de 60 anos. A pesquisa, *Idosos no Brasil – Vivências, desafios e expectativas na terceira idade*, realizada pela Fundação Perseu Abramo (FAP) em parceria com o Serviço Social do Comércio de São Paulo (SESC/SP) que objetivou retratar a realidade do idoso brasileiro em diversos aspectos nos domínios psicológico, social e da saúde, demonstrou que o percentual de aposentados por gênero é distinto, sendo que no universo masculino corresponde a 80%, contra 52% no universo feminino. Em geral os homens se aposentam por idade, ao passo que as mulheres se aposentam por tempo de serviço (NERI, M. C., 2007).

O retardamento na procura da aposentadoria pelo universo masculino, possivelmente, está atrelado à cultura ocidental que educa a população para o trabalho e os que não trabalham são taxados pejorativamente, fazendo com que se sintam inválidos e sem função na sociedade. Tal fato é representado na pesquisa pelo fato de 11% do total de idosos pesquisados declararem não ter desejado se aposentar, ainda que a aposentadoria seja uma conquista trabalhista.

A discrepância na procura pela aposentadoria entre os gêneros também se deve à diferença na representação da aposentadoria e no sentido do trabalho entre os sexos. Enquanto para as mulheres há uma retomada das tarefas domésticas, para os homens é encerrado seu período produtivo e há perda do papel social. A adaptação à rotina de aposentado afeta particularmente o gênero masculino, já que foi definido historicamente como o provedor e a

queda nos seus rendimentos depois da aposentadoria tende ao surgimento de dificuldades em manter o mesmo padrão de vida econômico e *status* social.

Naturalmente, o significado do trabalho pode sofrer modificações dependendo da educação e do processo de socialização do indivíduo e, ainda, os valores podem ser deturpados ao longo da vida pelas experiências e condições de trabalho vivenciadas.

Além de manter-se financeiramente ou de auxiliar no orçamento familiar, para as pessoas idosas o trabalho alcança dimensões significativas. Ter o suficiente para o sustento, aliás, não deixa de ser um aspecto intangível do sentido do trabalho, visto que na medida em que podem se sustentar, também, tem a possibilidade de garantir sua liberdade e autonomia.

As dimensões intangíveis do trabalho para o idoso estão relacionadas ao exercício mental, como uma oportunidade de atualizar-se; à identidade pessoal, já que a profissão identifica o sujeito perante a sociedade; ao exercício de cidadania, pois o indivíduo que trabalha sente-se participante da sociedade em que vive; e aos aspectos de sociabilidade, visto que é uma oportunidade de relacionar-se com o próximo, diminuindo a rejeição social construída e vivida pelos idosos.

Luca (2003), em pesquisa realizada na cidade de Mogi-Mirim, no interior paulista, constatou que a representação de velhice está estritamente ligada ao desempenho de um trabalho, onde o que simboliza o envelhecimento é não poder cuidar da própria produção, ou seja, não poder trabalhar.

Coutrim (2006) em pesquisa desenvolvida na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais, sobre a relevância do trabalho na vida de idosos atuantes do mercado informal constatou que o trabalho configura-se como uma estratégia contra a pobreza, visto que muitos são provedores de suas famílias. Para os idosos pesquisados trabalhar significa participar da sociedade, atualizar-se e contribuir para a sua manutenção financeira. Coloca, ainda que, que o trabalho confere uma identidade predominante de trabalhador e não de aposentado, o que se pode relacionar ao *status* de provedor, em oposição à situação de isolamento e segregação. Constituindo-se como forma de socialização, manutenção de poder e aumento da renda familiar, o que lhes confere certa liberdade.

À parte da configuração do trabalho como símbolo capitalista, de produção e de consumo, e do seu exercício como tática contra o declínio financeiro, para o idoso trabalhar é como um alibi e assume, particularmente, um aspecto de sociabilidade e de condição de convívio entre as pessoas dentro das organizações. Conforme Mori (2006, p. 17), “Para a vida de muitas pessoas o trabalho pode ocupar o vazio existencial e social, constituindo-se em um

modo de sublimação de necessidades frustradas, originando-se daí a sensação de que não se pode viver sem ele”.

Dejours (1999) ressalta que o trabalho configura-se como um espaço onde indivíduo busca auto-realização e identidade no campo social, visto que necessita do olhar e do julgamento do outro, implicando na necessidade de reconhecimento.

Quando se trata de pessoas idosas, a dimensão do papel de sociabilidade do trabalho é, especialmente, maior. O campo de possibilidades de convívio das pessoas idosas é restrito e a discussão da representação coletiva construída sobre solidão na velhice tem recebido destaque nas pesquisas acadêmicas, corroborando com Pereira (2006, p. 63) que escreve: “A sensação de solidão nessa fase da vida é algo comum, já que é o momento em que perdem as relações sociais criadas pelo trabalho [...]”. Portanto, a não participação no mercado de trabalho impõe um isolamento social, visto que as relações estabelecidas no trabalho enfraquecem e/ou desaparecem.

Ter um emprego para o idoso exprime aumento de renda e ampliação do espaço de convivência, da melhoria de qualidade de vida, do resgate de auto-estima e da cidadania.

Para os idosos os principais benefícios de estar no mercado de trabalho são o reconhecimento tanto por parte tanto dos colegas de trabalho, como dos clientes e da própria família, além da oportunidade de sociabilidade, do sentimento de cidadania, a independência e a diminuição de rejeição social.

É válido destacar que diante da dimensão que o trabalho alcança nesta idade, as pesquisas ressaltam que estas constatações não pretendem estimular o trabalho na velhice, mas demonstrar como o trabalho pode se configurar como espaço de liberdade, socialização.

Seguindo este raciocínio, ressalta-se o quão representativo é o trabalho como espaço para exercício da sociabilidade, ao mesmo tempo em que traz à tona uma reflexão a respeito da representação construída coletivamente acerca do tempo livre, do significado do trabalho e dos impactos gerados pela aposentadoria e as adaptações a essa nova etapa da vida.

O idoso no mercado de trabalho

O comportamento da sociedade, ao longo de nossa história recente, construiu uma imagem de deterioração do idoso. Hoje, com os diversos avanços científicos e tecnológicos, as pessoas atingem uma longevidade muito maior que em outros tempos. Esse fato é

fundamental para que sejam revistas as concepções sobre a pessoa idosa. Acompanhando as mudanças de valores com a virada do milênio, veio a mudança do perfil demográfico das populações, que trouxe consigo alteração nos estilos de vida, nos sistemas de produção e no consumo de maneira geral.

Não é a força, nem a agilidade física, nem a rapidez que impulsionam as grandes façanhas; são outras qualidades, como a sabedoria, a clarividência, o discernimento. Qualidades estas que a velhice não apenas conserva, mas, ao contrário, pode delas, particularmente, tirar proveito (CICERÓN, 1995, p. 28).

De fato, ter um trabalho como opção e não como obrigação, mais leve e adequado à idade, é uma alternativa para melhor adaptação à rotina de aposentado. Entretanto, as alternativas para pessoas idosas são escassas. A idade é um fator limitante para manter-se ou para se reinserir no mercado de trabalho, além do preconceito em relação ao envelhecimento, a demanda de pessoas mais jovens desempregadas ou procurando uma nova colocação interferem na absorção da mão de obra mais velha.

Isso por que o mercado de trabalho atual configura-se como excludente não apenas ao idoso, propriamente dito, mas às pessoas maiores de 40 anos. “O desemprego dos adultos mais velhos e dos idosos é mais devido à falta de oportunidades educacionais e de treinamento em serviço e aos preconceitos de que ao envelhecimento em si mesmo” (NERI, 2002, p. 13).

O desequilíbrio entre a demanda de mão-de-obra e a oferta de vagas de emprego, contribui para a criação de critérios de exclusão para a contratação nas organizações, sobretudo nas privadas. Tal fato está relacionado ao modelo de economia capitalista, o qual valoriza a produção em larga escala e rejeita o idoso como trabalhador (TOWNSEND, 1981).

Como diz Uyehara e Côrte (2006, p. 108),

Se o mercado de trabalho é excludente no que se refere à mão-de-obra de terceira idade e o idoso necessita trabalhar para não se tornar um problema crônico para os governos, surge um problema social que exige reflexão das instituições sociais, governo, empresas e sociedade).

Ao interpretar a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), Neri M. C. (2007) aponta que a presença de idosos no mercado de trabalho nacional se dá em ocupações informais. Em geral são ocupações temporárias por conta própria.

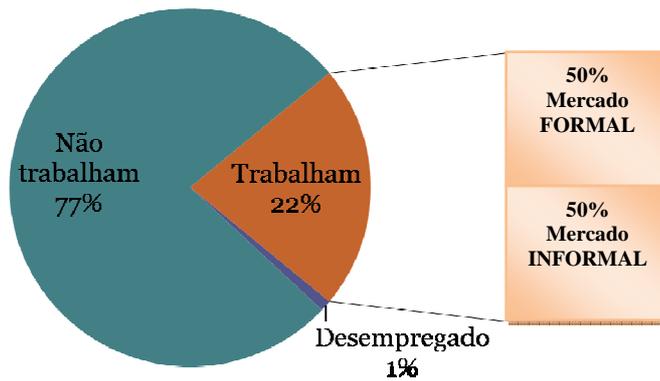


Gráfico 1 – Situação trabalhista dos idosos brasileiros

Fonte: NERI, M. C. (2007)

Cabe observar que, dos idosos que saíram do mercado de trabalho, a totalidade não se deveu, necessariamente, à baixa produtividade. Neri (2002) coloca que a saída dos adultos mais velhos e dos idosos do emprego se deve mais ao preconceito, à falta de oportunidades educacionais e de treinamento, do que ao envelhecimento.

A respeito desta situação Coutrim (2006, p. 98) observa que,

[...] não se pretende aqui fazer apologia ao trabalho na velhice, mas demonstrar que, para a população de baixa renda com um perfil diferente dos freqüentadores dos programas de terceira idade e excluída dos grupos de lazer, o trabalho revela-se como a principal fonte de liberdade, poder e auto-estima e uma alternativa concreta para o desgaste físico e psicológico proveniente da intensa convivência familiar.

O envelhecimento da força de trabalho em boa parte do mundo será um dos principais desafios enfrentados pelas empresas no futuro próximo e as empresas precisarão segurar por mais tempo os funcionários experientes.

[...] as organizações empregadoras – e não somente as empresas – devem começar, o mais cedo possível, a experimentar novas relações de trabalho com pessoas mais idosas e, notadamente, com trabalhadores do conhecimento mais velhos. A organização que conseguir primeiro atrair e reter trabalhadores do conhecimento acima da idade tradicional de aposentadoria e torná-los plenamente produtivos terá uma enorme vantagem competitiva (DRUCKER, 1999, p. 47).

Drucker (1999) coloca que a queda da taxa de natalidade no mundo é um fenômeno confirmado e que deve pautar a estratégia das organizações, levando em conta não apenas como fator econômico, mas também como fator social e político.

A diminuição da taxa de natalidade aliada ao avanço no tempo de vida mudará a distribuição etária da população mundial, a população jovem diminuirá, ao passo que a população idosa aumentará. Na Itália, por exemplo, a previsão é que em 2080 a população total não passe de 20 milhões de pessoas, composto por uma pequena parcela de menores de 15 anos e pelo menos um terço acima de 60 anos (DRUCKER, 1999).

Na Europa, atualmente, o número de trabalhadores maiores de 65 anos, supera os menores de 14 anos, sendo que 20% possuem ensino superior e 4% apenas o ensino fundamental. Nos Estados Unidos da América os trabalhadores maiores de 55 anos aumentarão em cerca de 11 milhões até 2025 e serão o dobro daqueles na faixa etária entre 25 e 54 anos.

A “aposentadoria” poderá vir a significar duas coisas diferentes. É provável que a tendência no sentido da “aposentadoria precoce” continue, mas ela não mais irá significar que a pessoa deixe de trabalhar, mas sim que deixe de trabalhar em tempo integral ou como empregada de uma organização durante o ano inteiro em lugar de alguns meses por vez (DRUCKER, 1999, p. 46).

Portanto, há evidências da necessidade de uma revisão dos valores e dos processos na administração das organizações, especialmente, em relação à Gestão de Pessoas no que concerne à incorporação de políticas que contemplem nova realidade demográfica do planeta.

Além disso, as organizações devem preparar-se para uma nova realidade de consumo, contemplando as necessidades e desejos das pessoas mais velhas, pois o reposicionamento estratégico em relação a esse novo segmento consumidor impactará na economia dos negócios nos próximos anos.

Há empresas que já identificaram o potencial do trabalhador idoso no sentido de ser detentor de experiência, os quais são referências, uma vez que conhecem os detalhes dos serviços. A contratação ou a retenção de idosos nas organizações também é um fator valorizado pelos funcionários mais jovens, uma vez que não se sentem ameaçados pela possibilidade de serem descartados com o avanço da idade. Estas organizações reconhecem como vantagem o exercício da responsabilidade social, o aumento da produtividade imagem positiva perante o mercado e à comunidade, além da elevação na qualidade do trabalho (FRANÇA, s/d).

Determinadas características dos idosos justificam esta nova prática pelas organizações que, além de auxiliar na superação das dificuldades financeiras, fazem do idoso

uma referência na instituição, que auxilia aos mais jovens e podem ser aproveitados nas profissões e/ou cargos que exigem atualização e experiência.

Neri e Freire (2000, p. 11) colocam que

Os adultos mais velhos detêm um conhecimento altamente especializado, não codificado em manuais, livros ou programas de computador [...] os adultos maduros são chamados a atuar como conselheiros, modelos, consultores, e fontes de informação sobre fatos e procedimentos [...] podem influenciar positivamente a motivação dos mais novos [...].

Algumas atitudes e valores são especialmente ressaltados nesta idade, tais como responsabilidade, sabedoria, alegria, amizade, religião, solidariedade, paciência e respeito às diferenças, os quais são identificados como os mais importantes pelos idosos entrevistados na pesquisa, *Idosos no Brasil – Vivências, desafios e expectativas na terceira idade*, quando se tratou sobre percepção e auto-imagem. Cabe salientar que as três primeiras posições foram responsabilidade, sabedoria e alegria e amizade (LOPES, 2007).

A percepção dos idosos sobre valores e atitudes pertinentes a eles, é confirmada por profissionais que trabalham em organizações que empregam pessoas idosas. De acordo com Nascimento, Argimon e Lopes (2006, p. 1),

O idoso com suas potencialidades e limitações, pode ser parte significativa da força de trabalho, em que, mais do que nunca, as questões relativas à carga mental do trabalhador se tornarão mais relevantes do que as associadas à carga física, resgatando o idoso na sua bagagem cognitiva e desempenho.

O comprometimento organizacional e o valor afetivo (social e emocional) que o idoso atribui ao trabalho lhes concedem uma característica apreciada pelas instituições. É comum a frase “vestir a camisa”, ou seja, a organização precisa de pessoas comprometidas com sua missão é o que ocorre com as pessoas mais velhas, a capacidade de concentração, o sentimento de orgulho e de gratidão e a filosofia de não “deixar para amanhã o que pode fazer hoje”, beneficiam as organizações que contratam idosos (UYEHARA; CÔRTE, 2006).

Nesse sentido os idosos podem ser absorvidos em posições que exijam menor esforço físico e que valorizem habilidades e conhecimentos, possíveis de desempenhar na prestação de serviços, executando tarefas nas quais o acúmulo de experiência profissional seja facilitador.

Há de se considerar que esse trabalhador envelhece na mesma proporção que o consumidor e que a experiência acumulada do primeiro pode agregar valor ao produto ou serviço ofertado pelas empresas ao segundo em um mercado cada vez mais competitivo. Essa experiência acumulada é resultante do tempo vivido, do vínculo criado com pessoas, fatos e processos, enfim, da memória do profissional mais maduro (UYEHARA; CÔRTE, 2006, p. 108)

As questões da atualidade permeiam a gestão das organizações, de modo que o envelhecimento populacional está na pauta das discussões neste âmbito, as perspectivas de atuação das organizações passam pelo crescimento da população idosa e pelo aumento de profissionais interessados em buscar soluções para os problemas que afligem a ‘terceira idade’. A relação entre “envelhecimento e gestão” passa também pela questão da responsabilidade social empresarial, assunto amplamente discutido e que vem sendo considerado como uma das vertentes de avaliação das organizações, na qual a preparação para a aposentadoria tem papel de destaque (INSTITUTO ETHOS DE RESPONSABILIDADE SOCIAL, 2008).

Programas de Preparação para a Aposentadoria

O tema da preparação para aposentadoria vem sendo discutido desde a metade do século XX nos Estados Unidos da América, com a finalidade de prestar esclarecimentos sobre o sistema de aposentadoria e de pensão, aos poucos se agregou novos conteúdos, passando a tratar também das relações trabalhistas e demais aspectos que envolvessem a interrupção do trabalho.

Em 1982 a ONU, durante a Assembléia Mundial sobre o Envelhecimento, abordou a temática da preparação para aposentadoria, visando apresentar aos aposentados a possibilidade de participação ativa na vida comunitária das nações, trazendo com isso benefícios à sociedade como um todo (SOBREIRA NETTO; PEREIRA NETTO, 2009). Isso aconteceu por que,

[...] as organizações sentiram, ao longo do tempo, a necessidade de promover Programas de Preparação para a Aposentadoria - PPA para seus funcionários, como uma etapa de transição de um período intenso de trabalho para outro mais tranquilo, em que a qualidade de vida e a valorização do ser humano não sofram perdas. No PPA, a empresa deve

desenvolver atividades contínuas de aconselhamento e preparação para a aposentadoria dos membros de sua força de trabalho, abrangendo diversos fatores, tais como físicos, psicológicos, sociais, administrativos, dentre outros. (SOBREIRA NETTO; PEREIRA NETTO, 2009, p. 2).

No Brasil, os registros dos primeiros Programas de Preparação para Aposentadoria (PPA) datam do final dos anos de 1970. Entretanto, com a instabilidade econômica brasileira, estes programas eram vistos com desconfiança e até com caráter eliminatório, uma vez que a realidade demográfica do Brasil apresentava um grande contingente de mão-de-obra jovem, o que fazia com que estes programas, de fato, incentivassem a aposentadoria e, também, as demissões voluntárias em função da redução do número de trabalhadores ativos (SOBREIRA NETTO; PEREIRA NETTO, 2009). Destoando do propósito dos PPA's que devem apresentar uma nova forma de organização da vida após o período de trabalho.

A preparação para a aposentadoria consiste na reorganização da vida familiar, novas relações afetivas, novos espaços de convívio e de relacionamento fora do mundo do trabalho. Surgem trabalhos alternativos, os hobbies, as experiências em artes e ofícios que implicam em autonomia com relação à organização do trabalho (NASCIMENTO; ARGIMON; LOPES, 2006, p. 3)

Contudo, não se pode descartar que a aposentadoria traz idéias contraditórias: por um lado se vislumbra um tempo livre e desobrigado e, por outro lado, a interrupção das atividades rotineiras, remete à nostalgia e ao enfado.

Tanto na Política Nacional do Idoso (BRASIL, 1996), quanto no Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003) consta a proposta dos Programas de Preparação para a Aposentadoria, nos setores públicos e privados, com antecedência mínima de um ano do afastamento do trabalhador, orientando-o sobre direitos sociais e cidadania, além de estimular novos projetos sociais, de acordo com seus interesses.

A propagação dos PPA's nas organizações prevê a adequação de uma nova realidade temporal distante do ambiente profissional é também uma função social das organizações. Assim, os Programas de Preparação para a Aposentadoria devem ter

[...] caráter formativo e informativo possibilitando a essas pessoas realizar reflexões, tomar consciência do processo de envelhecimento e quais as atitudes a serem tomadas diante das alterações relacionadas aos aspectos econômicos, sociais e familiares no momento da aposentadoria (FRANÇA, s/d, p. 1).

Ressalta-se que, por falta de interesse das organizações ou dos próprios idosos, no Brasil, ainda é incipiente a consolidação destes programas, conforme indicou a pesquisa FPA/SESC, a qual revelou que entre os idosos pesquisados apenas 2% recebeu algum tipo de preparação para aposentadoria, em programas destinados ao público interno da organização onde trabalhavam (NERI, M. C., 2007).

Apesar da evidente necessidade dos indivíduos se prepararem para a fase da aposentadoria, o modelo de trabalho vigente impõe aos trabalhadores o domínio do sistema capitalista, de uma sociedade de consumo onde, ainda que haja a abertura para reivindicações, predomina o trabalho alienante e onde as teses de valorização do homem, de qualquer faixa etária, ainda são embrionárias (TEIXEIRA, 2006).

Face à realidade financeira em que parte da população brasileira chega à aposentadoria, a Política Nacional do Idoso (BRASIL, 1996) e o Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003) também abordam a continuidade do trabalho neste período, apoiando o aproveitamento do seu potencial e de suas habilidades para atividades remuneradas.

Esta abordagem do trabalho no envelhecimento corrobora com outro assunto atual na pauta sobre gestão organizacional que diz respeito ao aproveitamento do capital intelectual humano, considerado um valioso instrumento de competitividade no mercado. Neste contexto Debert (1999, p. 99) defende que o idoso é “depositário de uma experiência e de um saber único e exclusivo dado pelos anos de vida”.

As características singulares acumuladas na trajetória da vida de um indivíduo podem contribuir para um ambiente organizacional saudável, propício ao compartilhamento de saberes, com saldo positivo para ambos, idoso e empresa, além disso, possibilita que o jovem aprenda com o mais velho e que a produtividade melhore.

Manter ou procurar um canal para obtenção de renda na idade idosa pode ser interpretado como evidência para manutenção do nível de bem estar econômico, entretanto esta interpretação é simplista e pode esconder a dimensão subjetiva da relevância de ter uma ocupação reconhecida.

É saliente ressaltar que a empregabilidade do idoso não deve estar atrelada puramente ao assistencialismo, tratar de Gestão de Pessoas numa realidade demográfica com maior número de idosos pode ter esse caráter.

É possível compor um quadro de funcionários que atenda às diversidades da sociedade atual e considerar a inclusão de pessoas mais velhas, as quais podem oferecer um repertório que, em conjunto com o funcionário jovem, ajudará a compor uma empresa saudável. Onde

exista o reconhecimento dos benefícios para a organização no que concerne ao compromisso com o trabalho, construindo uma nova imagem do idoso frente ao mercado de trabalho, obviamente, considerando as limitações naturais da idade.

Destaca-se a valorização do trabalho por parte das pessoas idosas, pois para estes ter uma ocupação é mais do que uma necessidade financeira, é uma fonte de qualidade de vida.

Ainda sobre os aspectos sociais da relação entre envelhecimento e trabalho, destaca-se a noção de cidadania que, conforme Papaléo Netto (2005) ultrapassou a luta pelos direitos sindicais, uma vez que as perdas de papéis sociais advindas da aposentadoria ficam evidentes, já que se perde o convívio com o ambiente dos colaboradores e o sentido de ser considerado necessário ao outro. Estas idéias remetem ao aspecto redutor do trabalho, na medida em que limita a vida do cidadão.

1.3 Aspectos sociais

A concepção social sobre a velhice é construída histórica e culturalmente, podendo diferir de acordo com os padrões vivenciados. De acordo com Beauvoir (1990, 15) a velhice é

[...] um fenômeno biológico: organismo do homem idoso apresenta certas singularidades. A velhice acarreta ainda conseqüências psicológicas: certos comportamentos são considerados como característicos da idade avançada. Ela tem também uma dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com sua própria história. Por outro lado, o homem não vive nunca mais um estado natural; na sua velhice como em qualquer idade, seu estatuto lhe é imposto pela sociedade a qual pertence.

O aspecto cronológico da idade diz respeito ao tempo de vida da pessoa em anos, ou seja, desde a data de nascimento até o momento em que se encontra. Já a concepção da idade biológica compreende as mudanças ocorridas no organismo ao longo da vida, manifestadas diferentemente em cada indivíduo, com resultados distintos no organismo (NERI, 2005).

A avaliação de características nos domínios biológico, social e psicológico, aplicados às relações atuais, passadas e prospectivas envolve o próprio indivíduo e a sociedade como um todo, acrescido dos valores individuais e social, quanto ao bem estar objetivo e subjetivo (NERI, 2001b).

A concepção pessoal da idade refere-se a como o indivíduo avalia sua existência, bem como seu desejo de viver, sendo comum a atribuição de “velho” quando a pessoa não está bem e de “jovem” quando se sente bem, não se entregando à decadência da velhice. Este dado foi ressaltado por Lopes (2007) ao discorrer que a definição de velhice se transforma na medida em que a longevidade aumenta.

Amparada nas discussões de Debert (1999), entende-se que as pesquisas sobre os aspectos sociais do envelhecimento não devem se limitar a idade, todavia devem considerá-lo enquanto processo biológico e cultural, envolvido em atmosfera simbólica e heterogênea.

É salutar frisar que a aceitação da noção de homogeneidade na concepção de velhice é arriscada, pois gera expectativas de comportamento, fazendo com que se desprezem as experiências vividas (NERI, 1993).

Portanto, não há como generalizar, uma vez que o processo de envelhecimento é individual e relacionado à trajetória de vida quanto aos valores, interesses, disposições e atitudes. Conseqüentemente, o envelhecimento é resultado das experiências de cada pessoa, que são únicas e construídas ao longo do curso de sua vida, determinadas pela época e pelo espaço em que vivem. Fatores como o estado de saúde, contexto sócio-cultural, conquistas e frustrações pessoais ou profissionais, influenciam na concepção do indivíduo sobre o processo de envelhecimento. Assim, a diversidade na velhice não se dá apenas em relação a outros grupos etários, mas também entre si (NERI; FREIRE, 2000).

O envelhecimento é uma experiência heterogênea, isto é, que pode ocorrer de modo diferente para indivíduos e coortes que vivem em contextos históricos e sociais distintos. Essa diferenciação depende da influência de circunstâncias histórico-culturais, de fatores intelectuais e de personalidade e da incidência de patologias durante o envelhecimento normal (NERI, 2001a, p. 30).

Na velhice, como em qualquer outra fase da vida, se têm perdas e ganhos, como coloca Messy (1999) ao discutir as perdas da velhice ligadas à forma física, à beleza, à independência e à memória, ao mesmo tempo em que apresenta os ganhos do envelhecimento definidos pelo autor como “aquisição”, pois enquanto sujeito permanece com desejos, que devem ser motivados a realizar.

Entretanto, nas sociedades ocidentais, o crescimento da população idosa acontece na era pós Revolução Industrial, quando já está consolidada a idéia de valorização do homem conforme sua capacidade produtiva e de consumo. Observa-se, como conseqüência, a

desvalorização da velhice, em função de seus aspectos negativos, tais como a decadência, a falta de agilidade, de destreza, de força, de vigor e de equilíbrio.

Deste modo a sociedade ocidental construiu a representação da velhice como um período de decrepitude e declínio de funções sociais e psicobiológicas, ressaltando os aspectos patológicos da velhice. A suscetibilidade às doenças e a relação eminente com morte (a própria ou de parentes e amigos), auxiliam nesta representação negativa da velhice. Soma-se a isso a dificuldade de memória, o que pode ser naturalmente evitado pelo simples exercício da capacidade de memória.

É verdade e não se pode negar que ao longo dos anos o ser humano vê diminuir parte de sua habilidade física, relacionada à locomoção, às articulações, aos aparelhos respiratórios e cardiovasculares, à audição e à visão, além das mudanças na aparência refletida na cor dos cabelos e na perda de elasticidade da pele. No entanto, Novaes (2000) destaca que os limites físicos podem ser encarados ou, ainda, superados com o auxílio da medicina, da tecnologia e, sobretudo, das atitudes.

À parte as alterações de saúde e aparência, outro aspecto negativo na representação da velhice diz respeito à perda de papéis sociais, conforme Novaes (2000, p. 14) “A relação de modernização da sociedade com a desvalorização do velho traduz um sério viés cultural, responsável por uma visão social ora ingênua, ora romântica, mas muito alienada e perversa”.

Freire e Resende (2001, p. 73) apontam outras dificuldades do envelhecimento:

Viver e envelhecer hoje, neste tempo de mudanças sociais e econômicas, de grandes afirmações científicas ao lado da incerteza do dia-a-dia, tem sido uma experiência difícil para muitas pessoas. Este período conhecido como “pós-modernidade” é caracterizado pelas mudanças rápidas de conhecimentos, pelo questionamento de valores, pelo fenômeno da globalização, pela confiança nos sistemas abstratos, pela obsolescência e descartabilidade de objetos, pessoas e relações, com um certo menosprezo pelo valor da vida. A dúvida institucionalizada e a incerteza em relação ao futuro geram insegurança, consumismo desenfreado de bens e até de relações [...]

Neri (1993) acrescenta que as perdas decorrentes do envelhecimento podem ocasionar diferentes graus de ansiedade, dependendo da história pessoal e social de cada um, bem como de seus valores.

Lefevre (1981), após revisão literária sobre envelhecimento, coloca que até mesmo a academia reforça os estereótipos culturais de que o processo de envelhecimento é marcado por perdas e negação, uma vez que as pesquisas priorizam medidas de doença ao invés de bem estar, além de prestarem pouca atenção à possibilidade de crescimento e

desenvolvimento nas últimas décadas de vida. Este viés bibliográfico exclui o potencial individual da velhice e contribui para a marginalização do idoso, penalizando-os com suas perdas sociais.

De acordo com Novaes (2000, p. 15). “Ao demarcar o envelhecimento por rituais de afastamento, se não de degradação, o contexto social e do trabalho nada mais faz do que sinalizar para seus membros o que eles representam”. Intensificando o senso de ineficácia e aumentando o preconceito do próprio idoso e da sociedade que o cerca.

Para Neri e Freire (2000) a própria adoção de termos e expressões que supostamente evitam ou negam a velhice, tais como “terceira idade” e “melhor idade”, representa uma manifestação da existência de preconceitos, exprimidas com afastamento, com práticas discriminatórias e rejeição social.

Debert (1999) vai além e atribui também esta visão negativa do envelhecimento aos meios de comunicação, pela hiper valorização da juventude, e ao discurso de gerontólogos, pautados na ditadura do envelhecimento bem sucedido, apoiados pelos possíveis problemas decorrentes do envelhecimento nas contas públicas, na exaltação da força de trabalho. E aponta que o mesmo não se dá nas sociedades orientais e nas sociedades primitivas, nas quais a figura do velho é bastante representativa e relacionada diretamente com valores como respeito e poder de decisão. Estas sociedades tendem a valorizar as qualidades da velhice, como a experiência, a sabedoria, a tolerância, a paciência, a prudência, a aptidão na resolução de conflitos e a alteridade.

O recrudescimento das perdas na velhice, por vezes, esconde os aspectos positivos ou os ganhos da idade, que dificilmente poderiam ser alcançados em outras fases da vida, representados por transformações qualitativas, tais como a liberdade, o tempo livre e as habilidades nas relações sociais. Porém, há de se convir que a crítica estende-se inversamente à exacerbação dos benefícios da velhice, pois nutrir a concepção exagerada de velhice ativa é uma visão ignorante, assim como o contrário, pois

Sabemos que a vida é um jogo de ganhos e perdas. O problema é que se acentua na terceira idade é porque não se aprendeu a conviver nem a saber tirar proveito desse jogo. Mudanças, transformações, tristezas, alegrias, conquistas e fracassos aparecem em todo o percurso vital, em qualquer idade [...] (NOVAES, 2000, p 15).

O jogo de perdas e ganhos da velhice tem suas características próprias e, ainda que seja um processo individual, ambos devem ser considerados na avaliação do indivíduo sobre o

envelhecimento, de acordo com a postura que cultivou durante a vida, podendo variar conforme os seus modelos e valores (NOVAES, 2000).

Neri (1993) referencia a importância científica e social das pesquisas, dissertando que estas podem contribuir para a melhor compreensão sobre envelhecimento e sobre os limites do desenvolvimento humano, além de gerar alternativas válidas para intervenções positivas neste processo. Não obstante, a autora destaca a evidente ampliação de pesquisas sob diferentes olhares e em múltiplos campos do conhecimento.

De acordo com Neri (1993), nos Estados Unidos, desde a década de 1940, as pesquisas incluíam o ajustamento pessoal e social na velhice, as quais já destacavam que envelhecer bem significaria estar satisfeito com a vida atual e ter expectativas positivas em relação ao futuro. Mais tarde, na década de 1950, passaram a surgir outros interesses, tais como: atividades desenvolvidas na velhice, capacidade de afastamento, satisfação com a vida, maturidade e integração da personalidade. Ainda hoje a questão da satisfação é uma dimensão freqüente nos estudos sobre a velhice. Recentemente, acrescenta-se a estes temas os mecanismos compensatórios e adaptativos que permitem envelhecer bem.

Ainda sobre satisfação na velhice, Rudinger e Thomae (1990) abordam a saúde biológica e a percebida, a capacidade de lidar com os problemas de saúde, as relações dentro e fora da família, a interação entre *status* social e personalidade, a situação econômica e psicológica, a capacidade de manter ou iniciar contatos sociais e a avaliação que faz de sua situação atual.

Ryff (1989) em consonância com Freire (2000) apresentam algumas dimensões que consideram importantes na relação entre bem estar psicológico, qualidade de vida e desenvolvimento pessoal na velhice, a saber:

- a) Auto-aceitação: correspondente à atitude positiva em relação a si e ao seu histórico de vida;
- b) Relações positivas com os outros: incluem alteridade, relações empáticas e afetuosas;
- c) Autonomia: relacionada à auto-determinação e independência, habilidade para resistir pressões;
- d) Domínio sobre o ambiente: relativo a aproveitar as oportunidades e habilidade para escolher ou criar contextos;
- e) Propósito de vida: ter metas e sentido de direção, crenças que dão propósito e significado à vida.

- f) Crescimento pessoal: senso de crescimento contínuo e de desenvolvimento como pessoa, além de estar aberto a novas experiências.

Entende-se como complementar as idéias expostas acima a discussão de Novaes (2000), que apresenta a necessidade de romper alguns paradigmas na velhice para que sejam possíveis novas conquistas. A autora divide suas idéias no que denomina “9 R’s”:

1. *Ruptura* da rotina;
2. *Resgate* de modelos e valores;
3. *Retomada* de planos;
4. *Ressurgimento* dimensões pessoais;
5. *Restauração* de desejos;
6. *Retorno* de emoções e sentimento, e de vínculos interpessoais;
7. *Recaída*, percebida na depressão e no vazio;
8. *Recordação* do passado; e,
9. *Reconstrução* da identidade pessoal.

Ambos os itens podem ser entrelaçados à questão da sociabilidade do indivíduo idoso. De maneira que Novaes (2000, p. 39) enfatiza em seu estudo:

Tudo o que favorece as relações interindividuais constitui-se numa base importante de satisfação trazida pela vida social. [...] O tecido social representa um elemento primordial na conservação de sua saúde, tanto física quanto psíquica, uma vez que isolamento social provoca o aparecimento da angústia, da solidão, tão freqüentes no idoso por terem sido cortados e afastados dos outros e definem bem sua situação de “estar só” ou de “abandono”.

De acordo com Carstensen (1995), que disserta sobre a motivação nas inter-relações sociais, o contato social na velhice diminui, no entanto, a qualidade dessas relações é considerada mais positiva que em outras idades, pois são motivadas pelo que a autora chama de regulação emocional, assim, priorizam-se contatos com maior probabilidade de oferecer experiências emocionais positivas.

Já Freire (2000, p. 29) contribui para entendimento dos aspectos sociais do envelhecimento, tecendo algumas observações sobre estratégias para o que denomina de envelhecimento saudável ou velhice satisfatória. “A velhice satisfatória não é apenas uma qualidade da pessoa, mas o resultado da interação do indivíduo em transformação vivendo

numa sociedade também em transformação.” A mesma autora coloca que é importante ter um estilo de vida saudável, prevenindo patologias; cultivar novos hábitos mentais e físicos; engajar-se em atividades produtivas; dar significado à vida; praticar atividades educacionais, motivacionais e relativas à saúde, fortalecendo sua formação e a manutenção dos laços socioafetivos; encorajar a flexibilidade individual e social; considerar o ajustamento à realidade objetiva sem a perda da identidade. Observa ainda que quanto mais forem atuantes e estiverem integrados em seu meio social, menos ônus trarão para a família e para os serviços de saúde.

Neri (1993) coloca que uma velhice saudável é resultado da qualidade de interação entre os atributos biológicos, psicológicos e sociais das pessoas e de um processo de fatores históricos, culturais da vida de cada indivíduo. Expõe que o envelhecimento deve ser visto como empreendimento de caráter sócio-cultural e que identificar condições que permitam envelhecer bem é tarefa de várias disciplinas no âmbito da psicologia e das ciências biológicas e sociais. De modo que alguns indicadores de bem estar na velhice são elencados pela autora como: longevidade, saúde biológica e mental, satisfação, controle e eficácia cognitiva, competência social, produtividade, status social, renda, continuidade de papéis familiares e ocupacionais, continuidade das relações informais em grupos primários, principalmente rede de amigos. Ainda que, nas palavras da autora “não se tenha clareza do grau de importância de cada um, suas interações e a direção de causalidade entre eles, diferentes variáveis podem ter diferentes impactos sobre o bem estar subjetivo” (NERI, 1993, p. 10).

Assim, o fenômeno qualidade de vida deve ser entendido como multidimensional e suas variáveis chamam a atenção de demógrafos, gerontólogos e geriatras, entre outros profissionais, para identificar e promover condições que permitam a longevidade saudável, assim como condições de distribuição de bens e oportunidades (NERI, 2001b). A compreensão do sistema de valores socioculturais permitirá gerar alternativas de intervenção visando o bem estar social dos idosos. Lembrando que

O acesso a serviços de apoio ao idoso, transporte, grupos de convivência, grupos de orientação aos cuidadores, grupos de ajuda aos familiares são algumas alternativas para minimizar as dificuldades, podendo se constituir em estratégias de mudança em relação às crenças existentes (ARGIMON; STEIN; XAVIER; TRENTIN, 2004, p. 38)

Logo, envelhecer satisfatoriamente depende da equação e do equilíbrio entre as limitações e as potencialidades de cada indivíduo, sendo que os vínculos sociais estabelecidos

com a família e com a sociedade são importantes para amenizar as rupturas e as perdas da idade.

Deps (1993, p. 61) enfatiza que a atividade social pode ser vista como um meio de contrabalancear as perdas e ganhos deste estágio da vida: “Compartilhar de atividades grupais com pessoas da própria geração favorece o bem estar do idoso porque facilita a emergência de significados comuns e a maior aproximação interpessoal e permite a ocorrência de catarse”. Reforçando que a participação social e a prática regular de atividades em grupos emprestam significado à existência, pelo compromisso e responsabilidade implícitos, favorecendo a satisfação pessoal. Contudo a autora aponta alguns fatores que dificultam ou até mesmo impedem uma vida social mais ativa como a ausência de autonomia, a valorização da produtividade em detrimento ao lazer, o senso de limitação do futuro e a proximidade com a morte.

Há de se convir que também muitos idosos enfrentam circunstâncias de vida desfavoráveis, que inibem a expressão adequada de felicidade e a tendência à atividade. Fatores tais como privação econômica, isolamento social, perda de amigos e contemporâneos, doença crônica. (DEPS, 1993, p. 74).

Porém, ressalta-se que o isolamento e a solidão podem ocorrer em qualquer idade e afetam sensivelmente a auto-estima e a avaliação sobre a qualidade de vida de qualquer indivíduo. Conforme aponta Erbolato (2000, p. 48) “Em qualquer fase da vida a auto-estima pode ser melhorada e adaptada à realidade com ajuda das pessoas importantes que nos cercam”.

Entendendo que os vínculos sociais são importantes para o bem estar físico e mental, Capitanini (2000), em suas pesquisas sugere algumas atitudes para o manejo da sociabilidade na velhice, entre as quais se destacam:

- Conhecer novas pessoas e fazer novos amigos: além de ser prazeroso, contribuirá para o auto-conhecimento e auto-descoberta;
- Envolver-se com atividades voluntárias: o que fará com que o idoso se sinta útil e aumentará o senso de auto-realização e a auto-estima;
- Investir na capacidade de transmitir conhecimentos e experiência a outras pessoas;
- Buscar novos canais de comunicação;

- Participar de grupos de convivência: o que lhes proporcionará lazer, atualização cultural, favorecerá a aprendizagem e resultará em crescimento pessoal e no surgimento de novos talentos;
- Conscientizar-se de seu papel como cidadão: auxiliando no reconhecimento de seus direitos e deveres;
- Investir em si mesmo: cuidar da saúde física e mental, alimentando-se corretamente, exercitando-se com regularidade, o que impactará no bom humor, no senti-se bem consigo mesmo e, até mesmo, na aparência física.
- Considerar as dificuldades das mudanças da velhice: o que não implica em afastamento social, inatividade, auto-desvalorização ou depressão;
- Favorecer o desenvolvimento espiritual;
- Saber eleger prioridades pessoais e defender seu ponto de vista.

Outro aspecto fundamental na construção da concepção de velhice é a relação do idoso com a família, de modo que a tendência na nova dinâmica da constituição familiar deve estar na pauta dos aspectos sociais sobre o envelhecimento, dentre as quais se enfatiza: as novas formas de união conjugal, o posicionamento da mulher no mercado de trabalho, as produções independentes de filhos, o retardamento da saída dos filhos de casa e o aumento do tempo na convivência entre gerações.

É certo que o isolamento social e a dificuldade de ocupar longas horas do tempo disponível, mesmo com o rádio e a televisão, trazem problemas específicos para muitos aposentados, sobretudo quando seu salário é insignificante e sua família começa a lhe faltar... (DUMAZEDIER, 1994, p. 130)

Cabe mencionar a questão do gênero sob o aspecto social no envelhecimento. Neste tópico, a maior representação feminina entre os idosos é uma realidade e elas tendem a melhores condições de envolvimento na vida social e familiar, diferente dos homens que são mais propensos ao isolamento social após a aposentadoria, pois são mais reticentes quanto a assumir novos papéis sociais, permanecendo presos aos papéis tradicionais de patriarca e provedor (GOLDSTEIN; SIQUEIRA, 2000).

De fato, o desenvolvimento de pesquisas em diferentes âmbitos contribui, gradualmente, para o abandono de uma visão unilateral e repleta de estigmas, para o melhor entendimento do envelhecimento. A construção de um novo paradigma do envelhecimento deixa evidente que envelhecer bem não significa meramente a ausência de doenças.

2 LAZER, TURISMO E ENVELHECIMENTO

Conforme os estudos desenvolvidos por Dumazedier (1976, p. 34),

O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Segundo o autor, a concepção de lazer está diretamente ligada à questão do trabalho, uma vez que é uma idéia que nasce em oposição a ele. De modo que o lazer deveria ser desfrutado na recuperação do indivíduo após o trabalho realizado, dividido em tempos distintos: fim do dia, fim de semana, fim do ano (férias) e fim da vida (aposentadoria).

Ainda que se saiba que a aposentadoria tem um sentido compensatório e é um direito conquistado pelo trabalhador, nem sempre o indivíduo usufrui deste tempo para a sua recuperação pelo trabalho desprendido ao longo de sua vida.

A concepção da aposentadoria previa, entre outras coisas, o exercício de atividades de ordem social, dentre elas as atividades de lazer. Contudo, a realização destas atividades pode não ocorrer, seja por falta de dinheiro, seja por falta de desejo ou mesmo pela insurgência de outras prioridades, tais como a saúde. De acordo com Pauli (2001, p. 30)

O último período do tempo livre oferecido ao trabalhador: a aposentadoria, ou o direito ao não-trabalho na velhice, é indiscutivelmente o momento mais difícil de passagem do trabalho para o lazer. Mais uma vez, teoricamente, é o momento em que o indivíduo já tendo dedicado no mínimo 30 anos de sua vida ao trabalho, pode enfim viver uma terceira idade plena de possibilidades de auto-realização em atividade que não são o trabalho que até então ocupou a maior parte do seu tempo.

Entretanto, o indivíduo atinge esse estágio da vida sem qualquer preparação e, com frequência, o tempo livre disponibilizado pela aposentadoria é temido pela perspectiva de um imenso tempo vazio que o indivíduo não sabe como ocupar.

A ideologia do trabalho, sobretudo nas sociedades capitalistas, como principal atividade na vida da pessoa, faz com que aposentadoria seja encarada com aflição, como explica Camargo (1998, p. 148): “Não há tema mais indigesto para se propor a um trabalhador. A proposta soa como uma ameaça, como uma afirmação de que ele está superado para o trabalho profissional, ou porque a sua tecnologia não mais serve para a produção, ou porque

sua energia é limitada, deixando evidente o aspecto redutor do trabalho enquanto limitador de outras atividades e possibilidades na vida do homem, já que o trabalho é o tempo social mais imposto, conforme exposto por Dumazedier (1994).

Oliveira (1996) coloca que o estilo de vida da sociedade capitalista impede a formação de hábitos de lazer que se acentuam com envelhecimento e, conseqüentemente, ajudam a promover a desintegração do idoso no meio social e dificultam a auto-expressão, a criatividade e a participação, quando, na verdade, o lazer para o idoso deveria significar manutenção do equilíbrio físico e social, afastando-o do processo de isolamento.

Observa-se que, ao contrário do que era esperado, o aumento do tempo livre e a diminuição dos gastos em conseqüência da diminuição das responsabilidades domésticas e profissionais, não aumentam significativamente o interesse do idoso por atividades de lazer, sendo estas cada vez mais restritas com o passar dos anos. (OLIVEIRA, 1996, p. 114)

Os estudos desenvolvidos por Pauli (2001, p. 46) apontam que:

A dificuldade de ocupar o tempo livre afeta todos os indivíduos, mas atinge os idosos de maneira particular, em decorrência da sociedade, supervalorizar o período ocupado pelo trabalho produtivo. Soma-se a esse fator social a mudança do padrão financeiro e a predisposição ao desenvolvimento de problemas psicossomáticos em virtude das dificuldades de auto-expressão, criatividade e participação, bem como a desagregação do idoso do seu meio social.

A imposição das qualidades do tempo do trabalho na sociedade moderna faz com que o indivíduo negligencie as qualidades do tempo do lazer ao longo da vida adulta, fazendo com que na velhice esta falta de cultura para o lazer se torne um obstáculo à aceitação e ao regozijo do tempo livre. Tendo em vista que por um lado a aposentadoria traz o conflito do vazio e do tédio, e por outro lado, ela apresenta ao indivíduo a possibilidade de descanso e de vivências diferentes das enfrentadas no cotidiano do trabalho, onde ele pode conceber uma nova visão do mundo e fazer novas descobertas.

Desse modo, as atividades de lazer podem representar a oportunidade de estabelecer atitudes em relação à sociedade em que o idoso se encontra. A realização de atividades de lazer estimula o indivíduo a compartilhar experiências coletivas, que podem promover seu desenvolvimento pessoal e social.

2.1 Compreensão do lazer no envelhecimento

A relação entre lazer e envelhecimento se dá, naturalmente, a partir das discussões que enquadram o lazer enquanto atividade que se desenvolve no tempo livre.

Ao mesmo tempo em que o componente “tempo livre” é fundamental para tratar sobre lazer, é um dos componentes que permeiam as discussões sobre envelhecimento, em dimensões que podem ser avaliadas tanto como negativas, quanto como positivas.

Entende-se como dimensão negativa quando o tempo livre na velhice é encarado de forma angustiante na medida em que “não se tem o que fazer” ou “não se pode produzir”, a comparação com inatividade pode vir a ser uma espécie de tortura. Esse contraponto ao trabalho é especialmente curioso e, mais uma vez, suscita a reflexão sobre o “peso do trabalho” na vida do homem. Além da relação com a produção, a aposentadoria também demonstra que, com a interrupção do trabalho, interrompem-se também as relações sociais correspondentes a ele.

Por outro lado, o tempo livre pode adquirir uma dimensão positiva por ser um tempo de liberdade de escolhas. Momento no qual o indivíduo pode rever suas atitudes diante da sociedade, fazendo algo que lhe interessa e que tenha escolhido espontaneamente.

A aposentadoria deixa de ser um momento de descanso e recolhimento para tornar-se um período de atividades de lazer. Neste contexto, o lazer aparece como possibilidade de evitar o envelhecimento, dentro de uma visão funcionalista, mas também compensatória, vem sob as vestes da saúde, trazendo a idéia da necessidade de manter uma vida ativa, adotar novas formas de comportamento levantando a bandeira da eterna juventude (RODRIGUES, 2003, s. p.)

Diante do incentivo à ruptura dos paradigmas da velhice, expostos no capítulo anterior, o lazer se apresenta como uma oportunidade respeitável. Segundo Dumazedier (1999) as atividades de lazer desenvolvidas pelos idosos seguem o critério das necessidades de realização do corpo e do espírito, podendo ser classificadas em cinco grandes categorias: física, artística, prática, intelectual e social.

Todas estas categorias incluem atividades passíveis de ser praticadas por idosos, conforme segue:

1. Lazer físico – ligado aos esportes e também às viagens. Dumazedier (1999) destaca que em pesquisa sobre o comportamento do lazer dos franceses na década de 1970, metade dos idosos entrevistados gostariam de viajar.
2. Lazer artístico – incluem espetáculos, TV, rádios, entre outros. Nesta categoria observa-se que o interesse na participação de atividades extra-doméstica se deve mais aos hábitos sócio-culturais do que à idade propriamente dita. Num país como o Brasil, não é raro encontrar pessoas idosas que jamais assistiram à uma peça de teatro ou pouco freqüentaram salas de cinema.
3. Lazer prático – compreendem as atividades manuais como artesanato, jardinagem, tricô e demais atividades com agulhas, etc. Observa-se que estas atividades são bastante difundidas entre os idosos de menor poder aquisitivo e, freqüentemente, do sexo feminino.
4. Lazer intelectual – especialmente a leitura, cabendo destaque ao interesse dos homens pelos jornais.
5. Lazer social – encontros, reuniões e visitas, atividades que são reduzidas durante o período de trabalho e aumentam sensivelmente após a aposentadoria, conforme exemplificou Dumazedier (1999), na França a maior parte dos idosos afirmam receber e fazer visitas regularmente.

Embora todas essas atividades de lazer possam ser realizadas ao longo da vida, qualquer que seja a faixa etária, o fato é que a aposentadoria surge como momento para se colocar em prática os planos adiados, as aspirações esquecidas e os projetos impedidos no passado, talvez muitos deles em função do trabalho. Obviamente, dependendo dos anseios de cada sujeito, em conformidade com sua personalidade, sua condição financeira e seu histórico sócio-cultural.

Para Dumazedier (1999) o lazer cumpre um papel fundamental na velhice, pois possibilita a realização social e, ainda que haja dificuldade financeira ou de saúde, estas não impediriam a prática de atividades de lazer.

Segundo Pauli (2001, p. 48)

O lazer na terceira idade pode ser desfrutado independente das condições financeiras do indivíduo, para isso, é necessário que a preparação para a velhice crie condições psicológicas, físicas e sociais para evitar o sentimento de solidão, inutilidade e o conseqüente isolamento social que atinge o idoso.

Cabe observar, novamente, que na prática de lazer, assim como em outras esferas da vida do idoso, não existe homogeneidade, pois nem todos os idosos praticam atividade que considerem como de lazer e existem ainda situações de isolamento e abandono. E, mesmo entre os que praticam, nem sempre existe clareza dessas classificações utilizadas em estudos e pesquisas de cunho acadêmico e/ou mercadológico.

É sabido que não existe um jeito certo de viver bem a velhice, afinal cada indivíduo tem suas percepções e expectativas. Porém, é possível sentir-se bem sendo ativo ou sendo sereno, ou mesmo ‘vestindo a máscara’ do estado que lhe convier, o importante é não ficar entediado, desanimado, mas investir em projetos, dando o devido valor tanto ao passado, como ao presente e ao futuro, sendo fundamental estabelecer novos planos e metas futuras (Novaes, 2000). Neste sentido, a prática de atividades de lazer parece contribuir positivamente no processo de envelhecimento.

Ainda que haja todo um movimento sobre melhoria da qualidade de vida do idoso e haja a ampliação das opções de lazer para o idoso, quando se trata da realidade nacional Doll (2007), em análise dos dados sobre os hábitos de lazer do idoso brasileiro, coletados na pesquisa FAP/SESC, aponta que 93% dos entrevistados declararam assistir televisão como sua principal atividade de lazer. Este é um dado relevante à medida que suscita alguns questionamentos sobre o cotidiano da velhice e a qualidade da programação da TV, além de apontar que, talvez, o contato com a sociedade esteja sendo pouco exercitado. Embora as atividades de lazer da população idosa ocorram dentro do ambiente doméstico, provavelmente, face às escassas condições financeiras próprias da população em geral de países em desenvolvimento, quando perguntado sobre a idealização a respeito do lazer: 59% gostariam de realizar atividades fora de casa, sendo que o maior desejo é viajar ou passear (35%). Doll (2007, p. 113) relatou que “Viajar é o maior sonho de todos, especialmente dos idosos jovens (60-64 anos: 44%) e das pessoas com alta escolaridade (ensino médio/superior: 36%)”.

Deste modo, planejar uma viagem ou aguardar a sua realização cumpriria um papel valioso na avaliação dos ganhos da velhice, bem como das expectativas em relação a esta fase da vida.

Não se pretende aqui, colocar a viagem como elemento “salvador” do tédio ou do vazio que pode ser decorrente do envelhecimento, pelo contrário, pretende-se apontar possibilidades de momentos satisfatórios na velhice, que também podem ser decorrentes de outras atividades, sejam elas de lazer ou não.

2.2 Particularidades da viagem para o idoso

Ter um propósito e esforçar-se para atingir metas dá sentido à vida e está atrelado a aspectos importantes tais como sobrevivência e o desejo de viver; enquanto a sensação de vazio existencial, a ansiedade, a depressão, a falta de esperança, o declínio da capacidade física, são sintomas de falta de sentido (FREIRE; RESENDE, 2001). Partindo desta idéia, é possível a interpretação de que o desejo de viajar represente um propósito, uma meta a ser alcançada que impulsiona o sentido de vida na velhice.

Os idosos têm buscado uma sobrevida melhor e estão assumindo estilos de vida que evidenciam a necessidade de ocupar-se e de desempenhar um papel ativo na sociedade, embora já tenham cumprido as exigências sociais e laborais de sua vida.

Atualmente, é possível viver o tempo da aposentadoria, desobrigado de horários rígidos, possibilitando liberdade para fazer e priorizar escolhas (GARCIA, 2001).

Dumazedier (1994), na obra *A revolução cultural do tempo livre*, chama a atenção para o lazer nas diferentes fases da vida, acentuando a questão do tempo livre proposto pela aposentadoria. O diferencial para a atualidade consiste na ampliação do número de idosos que chegam a faixas etárias mais avançadas em melhores condições de vida.

Atualmente os indivíduos chegam aos 60 anos de idade em condições bastante distintas daquelas de algumas décadas atrás, no que se refere à qualidade de vida. Os avanços da medicina, as inovações tecnológicas, a melhoria e a ampliação dos sistemas de infra-estrutura básica e a melhoria das condições de trabalho ao longo da “vida produtiva”, dentre outros fatores, propiciaram aos indivíduos, hoje, chegarem à aposentadoria em uma situação pessoal e material mais satisfatórias que a de seus pais (FROMER; VIEIRA, 2003, p. 29-30).

Cabe aqui colocar que, em geral, os idosos que se enquadram neste panorama são aqueles descritos como pertencentes à Terceira Idade e que tem adotado novos padrões de comportamento, próximo do que Debert (1999) chama de reinvenção da velhice. Salienta-se que os idosos mais velhos, categorizados como Quarta Idade, têm menor participação neste cenário.

No que tange às motivações para a realização de viagens, os autores Boullón (1990) e Kuazaqui (2000) compartilham da classificação a seguir:

1. Necessidades físicas – visando o descanso, a recreação, saúde e exercício, com ou sem recomendação médica;
2. Necessidades culturais – ou seja, o desejo de conhecer outros costumes, desenvolvendo novos conhecimentos;
3. Necessidades interpessoais – como visitar parentes e amigos ou para fazer novas amizades; e,
4. Necessidade de status e prestígio – isso é pelo reconhecimento ou por modismo.

Boullón (1990) acrescenta, ainda, o fator emocional, que envolve nostalgia, romance, fantasia, aventura e espiritualidade.

No caso do idoso, pode-se dizer que estas motivações se entrelaçam para atender, prioritariamente, uma razão de oposição à idéia pejorativa de afastamento, dependência e incapacidade que o envelhecimento pode apresentar, pela existência de preconceitos típicos da sociedade ocidentais, conforme já discorrido no primeiro capítulo. (NERI; FREIRE, 2000).

Kripendorff (2000), quando trata sobre motivação da viagem é mais abrangente e propõe outros componentes como motivacionais para as atividades turísticas que são, particularmente, observadas nos turistas idosos, a saber:

- Compensar integrar socialmente;
- Fuga-trabalho;
- Comunicar-se;
- Liberdade e autonomia;
- Descoberta de si;
- Ser feliz;
- Alargar horizontes.

Ainda sobre fatores que impulsionam o lazer e o turismo no envelhecimento Araújo (2004) coloca que merece destaque também: o aumento de profissionais interessados na questão do lazer para esta idade, a disponibilidade de tempo livre da faixa etária e a evolução de tecnologias dos transportes.

Por outro lado o mesmo autor coloca como fatores inibidores:

- Os estereótipos da velhice, tanto da sociedade como dos próprios indivíduos velhos, que dificultam a assimilação das mudanças do envelhecimento;

- O despreparo para o lazer, originados com a confusão entre os significados de ócio e de lazer;
- A aceitação da capacidade produtiva como centro do indivíduo; e
- A classificação do lazer como bem de luxo.

Doll (2007) também discute os fatores inibidores na realização das viagens, segundo a autora eles estão pautados na falta de dinheiro, seguido da preocupação com a saúde e, também, da falta de hábito e educação para o tempo livre.

Ainda que a condição financeira não seja impeditiva para a prática de certas atividades de lazer, quando se trata de viagem, a variável relacionada ao preço pode interferir na inclusão do idoso no segmento turístico, dada às condições de aposentadoria da maioria dos aposentados brasileiros, o preço acessível é condição facilitadora da disseminação de vendas. Isto demonstra a relevância de programas de financiamento e incentivo para viagens de baixo custo.

Outros fatores limitantes na realização de viagens são as condições de saúde e a falta de cultura no hábito de viajar, demonstrando a necessidade de educação para o uso do tempo livre, além das limitações financeiras. A educação para o lazer ao longo da vida (e não apenas na idade idosa) poderia proporcionar a criação de novos estilos de vida, com maior liberdade de escolha e menor espaço para preconceitos.

Segundo Salgado (1991) deve ser desenvolvido uma nova maneira de planejar a vida, para que o idoso possa encarar a velhice como mais uma etapa da vida, onde devem ter novas ocupações, preocupações e anseios. Entende-se que as viagens encaixar-se-iam neste pensamento.

Entretanto, Camargo (1998) apresenta a existência de preconceitos que podem impedir o gozo do tempo livre com o lazer e que causam falta de interesse na realização de viagens, fato que está intimamente ligado ao ideal capitalista de produção. O autor divide os preconceitos em quatro grupos, ambos relacionados ao trabalho: o primeiro, aparece em qualquer idade, coloca que a diversão é uma preocupação de ricos, diz respeito aos recursos financeiros; o segundo, é que o trabalho é mais importante que o lúdico, uma vez que a sociedade é educada para trabalhar; o terceiro, afirma que a diversão atrapalha o trabalho, colocando o lazer como vilão diante da produtividade; e o quarto, coloca que é fácil divertir-se e que trabalhar é difícil. Estes preconceitos reforçam que quanto mais a sociedade é educada para o trabalho, mais tortuosa se torna a idéia de aproveitamento do tempo livre na aposentadoria.

Da mesma forma Camargo (1998, p. 148) coloca que o ganho de tempo livre na aposentadoria deveria representar

[...] uma segunda possibilidade de optar por um futuro de duas ou três décadas de existência saudável, em que se pode planejar até mesmo um novo trabalho (quem sabe, aquele que sempre se quis fazer), estabelecer um novo modelo de vida familiar [...] e, sobretudo, ter mais tempo para jogar fora, do jeito que se quiser.

Neste sentido, deveriam ser criadas novas possibilidades que não o trabalho, ocupando o seu tempo livre disponível para exercer uma função social ativa nas relações em que participa. Assim, Garcia (2001, p. 114) defende que “O viver compartilhado tem o dom de afastar a inércia e quanto mais participativo mais aumenta as perspectivas de uma vida mais plena e mais diversificada”.

Sobre as vivências sociais do idoso, conforme discutido anteriormente, Debert (1999) aponta que o idoso contemporâneo deseja se enquadrar na condição de ativo, para pertencer aos grupos de nome fantasia de “melhor idade”.

Entre as diversas atividades que o “melhor idoso” ou o “velho jovem” pode desenvolver, a viagem tem suas particularidades e tem se apresentado com uma relevante alternativa na percepção da sua qualidade de vida. A prática do turismo é um fator que pode contribuir para amenizar as patologias, especialmente psicológicas, típicas da idade. Além de afastar o temor em relação à morte e de colaborar para aceitação do avanço da idade como uma mudança natural.

Conforme Silva (2002, p. 63),

[...] a realização de viagens lhe fará compreender que o tempo cronológico não é proporcional ao tempo mental [...] nessa etapa de vida, o eixo da intenção em que as vivências subjetivas, memórias, fantasias e desejos são referidos como presente, passado e futuro, será sua forma de ação para encontrar a satisfação, e as viagens poderão ser o veículo facilitador dessa pulsão.

De acordo Silva (2002) e, também, com Doll (2007), viajar ocupa o topo da lista de desejos dos idosos, fato que só perde espaço quando a preocupação em relação à saúde fica em evidência. Ressalta-se que este desejo não exclui a vulnerabilidade das condições de saúde do idoso.

Nesse sentido, o turismo, enquanto fenômeno social promoveria por meio das viagens o bem estar físico, mental e social, no qual deveriam estar envolvidos a família, do Estado e da sociedade como um todo.

A prática do turismo para o idoso, além de colaborar em sua inserção social, dá uma nova dimensão ao tempo e abre novas possibilidades de realizações e atualização cultural (BERZINS; RODRIGUES; RAMOS, 2001).

Viajar representa melhoria de qualidade da vida, desperta o sonho à medida que cria expectativas, oferece prazeres enquanto acontece, estimula sensações novas e que se prolongam através das recordações.

Sobre as recordações inerentes da realização de viagens, ressalta-se que “A memória nesta idade exerce não só papel importante na construção da identidade do idoso, como também representa espaço de alegria e nostalgia, mas, sobretudo, de afirmação pessoal e social” (NOVAES, 2000, p. 99). Novaes ainda coloca que,

Com as amarras de um passado servindo de lastro, com desejos e sonhos presentes que alimentem recordações e lembranças, estará melhor preparado para dar novos passos, procurando a alegria de uma renovada auto-descoberta ao encontrar soluções novas para velhos problemas, delineando novos interesses e razões para viver seu horizonte vital (NOVAES, 2000, p. 105).

Conforme Garcia (2001), este tipo de turista tem sonhos e se sente motivado a realizá-los, com base numa perspectiva de que ainda tem muito que viver, em oposição à idéia de proximidade com a morte. Viajar tem efeito integrativo e positivo para esta parcela da população, de ambos os sexos, e representa uma tentativa de que não se rompa sua rede de sociabilidade, comunicação e informação.

Da mesma forma, invertem-se os significados da aposentadoria, que deixa de ser um momento de descanso e recolhimento, para tornar-se um período de atividade e lazer. Não se trata mais apenas de resolver os problemas econômicos dos idosos, mas também lhes proporcionar cuidados culturais e psicológicos, de forma a integrar socialmente uma população tida como marginalizada. É nesse contexto que surgem os grupos de convivência e as universidades para a terceira idade como formas de criação de uma sociabilidade mais gratificante entre os mais velhos (SOUZA; SOUZA, 2004, 792-793).

Ser turista para o idoso está atrelado aos novos signos do envelhecimento e da aposentadoria, é uma nova linguagem, oposta ao antigo tratamento de “velhos”. A prática do

turismo para o idoso, além de colaborar em sua inserção social, dá uma nova dimensão ao tempo e abre novas possibilidades de realizações e de atualização cultural (BERZINS; RODRIGUES; RAMOS, 2001).

Vale lembrar que o processo de envelhecimento é individual e é heterogêneo variando de acordo com o histórico de vida do sujeito, o que faz pensar que as transformações e as adaptações do *trade* turístico devem ser baseadas na facilitação da inclusão e não na segregação do idoso, como um público uniforme, já que compartilham da mesma rede de serviços que outros turistas. Nesse sentido, os lugares turísticos devem atentar à satisfação dos aspectos subjetivos inerentes à viagem.

Tratando-se de turismo, é evidente que a incidência das viagens é mais significativa entre os velhos mais jovens, portanto, deve-se atentar para as especificidades destas com maior empenho.

Participação em grupos de convívio

A participação em grupos de convívio pode ser uma atenuante do tédio decorrente do tempo livre na aposentadoria, mas não é apenas isso, a participação nestes grupos pode ser interpretada como desejo de sociabilidade, de conviver com outras pessoas que, talvez, estejam vivendo anseios similares.

Uma vez que o indivíduo encontre um grupo de pessoas com interesses semelhantes, estabelece-se um vínculo afetivo que aguça o interesse pela participação na vida em sociedade, seja para a diversão ou para a ampliação da cultura. O indivíduo terá, então, condições para entender melhor sua posição na sociedade (PAULI, 2001, p. 33-34)

Neste contexto multiplicam-se os mais diversos tipos de grupos de convívio para a terceira idade, como as Universidades Abertas da Terceira Idade (UNATI's) e os Clubes da Melhor Idade (CMI).

A primeira Universidade Aberta da Terceira Idade foi fundada em 1973, na França (DUMAZEDIER, 1994) e se propagaram rapidamente, elas constituem um espaço para formação e informação dos idosos, além de ser um importante espaço de convívio. Dumazedier observa que (1994, p. 138)

Teríamos uma imagem mais fiel deste novo fenômeno social evocando todas as formas universitárias e não universitárias, daquilo que se pode chamar *o conjunto das organizações educativas* com estruturas variadas que brotam das novas necessidades de formação, que, por sua vez, tendem a acompanhar as formas inovadoras de resistência ao envelhecimento.

Assim, essas instituições atenderiam às dimensões discutidas por Ryff (1989), Freire (1993) e Novaes (2000) quanto à qualidade de vida na velhice, especialmente no tocante ao crescimento pessoal e ao propósito de vida.

De acordo com Cachioni (1999), ainda na década de 1970, este tipo de instituição estabeleceu-se no Brasil ofertando, além de programas educativos, programas de lazer, sobretudo com caráter desportivo. A autora coloca que as Universidades Abertas de Terceira Idade representam um importante canal de estudos sobre envelhecimento e de divulgação de conhecimento sobre a temática, além de formar profissionais para trabalhar com esta faixa etária e atuar fortemente na promoção da cidadania do idoso.

2.3 Envelhecimento e consumo de turismo

Segundo Neri e Freire (2000), o idoso que almeja a boa qualidade de vida chama a atenção tanto do Estado, em função da diminuição de ônus, quanto do mercado por seu potencial para consumo.

O crescimento da população idosa, aliado ao aumento da longevidade e, conseqüentemente, do tempo livre, tem gerado condições para a sua maior visibilidade na sociedade contemporânea, em função de sua potencial importância para a cadeia produtiva em diferentes segmentos.

Considerando que as características demográficas representam um recorte nos estudos sobre comportamento de consumo, Mowen e Minor (2003) destacam que o sexo, a idade, o estado civil, a ocupação, a escolaridade, a renda são variáveis importantes na formação de subculturas, que podem ser distinguidas por valores, tradições, símbolos, ações e demais interesses comuns. Para os autores, o universo destes aspectos converte-se em necessidades e

padrões de comportamento semelhantes, que são interpretados pelo mercado como representantes de um segmento.

Entretanto, acrescenta-se que alguns aspectos devem ser observados na formação de uma “subcultura do envelhecimento” dentro do campo de atuação do turismo, tais como:

- a) *Gênero* – uma vez que a população feminina na velhice é relativamente maior que a masculina e, atualmente, a diferença nacional na expectativa de vida da mulher em relação ao homem é superior a sete anos (IBGE, 2008);
- b) *Perdas e ganhos decorrentes da velhice* – se por um lado o envelhecimento traz determinadas limitações físicas, por outro, garante ao indivíduo a possibilidade de vivenciar situações que não seriam possíveis durante outras idades (NERI; FREIRE, 2000);
- c) *Duração de tempo na velhice* – já que a velhice é institucionalizada a partir dos 60 anos e, nos tempos contemporâneos, as pessoas freqüentemente chegam a viver décadas aposentadas (IBGE, 2008);
- d) *Heterogeneidade* – é necessário observar que os idosos não perfazem uma subcultura homogênea. Como em qualquer outra faixa etária, existem diferenças de acordo com o processo histórico, cultural, econômico e social experimentado ao longo da vida do indivíduo (FREIRE; SOMMERHALDER, 2000).

Acompanhar e entender as alterações na composição etária da população pode ser uma medida estratégica das organizações para adaptar-se às novas necessidades de seu público inicial e/ou para conquistar uma parcela etária emergente. Os profissionais devem conhecer as regras do grupo para compreendê-lo e atendê-lo adequadamente.

O relatório desenvolvido para a indústria de viagens pelo *Henley Centre Headlight Vision* em parceria com a Amadeus (2006, p. 23), com intuito de estimular o debate sobre tecnologia para aprimorar o serviço ao do futuro, identifica o Brasil como sendo um importante emissor de viajantes de terceira idade: “Em 2020, muito mais pessoas da terceira idade poderão vir do mercado Brasil, Rússia, Índia e China (BRIC), já que suas classes médias tornam-se mais afluentes”. Confirmando o que destaca Beni (2003, p. 64) “o turismo da ‘terceira idade’ continuará a constituir, tanto interna como internacionalmente, um expressivo fator de desenvolvimento do tráfego turístico e das destinações de viagens”. É

recorrente na literatura a menção de que o envelhecimento constitui um dos maiores desafios do futuro, Beni (2003) inclui este desafio para os profissionais de turismo.

Por sua vez, os viajantes *seniors* possuem necessidades específicas que contrariam antigos preconceitos sobre os idosos, pois não se caracterizam como pessoas inativas, ausentes do convívio em público, dependentes financeiramente ou carentes de cuidados de saúde. Ao contrário, são consumidores ansiosos pela manutenção da sua identidade, participação ativa na sociedade e em busca de novas experiências.

O setor turístico tem identificado o público idoso, fundamentalmente, como uma oportunidade para diminuir os efeitos de sazonalidade, visto que eles dispõem de maior tempo livre e podem viajar na baixa temporada.

De modo similar ao que ocorre na Europa, as empresas brasileiras de hospedagem, transporte terrestre, aquático e aéreo, vêm adotando um sistema de descontos especiais para incentivar as viagens. Ainda assim, a oferta para este público é pouco abrangente, e inclui a mera adaptação dos produtos oferecidos ao público em geral.

De acordo com Garcia (2001), existem alguns fatores negativos na oferta de viagens para este público, pois os empresários desconhecem a dimensão deste mercado, sendo comum o exagero dos problemas e dificuldades para atuar junto a essa população e o oferecimento de produtos e serviços muito direcionados que trazem baixo retorno, além da utilização de mensagens publicitárias inadequadas.

Iniciativas para a inserção do idoso mercado turístico

Tendo em vista o aumento progressivo da população idosa e o interesse pelo turismo como atividade de lazer, algumas iniciativas têm surgido no sentido de favorecer a inserção do idoso na atividade turística, corroborando com o descrito no Código Mundial de Ética do Turismo (WORLD TOURISM ORGANIZATION, 1999):

As atividades turísticas deverão respeitar a igualdade entre homens e mulheres. Mesmo assim, deverão ser promovidos os direitos humanos e em particular, os direitos específicos dos grupos de populações mais vulneráveis, especialmente as crianças, **maiores de idade**, as pessoas incapacitadas, as minorias étnicas e os povos autóctones (grifo nosso).

Cabe mencionar que as discussões sobre inserção de práticas de promoção da qualidade de vida para idosos no Brasil também estão amparadas no Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento, o qual propõe estratégias para enfrentar o desafio do envelhecimento populacional. Este documento apresenta recomendações norteadoras para a formulação de políticas, divididas em três esferas: pessoas idosas e desenvolvimento; promover a saúde e o bem-estar na velhice; e assegurar um ambiente propício e favorável (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2002).

Neste sentido algumas iniciativas destacam-se no cenário nacional, como por exemplo, o SESC que desenvolve trabalhos de inclusão do idoso desde a década de 1960 e a Associação Brasileira dos Clubes da Melhor Idade (ABCMI) que são pioneiras na organização do turismo brasileiro para as pessoas idosas.

O SESC, por seu pioneirismo na reflexão sobre bem estar no envelhecimento, merece ênfase por desenvolver roteiros dentro do departamento de Turismo Social que contemplem as expectativas dos idosos. O SESC, que tem representatividade nas questões ligadas ao idoso no Brasil, não é apenas provedor de roteiros de turismo social, é um incentivador de capacitação e qualificação profissional para aqueles que atuam em diferentes atividades com os idosos. Além disso, possui uma Gerência de Estudos sobre a Terceira Idade (GETI) o qual desenvolve pesquisas relacionadas à questão social do idoso no Brasil e, ainda, publica o periódico “A terceira idade: estudos sobre envelhecimento”, desde 1988, discutindo temas pertinentes ao envelhecimento.

Outra iniciativa de inserção do idoso no mercado das viagens foi implantada pela ABCMI, associação que congrega os Clubes da Melhor Idade (CMI), os quais foram concebidos pelo Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR), na década de 1980, com intuito de agregar maiores de 50 anos nas práticas de lazer e turismo durante a baixa estação (março a junho e agosto a dezembro).

A ABCMI tem como missão “proporcionar, através de um trabalho voluntário, oportunidade de turismo, lazer e cultura, despertando a consciência da cidadania e promovendo o bem estar social e a melhoria da qualidade de vida de seus associados.”

Embora seja uma instituição independente, a ABCMI mantém convênio com o Ministério do Turismo, a fim de viabilizar o propósito de aproveitamento dos destinos turísticos e de sua oferta, fechando parcerias com o *trade*, que visam vantagens financeiras para acesso dos associados à atividade turística, em conformidade com os objetivos do Plano Nacional de Turismo (PNT) de estímulo ao turismo doméstico (BRASIL, 2007b).

A ABCMI tem sedes em todas as Unidades Federais do território nacional e conta com cerca de 300.000 associados. Segundo dados da instituição (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS CLUBES DA MELHOR IDADE, 2009), seus associados viajam em média três vezes ao ano, sendo que uma destas para o exterior.

Ainda que o número de associados pareça expressivo, ressalta-se que a Pesquisa FPA/SESC (2007), que procurou retratar a realidade do envelhecimento nacional, constatou que apenas 1/3 dos entrevistados conhece ou frequenta algum grupo de “terceira idade”. Sendo que destes, apenas 9% conhecem algum grupo que costuma viajar e somente 4% participam efetivamente das viagens.

No âmbito destes clubes existem lacunas entre o pretendido e a realidade, conforme constata Campos (2003) ao pesquisar sobre os contributos do turismo no âmbito do Programa Clube Melhor Idade (PCMI) no estado do Maranhão. A autora relata que,

[...] contudo há limites quanto ao seu alcance populacional referente a certos propósitos do programa (a viabilização de sua atividade prioritária, o turismo, depende fundamentalmente da existência de certo poder aquisitivo por parte dos associados) [...].

O que se observa, é que mesmo o apoio institucional e empresarial que poderia tornar as ações do PCMI mais abrangentes, ainda não está consolidado (CAMPOS, 2003, p. 74).

Portanto, pode-se inferir que os dados apresentados sobre os associados dos Clubes da Melhor Idade diferem da maior parte da população idosa brasileira.

Por outro lado, a pesquisa de Campos (2003) indica que os idosos que desejam viajar, mas que não possuem condições financeiras para efetuar a viagem intermediada por agentes do *trade* turístico (agências de viagens, companhias de transportes, rede hoteleira, espaços gastronômicos, entre outros), dispõem de artifícios para a concretização de suas viagens, como por exemplo, hospedar-se na casa de parentes ou amigos, pegar carona ou visitar determinadas cidades sem frequentar os pontos turísticos que necessitem de pagamento de ingresso. Isso demonstra, mais uma vez, a contraditória relação entre hábitos de lazer e condições econômicas dos idosos.

Programas e políticas públicas

O histórico das políticas públicas em relação ao envelhecimento no Brasil teve início com as questões trabalhistas, a partir da década de 1940, com a criação do sistema previdenciário e evoluiu de modo que, atualmente, a demonstração da preocupação do poder público está presente em diversas frentes, passando por aspectos de bem estar físico, mental e social (HADDAD, 1993).

O conceito de políticas públicas, segundo Gastal e Moesch (2006), deve ser compreendido como o conjunto de ações que objetivem construir o controle social sobre os bens, serviços e obras públicas, de modo que estes sejam desfrutados efetivamente por toda a sociedade.

Por parte do poder público existem programas e políticas que fazem menção à relevância das atividades de lazer na velhice como fator constituinte da vida social saudável, incluindo o turismo como parte deste processo. Em decorrência das discussões no âmbito governamental sobre a necessidade de seguridade social do idoso, não apenas com caráter assistencialista, foi regulamentada em 1996, a Política Nacional do Idoso, com finalidade de “assegurar os direitos sociais dos idosos, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade”. A partir da implantação desta política, foi estimulada a articulação interministerial, que incluía também a temática do turismo (BRASIL, 1996).

Com a criação do Ministério do Turismo, em 2003, e a ampliação das discussões governamentais sobre as políticas públicas de turismo no Brasil, observou-se a necessidade de estender os programas para o atendimento de pessoas idosas, de modo a colaborar com o aumento de sua qualidade de vida e, conseqüentemente, com a sua inclusão social.

O Plano Nacional de Turismo – PNT 2007/2010 – uma Viagem de Inclusão, além do apelo ao turismo como gerador de renda, evidencia os esforços do Governo Federal para ações que possibilitem a inclusão do maior e mais diverso número de turistas pelo Brasil, difundindo-se entre todas as classes sociais.

Nesse sentido, foi lançado o Programa “Vai Brasil”, articulado com o *trade* turístico, que conjuga órgãos públicos de turismo dos estados e municípios brasileiros, de modo a aproximar os ambientes de negócios relacionados à produção e à oferta de serviços. Outro foco do Programa está ligado ao incentivo do desenvolvimento de projetos que reduzam os

preços de produtos turísticos para o público final, aumentando o número de viajantes e a ocupação hoteleira e dos demais serviços turísticos, propiciando a inclusão de novos grupos de consumidores, entre eles os idosos (BRASIL, 2007).

Neste contexto originou-se o *Programa Viaja Mais Melhor Idade*, atrelado ao objetivo de estímulo e de promoção do turismo interno, para população de maior idade e menor renda, tendo como *slogan*: “O turismo de portas abertas para a melhor idade”. O principal objetivo do Viaja Mais Melhor Idade é estimular o público da terceira idade a viajar pelo Brasil em períodos de baixa ocupação, configurando-se como um público alternativo para diminuição da sazonalidade das localidades turísticas.

O Viaja Mais Melhor Idade foi lançado em Setembro de 2007 e, inicialmente, teve como base os turistas originários de São Paulo e do Distrito Federal para 23 destinos nacionais. Atualmente, são 37 opções de destinos, tendo oferta de receptivo em 426 municípios brasileiros. Em 2008 o Programa foi ampliado e subdividido em “Pacotes Turísticos” e “Hospedagem” para melhor atender os interesses deste tipo de turista.

A criação do Programa Viaja Mais Melhor Idade representa a identificação do idoso não apenas como possível turista, mas, sobretudo, como cidadão que pode usufruir da atividade turística enquanto fenômeno cultural e social.

O Programa conta com outros parceiros, entre eles o Ministério da Previdência, por meio do Instituto Nacional de Segurança Social (INSS), o Banco do Brasil, a Caixa Econômica Federal, o Ministério do Trabalho, a ABCMI, o Serviço de Apoio à Micro e Pequena Empresa (SEBRAE), o SESC e órgãos oficiais de turismo das Unidades Federativas.

A prerrogativa para a realização destas viagens na baixa temporada é a possibilidade de desfrutar de preços mais acessíveis, supostamente atendendo às camadas menos favorecidas financeiramente.

O Programa Viaja Mais Melhor Idade comercializa pacotes turísticos, em parceria com a Associação Brasileira das Operadoras de Turismo (BRAZTOA), além de descontos em estabelecimentos de hospedagem conveniados por todo o território nacional, tem como foco fortalecer a inclusão do idoso no mercado de viagens. Segundo dados do Ministério do Turismo, o Programa Viaja Mais Melhor Idade chegou a comercializar mais de 200 mil pacotes durante o ano de 2008. A operadora CVC, maior operadora turística no mercado nacional, comercializa pacotes do Programa Viaja Mais Melhor Idade, divulgou que 30% dos clientes no ano de 2008, estão acima dos 65 anos de idade; a estimativa para 2009 é que este número suba para 35% do universo de clientes da operadora (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS OPERADORAS DE TURISMO, 2009).

O programa traz para as operadoras de turismo o benefício da possibilidade de trabalho com produtos novos e de ser um canal de distribuição para agentes de viagem, os quais assinam um termo de adesão ao Viaja Mais. Agências de viagens podem captar novos clientes, a partir do cadastro junto ao Viaja Mais, além de receber a capacitação específica do Programa, patrocinado pelo governo federal.

Os destinos, bem como os empreendimentos visitados se beneficiam com a venda para clientes na baixa temporada. As Instituições financeiras vislumbram o aumento de clientes e a melhoria na imagem institucional. Nota-se a relação mercadológica nesta breve descrição de benefícios, onde há a transferência para o público idoso da possibilidade de equilíbrio nas vendas durante o período de baixa temporada.

Para o idoso os benefícios difundidos pelo Programa são a possibilidade de inclusão no cenário turístico nacional e o pagamento por meio de crédito consignado, que permite parcelar em até doze vezes o valor do pacote, com descontos efetuados diretamente na folha da aposentadoria. Observa-se que este tipo de crédito é amplamente praticado pelas instituições financeiras, independente de estar ligado ao referido Programa.

Analisando a eficácia do Programa enquanto instrumento de inclusão do idoso por meio das atividades turísticas, o Programa Viaja Mais Melhor Idade parece discrepante de seu objetivo original: “Promover a inclusão social dos idosos, aposentados e pensionistas, proporcionando-lhes oportunidades de viajar e usufruir os benefícios da atividade turística, ao mesmo tempo em que fortalece o turismo interno regionalizado” (BRASIL, 2007), o qual fundamenta e justifica a existência do Programa e que está embutida num contexto maior de uma Política Nacional de Turismo, cujo lema é “uma viagem pela inclusão”.

A distribuição dos benefícios na cadeia que o congrega demonstra que há certas contradições entre a realidade e o que está delineado na proposta do Programa, pois, pensando no turismo enquanto manifestação cultural e social existe a possibilidade de que ele seja um instrumento de inclusão social da pessoa idosa, apesar dos limites que se delineiam para esse público. Porém, de fato, o Programa representa um canal de vendas alternativo para as agências e operadoras cadastradas, que desta forma se favorecem e se ancoram na ampla divulgação feita pelo governo, veiculada nos mais prestigiados canais de comunicação do país, além dos diversos eventos no território nacional, movimentando um montante de cifras que, efetivamente, não auxiliam na promoção da inclusão de pessoas com renda menos favorecidas, uma vez que os “benefícios” financeiros provenientes do programa não chegam a ser atraentes o suficiente para esta camada da população.

Em âmbito estadual, pode-se citar como programa político do Governo do Estado de São Paulo, lançado em novembro de 2008, por meio da Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social, o *Plano Futuridade*. Este plano “objetiva fortalecer a rede de atenção à pessoa idosa e promover a qualidade de vida dessa população” (SÃO PAULO, 2008, p. 2). O documento foi estabelecido a partir do Índice de Futuridade, indicador que mapeia as condições de vida da população idosa nos municípios paulistas, configurando-se como ferramenta de gestão para orientar as ações voltadas às pessoas idosas, focando nos eixos saúde, proteção social e participação, este último refere-se à oferta de atividades e/ou programas de cultura, esporte e turismo. De acordo com o documento,

A inclusão dessas informações se insere na visão de envelhecimento ativo e saudável, uma vez que um projeto de envelhecimento ativo compreende políticas e programas que promovam saúde mental e relações sociais, tão importantes quanto aqueles que melhorem as condições físicas de saúde.

Como atividades de lazer o plano considera: atividades relacionadas a esporte, eventos esportivos, passeios a pontos turísticos, viagens a outras localidades, ecoturismo e demais atividades relacionadas ao turismo. Compreendendo

[...] iniciativas municipais são de mais fácil execução, pois a oferta de atividades e programas orientados ao público idoso, nas áreas de cultura, esporte e turismo, podem ser objetos de parcerias com outras áreas da administração municipal, como secretarias de esporte, cultura e saúde, de forma a equacionar e atender as necessidades da população idosa.

Destaca-se que os indicadores relativos às atividades de cultura, esporte e turismo apresentam baixos escores (variáveis de 0 a 100), sendo que “96 municípios paulistas (15% do total) registraram-se como baixos (até 35,0), 221 municípios (34%) classificaram-se como medianos, com valores entre 35,1 e 47,9; 225 (35%) enquadraram-se como medianos altos e 103 (16%) atingiram os mais altos valores neste índice (de 60,0 a 100,0)” (SÃO PAULO, 2009).

Observa-se que a necessidade de aumento destes índices, uma vez que a ampliação dos programas de lazer para os idosos denotam a preocupação e a vontade política do gestor municipal em lidar com as questões das pessoas idosas.

Ainda em São Paulo, o Governo Estadual também desenvolveu, por meio da Secretaria Executiva de Turismo da Secretaria Estadual da Ciência, Tecnologia, Desenvolvimento e Turismo o “Guia de Serviços de Turismo para a Terceira Idade –

Programa Viva Feliz”, que disponibiliza informações sobre agências e hospedagem em diversos municípios paulistas que ofertam serviços com preços diferenciados para esta faixa etária.

Outra iniciativa de destaque no estado de São Paulo são os Centros de Referência do Idoso (CRIS) que estão instalados na capital paulista e tem previsão de expansão para o interior, estes centros trabalham com diversas temáticas para o apoio da pessoa idosa, inclusive com o lazer como instrumento de qualidade de vida.

O turista idoso no Brasil

A demanda crescente das pessoas maiores de 60 anos pelo turismo é identificada como uma tendência para o mercado de viagens e lazer, conforme relatório desenvolvido pelo *Henley Centre HeadlightVision* para a indústria de viagens (2006), segundo a pesquisa, os idosos estão entre as quatro grandes ‘Tribos de Viajantes do Futuro’, são elas: *Active Seniors* (3ª Idade Ativa), *Global Clans* (Clãs Globais), *Cosmopolitan Commuters* (Viajantes Cosmopolitas) e *Global Executives* (Executivos Globais).

O mesmo relatório chama a atenção para uma constatação relevante sobre o significativo número de idosos que são iniciantes em viagens, o que deve ser considerado pelos profissionais da área, pois as “atitudes (inclusive aquelas quanto à tecnologia) serão diferentes e vão variar de acordo com a idade e cultura” (HENLEY CENTRE HEADLIGHTVISION, 2006, p. 21). Esta constatação corrobora com os estudos de Dumazedier (1994) inferindo que a falta de hábito e de educação para o tempo livre parece impactar no consumo de atividades turísticas, o que sugere uma deficiência na educação para o lazer ao longo da vida e não apenas na idade idosa.

Tratando o idoso como segmento de mercado e, naturalmente, falando deste público enquanto consumidor, um dos fatores determinantes para o consumo dos idosos é a sua preocupação constante com a saúde, visto que o investimento na área da saúde é a primeira preocupação e, geralmente, o que absorve a maior parte de seu orçamento. Já o desejo de viajar ocupa o segundo lugar nas pretensões de gastos dos idosos, confirmando o que Silva (2002) coloca quando aponta que viajar é a segunda maior preocupação dos idosos, bem como com Neri M. C. (2007) que observa que este desejo perde apenas para a saúde

Se por um lado a renda pode ser um fator limitante para o acesso ao consumo do turismo e do lazer, por outro, as práticas de descontos estabelecidas no mercado e os incentivos garantidos pelo Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003), que concede o direito de 50% de descontos na aquisição de ingressos a eventos culturais, podem ser estimulantes no consumo de atividades de lazer. Entretanto, dados da pesquisa FPA/SESC (2007), apontam que somente metade dos entrevistados disse conhecer o benefício e apenas 12% declarar já ter utilizado.

Apesar das questões de ordem financeira, que podem ou não interferir na realização de viagens de lazer, pautado no crescimento demográfico dos idosos no Brasil pode-se dizer que o turismo para este público no Brasil vem crescendo gradativamente.

De modo que já se pode falar num perfil do turista idoso brasileiro, a partir de pesquisas acadêmicas é possível resumir este perfil como sendo maioria do sexo feminino, com nível de escolaridade acima do padrão brasileiro, visto que já cursaram o atual ensino médio. Eles são aposentados ou não trabalham, confirmando a informação sobre a disponibilidade de tempo livre. A indicação de amigos ou parentes é o ponto crucial na escolha dos destinos, juntamente com as informações sobre a organização da viagem, os serviços incluídos etc. A renda destes turistas também está acima da média brasileira. A maior incidência do gênero feminino deve-se ao fato de que as mulheres apresentam maior sobrevivência em relação aos homens e por elas sofrerem menos impactos em relação à aposentadoria.

Os idosos não necessariamente viajam em grupos etários homogêneos, com roteiros pré-estabelecidos. Preferem viajar em grupos pequenos, priorizando o interesse comum à idade. Tem interesse por atividades de lazer, tais como: shows, cinema, teatro (CARVALHO, 2005).

Também viajam sem acompanhantes, otimizando a oportunidade de fazer amigos, o que reforça sua vitalidade, possibilitando o planejamento de outras atividades com o grupo que conhece nessas ocasiões. Preferem por destinos novos e visam maior conforto que vantagem financeira (SILVA, 2002).

Este público, em geral, é mais crítico, exigente e seletivo. Não querem ser tratados como incapazes; querem respeito, não por sua condição etária, e sim por sua condição de cliente e de pessoa. Não primam por modismos e têm disponibilidade de tempo para pesquisar preços e prazos, além de prezar pelo bom atendimento (GARCIA, 2001).

O discernimento do idoso lhe permite verificar que fazer o que gosta não implica, necessariamente, em consumo desmedido.

Com o passar dos anos, o sujeito vai se tornando menos preocupado com a aquisição de produtos e de serviços, meramente, ostentatórios e caros, buscando algo que cumpra a função a que se destina, que tenha bom desempenho, mesmo que não seja de marca cristalizada mas que tenha, pelo menos, preço justo (GARCIA, 2001, p. 102).

Segundo Garcia (2001), para a pessoa idosa a opção “ser melhor” supera a de “ter mais” esta é uma característica do idoso que se contrapõe aos anseios dos consumidores mais jovens. Em geral o idoso que viaja, já cumpriu com suas necessidades materiais básicas. Estão mais atentos à percepção da relação entre as coisas e as pessoas e têm maior facilidade para perceber a importância da convivência e não apenas a acumulação de bens.

No processo de conhecimento do público, vale ressaltar que o envelhecimento é um processo individual, de acordo com o histórico de vida de cada um. Tal fato faz pensar que as transformações e as adaptações dos lugares turísticos devem ser baseadas na facilidade de inclusão e não na segregação do idoso como um público uniforme.

Expectativas de acolhimento do turista idoso

Os viajantes idosos possuem necessidades específicas que contrariam antigos preconceitos construídos culturalmente ao longo do tempo, pois não se caracterizam como pessoas inativas, ausentes do convívio em público, dependentes financeiramente ou carentes de cuidados de saúde. Ao contrário, são consumidores ansiosos pela manutenção de sua identidade e participação ativa na sociedade, além de estar em busca de novas experiências.

Apesar do aumento significativo das viagens realizadas por idosos despertar a atenção do setor do turismo, observa-se a necessidade de contemplar as expectativas e necessidades dos viajantes idosos. Assim, o melhor conhecimento dessa faixa etária pode remeter ao aperfeiçoamento dos serviços, aumentando a qualidade das experiências turísticas vivenciadas durante as viagens.

As expectativas do idoso em relação às atividades turísticas ou de lazer em geral estão atreladas à sociabilidade, à ampliação da rede de relacionamentos, à possibilidade de fazer novas amizades, construir ou manter vínculos sociais e, até mesmo, encontrar um novo relacionamento amoroso.

Na organização de viagens para idosos as agências e operadoras devem dar atenção especial ao cadastro individual de cada cliente e manter uma ficha que contenha, além dos dados gerais, dados sobre o estado de saúde, contatos para caso de emergências e verificação do porte de medicamentos específicos e de primeiros socorros. Além disso, pode ser solicitado que o turista traga consigo um exame avaliativo do seu estado de saúde, de acordo com o *Henley Centre Headlightvision* (2006, p. 24) é necessário “Identificar os passageiros com exigências específicas de saúde antes que entrem no avião e (conjuntamente com o seguro-viagem) permitir que seu registro médico e receitas sejam disponibilizados a um médico (que fale a língua do passageiro) no destino”. Deve-se ter à mão as informações sobre assistência médica disponível na localidade visitada, bem como suas condições de atendimento. Estes cuidados proporcionarão maior conforto e segurança na realização das viagens.

O relatório do *Henley Centre Headlight Vision* (2006, p. 23) ainda destaca que:

[...] os avanços da compreensão científica e médica, aliados a uma experiência de vida, resultarão em uma terceira idade com entendimento sofisticado de suas próprias necessidades de saúde. O entendimento incrementado sobre as questões de saúde fará com que o provedor de viagens se preocupe mais com os cuidados de saúde que terá de dispensar aos viajantes idosos.

A oferta de transporte deve observar alguns requisitos como dispor de apoio para descida e subida no veículo, recipientes próprios para casos de náuseas, poltronas confortáveis e com espaçamento adequado para circulação. Os motoristas devem ser orientados sobre as peculiaridades da faixa etária e evitar freadas bruscas, bem como observar a velocidade, especialmente quando o trajeto contar com curvas sinuosas, além de fazer paradas para uso de banheiro com maior frequência, no caso de ônibus com banheiro, deve-se optar para os que possuem banheiro no meio do veículo, ao invés dos fundos, facilitando o trajeto para todos. Em se tratando de transporte aéreo,

Oferecer trajetos personalizados, permitindo ao viajante mais controle sobre sua experiência de viagem. Por exemplo, permitir que reservem um assento com maior espaço para as pernas nos trechos mais longos da viagem, e assentos normais nos vôos de ligação, mais curtos, para tornar a jornada mais econômica. Ou permitir compras antecipadas do material de leitura ou entretenimento de bordo para ajudá-los a curtir o destino antes mesmo da chegada (HENLEY CENTRE HEADLIGHTVISION, 2006, p. 24).

Souza e Souza (2004) apontam como expectativas em relação às viagens as palestras ou reuniões sobre os locais a serem visitados, abordando aspectos culturais e paisagísticos. São valorizadas também informações sobre a cultura do lugar, bem como dados sobre personalidades e curiosidades em geral.

Na realização de atividades turísticas se devem estimular o uso de roupas e calçados confortáveis e o consumo de água, além de se colocar disponível para permitir interrupção do andamento do programa, de acordo com a necessidade, dando livre arbítrio quanto à opção de realizar ou não uma atividade. Embora na cultura brasileira seja marcante o traço de descumprimento de horários, o público idoso valoriza a pontualidade. Desta forma, é importante controlar os horários estabelecidos para saídas e chegadas, descanso, entre outros.

Aspectos como clima, paisagem, infra-estrutura, capacitação profissional, fazem a diferença na escolha das viagens, bem como as condições de acesso e sinalização, iluminação, ventilação, infra-estrutura básica são apontadas pelos idosos como aspectos determinantes na avaliação de um lugar turístico.

Em relação à infra-estrutura básica, a localidade deve ter acesso à distribuição de energia elétrica, saneamento básico, coleta de lixo e, obviamente, sistema de comunicação via telefone, essencial na ocorrência de alguma eventualidade.

No tocante aos atrativos são valorizadas as vistas panorâmicas, as atividades aquáticas, os espaços para comemorações e bailes, salas para palestras ou cursos e salões de jogos; os idosos apreciam também que haja disponibilidade material de leitura (literatura clássica, jornais e periódicos, especialmente se tratarem de qualidade de vida e atualidades). Estes espaços devem ser preparados para estimular ou atender o anseio de convívio social.

Os lugares turísticos devem ter disponibilidade de espaços cobertos para realizar atividades, em caso de mau tempo. A falta deste espaço pode comprometer a memória e a imagem do lugar visitado, face à frustração da não realização das atividades previstas ou da não substituição destas atividades.

Sobre os alojamentos, estes devem ser amplos, arejados e bem iluminados. É importante salientar as condições do mobiliário, sobretudo as camas, preferencialmente com colchões ortopédicos e as cadeiras, que devem ter braços para apoiar no momento de sentar-se ou levantar-se. Ainda quanto ao espaço, outro aspecto relevante é a existências de pisos antiderrapantes, que lhes confere maior confiança de deslocamento e que os equipamentos sejam de fácil manuseio (maçanetas, torneiras, entre outros). E quanto aos banheiros, além de amplos, ventilados e bem higienizados, devem ter barras de apoio, garantindo maior segurança.

Em relação à comensalidade, os serviços de alimentação devem atentar à oferta de um cardápio variado, incluindo pratos que contemplem restrições alimentares típicas dos problemas de saúde como a hipertensão e o diabetes, ou seja, devem oferecer, além dos pratos convencionais, opções com sal moderado e também sobremesas *diet* e *light*, sem descuidar do aspecto visual atraente. Cuidados específicos em relação à dieta, em função de tratamentos de saúde, são essenciais, mas ressalta-se que os idosos não desejam ter uma alimentação excludente.

Para os profissionais que terão contatos com o turista idoso é recomendável conhecer suas particularidades, respeitando a heterogeneidade entre os idosos. Para lidar com este público é desejável que se tenha boa dicção, ter clareza nas explicações e sempre que possível exemplificar. Paciência, tolerância, atenção, falar de maneira objetiva, usar linguagem comum, evitar gírias e passar segurança são características indispensáveis (GARDIN; SILVA, 2003).

Reforçam-se algumas questões a serem consideradas por profissionais que lidam com o turista idoso, como lembrar que são adultos e que não desejam ser tratados como incapazes, deve-se respeitar a integridade e a autonomia do idoso e, finalmente, o profissional deve munir-se de conhecimentos para conseguir bons resultados. Conhecer o potencial e o comportamento do consumidor turista idoso auxiliará na qualificação da oferta, de produtos e de serviços.

Moletta e Goidanich (2000) apontam outros requisitos para quem vai lidar com o turista idoso como capacidade de elogiar, sempre que oportuno; demonstrar interesse e entusiasmo na realização de atividades; evitar situações constrangedoras; favorecer a solidariedade e o contato humano; mostrar-se disponível para responder às questões. As autoras destacam ainda que no planejamento de viagens para idosos se apresente um cronograma possível de ser realizado, evitando frustrações, sem descuidar da intensidade das atividades, observando possíveis alterações fisiológicas como palidez, suor, mal-estar em geral; ter em mente que algumas atividades de interesse entre os mais jovens pode não agradar os idosos.

Para o idoso nas paradas para compras são apreciados, a aquisição de elementos que lembram um lugar. Este fato tem especial valor no pós-viagem e contribuem no valor emocional e na recordação, constituindo um importante fator para planejamento dos lugares turísticos. Nesse sentido, vale dizer que a oferta de lembranças deve estar em consonância com as atividades econômicas do lugar.

Embora este conjunto de informações seja valorizado para qualquer público, para o idoso é essencial e estas intervenções têm uma dimensão especial no que diz respeito ao fator autonomia e liberdade, conferindo um importante valor na avaliação da experiência turística.

De acordo com Rodrigues (2008, p. 29)

[...] sua principal marca deverá ser a garantia de liberdade de ação, de movimento e de escolha a essa população. Afinal, quando se fala aqui em idosos é preciso tirar da mente aquela imagem antiquada do velhinho de pijama, sentado no sofá em frente à televisão. Nos próximos anos, a velhice perderá de vez este estigma.

Diante da identificação do público idoso como demanda potencial para consumo de atividades turísticas e de lazer, o *trade* turístico deve atentar para as particularidades deste público, de forma a satisfazer suas expectativas, oferecendo atividades turísticas e de lazer, inseridas numa atmosfera subjetiva de prazer e satisfação. Ressalta-se que o sucesso de um negócio turístico depende também dos profissionais que atuam neste mercado.

Segundo Ansarah (2002), a promoção efetiva do turismo com qualidade depende da constante realização de pesquisas que permitam conhecer não apenas a quantidade de turistas a ser recebida em uma determinada localidade em um determinado período, mas sim o perfil destes turistas, sobretudo, suas necessidades e desejos.

Ao ofertar serviços de lazer e de turismo, deve-se considerar que a dimensão das viagens e sua contribuição na melhoria da qualidade de vida dos idosos, no que concerne aos aspectos físicos, psíquicos e sociais deles. Dar condições para que o idoso possa desenvolver atividades com independência pode ser compreendido como uma manifestação de hospitalidade, pois a possibilidade de autonomia é altamente acolhedora.

Cabe observar que dentro do universo de turistas idosos, existem iniciantes em viagens, fator que deve ser considerado pelos profissionais da área, pois as atitudes podem ser diferentes e variar de acordo com o percurso histórico, cultural, social e econômico vivenciado por cada indivíduo.

Não se trata de oferecer quaisquer atividades para idosos, mas sim as que tenham relação com a sua identidade, competências e necessidades (DOLL, 2007, p. 118). É essencial preocupar-se não somente com o preenchimento do tempo livre dos idosos, mas principalmente que as atividades realizadas neste tenham significados. Pois, demonstram ter as demandas habituais de qualquer pessoa em relação a serviços de hospedagem, alimentação, entretenimento, consumo de arte, moda ou cultura, entre outros.

Contudo, manifestam desejos delineados por uma diferente perspectiva dos lugares visitados e dos relacionamentos estabelecidos tanto com os anfitriões, quanto com os profissionais que os acompanham e, também, de seus pares, colocando em xeque as tradicionais formas de acolhimento do turista.

O acolhimento ao idoso não é sinônimo de segregação ou de caráter excludente e/ou discriminatório. Dar condições para que o idoso possa desenvolver atividades com independência pode ser compreendido como uma manifestação de acolhimento. Desta forma, a possibilidade de autonomia é altamente acolhedora.

Ressalta-se que os apontamentos deste trabalho podem colaborar para maior conhecimento do público idoso e, conseqüentemente, ampliar as possibilidades de atendê-los com eficácia, empregando melhor as técnicas de promoção da organização de um lugar turístico, embora não seja o objetivo central do trabalho.

3 REPRESENTAÇÕES E EXPECTATIVAS SOBRE O LAZER E O TURISMO

Esta pesquisa de caráter qualitativo foi pautada na maior compreensão dos conceitos relacionados ao lazer e ao turismo, sob o ponto de vista de uma amostra qualitativa de idosos que adotam a viagem entre suas opções de lazer. Para tanto, realizou-se entrevistas com estes sujeitos discutindo a representação das atividades de lazer, sobretudo as turísticas, para a sociabilidade na velhice.

Tendo em vista que o objetivo da pesquisa de campo está baseada na compreensão das motivações, representações e conseqüências da viagem para a vida social dos idosos entrevistados, optou-se por utilizar um roteiro de entrevista semi-estruturado, abordando e dirigindo conteúdos que pudessem verificar fatos e sentimentos que entrelaçassem os temas lazer, turismo e sociabilidade, de modo a compreender suas representações e expectativas .

3.1 Descrição do Método

Nesta pesquisa, buscou-se organizar a discussão anterior de modo a que ela orientasse a análise dos resultados obtidos nas entrevistas realizadas com idosos que valorizam a experiência das viagens como opção de lazer, explorando desde a organização até o período pós-viagem, bem como os impactos por ela provocados em diversas esferas de suas vidas.

O desenvolvimento da pesquisa proposta permitiu confrontar a teoria em que se sustenta este trabalho sobre a triangulação “envelhecimento, lazer e turismo”, com os resultados as entrevistas, sendo que se optou por investigar idosos que adotam as viagens entre suas opções de lazer, mesmo que as viagens não figurem entre suas atividades prediletas.

A presente investigação apoiou-se em um roteiro que permitiu realizar entrevistas semi-estruturadas, que visava explorar a relação dos entrevistados com as atividades de lazer e, especialmente, com as viagens. O referido roteiro, além de traçar perfil dos entrevistados, discutiu temas chave para o entendimento desta pesquisa, a saber: a) cotidiano; b)

participação em grupos de convívio; c) viagens – antes, durante e depois; e d) organização econômica.

a) Cotidiano

Procurou-se traçar um panorama geral de como é a rotina dos entrevistados atualmente. Foi perguntado como é sua rotina diária, quais as atividades que desenvolvem, além de procurar saber onde e de que maneira se dão as suas relações sociais e seus grupos preferenciais de convivência. Buscou-se determinar então, se freqüentam grupos de convívio ou não; o que consideram como atividade de lazer, ou mesmo, quais atividades realizam para se divertir, explorando sua relação com o tempo livre para saber como encaravam o aumento do tempo livre advindo da aposentadoria e relacionando o tema com a aposentadoria, num contraponto com o trabalho.

b) Participação em grupos de convívio

Este tópico objetivou confrontar o referencial teórico sobre participação em grupos de convívio com a representação desta participação percebida pelo idoso. Sobretudo, as questões relacionadas à participação em grupos procuraram evidências a respeito do papel do grupo na sociabilidade e no bem estar dos entrevistados.

O julgamento das informações sobre este tópico apoiou-se, principalmente, nas reflexões propostas por Debert (1999) que aponta estes espaços de convivência como próprios para experimentar novas formas de viver coletivamente e de serem altamente motivadores para a auto-expressão, sendo muitas vezes responsáveis por uma representação positiva da velhice.

A análise das associações e programas para a terceira idade é interessante, porque são formas de associativismo em que a idade cronológica é um elemento fundamental na aglutinação dos participantes, e, neste sentido, distinguem-se de outras formas – como, por exemplo, determinados tipos de associações filantrópicas – que, congregando majoritariamente pessoas mais

velhas, não têm na idade uma dimensão central nas práticas desenvolvidas (DEBERT, 1999, p. 138)

Desta maneira, investigou-se sobre o processo de inserção no grupo, sobre os fatores motivadores de participação e seus impactos. Este tópico serviu como gancho para tratar sobre as preferências nas atividades de lazer, focando nas atividades turísticas.

c) Viagens

As perguntas desta categoria foram formuladas considerando o referencial teórico que cruza envelhecimento e turismo, buscando a traços de sociabilidade que eventualmente acontecessem em virtude do desenvolvimento de viagens.

Dentre outras coisas, considerou-se que o convívio social é importante em qualquer idade, mas que assume relevância durante a velhice e as atividades de lazer e turísticas favorecem a prevenção do isolamento e da solidão, além de estimular a imaginação, a ação e a recordação (RODRIGUES; DIOGO; BARROS, 1996).

Este foi o tópico mais explorado a fim de entender qual o peso da viagem dentre as atividades de lazer possíveis para o entrevistado. Iniciou-se com perguntas relativas ao histórico das atividades turísticas, ou seja, se ele tinha o hábito de viajar ao longo de sua vida, se viajavam com a família, quais os destinos, como se sentiam nestas viagens, entre outras coisas. Em relação às viagens na atualidade, seguiu-se com questionamentos que perpassavam pela opção de viagens com grupos de “terceira idade”, desde como havia sido a experiência da primeira viagem com o grupo, como foi o processo de decisão para este tipo de viagem e qual a reação da família a respeito, também se perguntou sobre as dificuldades encontradas. Abordaram-se as diferenças percebidas em relação às viagens realizadas quando eram mais jovens. Explorou-se qual o julgamento dos entrevistados sobre as viagens em relação às outras atividades de lazer.

Sobre o processo da viagem, propriamente dita, optou-se por subdividir os tempos da viagem em antes, durante e depois, para melhor organizar as respostas, conforme segue:

Antes da viagem

Este assunto permitiu compreender as expectativas dos entrevistados em relação às viagens. As perguntas foram introduzidas na conversa de modo que respondessem sobre quais fatores estimulam e quais atrapalham a decisão de fazer uma viagem, como se dá o processo de preparação da viagem, incluindo-se as informações sobre os destinos, a configuração do pacote, a arrumação da bagagem, além de explorar sobre os critérios na escolha do destino.

Durante a viagem

Para entender como os entrevistados avaliam a viagem, questionou-se sobre alguns componentes tais como: o destino, os critérios para avaliação dos serviços como hospedagem, transporte, alimentação, compras e, também, dos profissionais com quem interagiram.

À parte às questões de operacionais da viagem, indagou-se sobre aspectos subjetivos da viagem, como por exemplo, a convivência num tempo e espaço diferente do cotidiano e os possíveis conflitos advindos desta convivência ou, o contrário, quais os benefícios dela.

Depois da viagem

Neste item as perguntas exploraram duas questões principais: a memória e a sociabilidade. Dois assuntos relevantes na discussão sobre o envelhecimento e que, em geral, aparecem de forma distintas na literatura, mas que na temática do turismo pode-se debater paralelamente, cada um cumprindo um papel fundamental na velhice.

Sobre a primeira questão, a memória, ressalta-se sua importância nas palavras de Ferreira (1998, p. 208),

Discutir o papel da memória no processo de envelhecimento significa, pois, abordar o lócus privilegiado de construção da identidade do ser velho e as estratégias de afirmação nos espaços sociais. Refletindo todo um universo de representações e significados, a memória, atualizada pela categoria

lembrança, constitui, ela própria, uma representação que os sujeitos fazem de sua própria vida.

Portanto, na medida em que as atividades de lazer puderem contribuir para ativar a memória estarão contribuindo para a representação da velhice dos sujeitos nela envolvidos.

No que concerne à sociabilidade, partiu-se do princípio de que o turismo desempenha um papel social ao mesmo tempo em que as viagens favorecem o contato mais próximo com o outro e, até mesmo, mais íntimo, o que, eventualmente, pode favorecer a aproximação e o vínculo, podendo, assim, a experiência da viagem ampliar o círculo de amizades.

Questionou-se sobre como os entrevistados sentiam-se após da viagem, abordando como se dava este processo em relação aos seus espaços sociais, se ele costuma relatar suas experiências para a família, se mostrava as fotos e também se reencontrava os amigos de viagem em outras ocasiões.

d) Organização econômica

Este tópico foi elaborado considerando que no Brasil o processo de envelhecimento é marcado por grandes desigualdades e injustiças sociais, registrando-se que o mesmo também ocorre em outras camadas etárias.

Tal situação é premissa para alguns autores enfatizarem que a situação financeira impede o idoso brasileiro de viajar. Doll (2007) coloca que o principal empecilho para concretizar o desejo de viajar está atrelado à condição financeira em que estes se encontram. Também é comum encontrar a menção aos preços das viagens como sendo altamente impeditivos para a realização das atividades turísticas, dado que inclusive embasa a justificativa dos programas e das políticas de promoção do turismo para a terceira idade que defendem a redução de preços na baixa temporada como estratégia para atrair o público mais velho. Essas idéias aparecem no Programa Viaja Mais Melhor Idade, que tem como um de seus objetivos “Fomentar as viagens internas por meio da oferta de produtos de qualidade e acessíveis ao público”.

Neste sentido, buscou-se compreender como os entrevistados se organizavam financeiramente para viajar. Se realmente os descontos praticados para idosos pelo mercado turístico são percebidos como benefícios e se estes têm algum impacto na decisão de viajar.

Se ao longo da vida eles fizeram economias que lhes permitem gastar com viagens atualmente. Também foi questionado sobre a relação com a família no quesito orçamento, se a família tinha condições de ajudá-los a concretizar as viagens ou o contrário, se eles tinham que despende parte do orçamento para ajudar a família de modo que atrapalhasse o orçamento turístico. Além disso, questionou-se sobre o peso dos gastos nas viagens no orçamento total e se as condições orçamentárias atuais favorecem a realização de viagens mais que antes.

3.2 Procedimentos de pesquisa

Este estudo foi realizado com idosos que adotam as viagens entre suas opções de lazer. A metodologia desta pesquisa está classificada como qualitativa e pautada em observação de um grupo de convívio de idosos e na realização de entrevistas, conforme abaixo.

Quanto aos procedimentos de observação do grupo de idosos, acompanharam-se algumas reuniões realizadas por um grupo que se reúne no Jardim Jabaquara, tal grupo estabeleceu-se com objetivo comum de realizar atividades sociais que podem ser definidas nesta pesquisa como atividades de enfrentamento da velhice com qualidade de vida.

O grupo realiza atividades coletivas que incluem desde palestras informativas sobre características da faixa etária, até atividades físicas (ginástica e yoga), além atividades de diversas de lazer, entre elas as viagens.

Durante estes encontros, além da observação da dinâmica das relações entre os sujeitos envolvidos, também se estabeleceram conversas informais com alguns participantes sobre os temas que envolvem esta pesquisa (lazer, turismo e sociabilidade no envelhecimento), as quais contribuíram para o enriquecimento das considerações sobre a pesquisa em questão, bem como auxiliaram na compreensão dos mecanismos que explicam a criação e a permanência de grupos desse tipo.

Nesse sentido, como já foi apontado, a pesquisa se caracteriza como exploratória, num primeiro momento, e descritiva, com relação aos objetivos. Além disso, pode-se classificar como explicativa, numa segunda fase, na medida em que busca explicar o lugar que as viagens ocupam na vida e na sociabilidade dos idosos.

Para tanto, foram entrevistados oito sujeitos, sendo que cinco freqüentam grupos de convívio e três não freqüentam este tipo de grupo. A seleção dos sujeitos entrevistados foi aleatória, compondo uma amostra qualitativa do perfil objetivado. Destaca-se que duas idosas que compõem esta amostra qualitativa (Ágata e Esmeralda) participam do grupo de convívio visitado na etapa de observação.

As entrevistas ocorreram na residência dos idosos, com exceção do casal que mora na Bahia e que recebeu o pesquisador na casa de uma de suas filhas. O tempo médio de conversa com cada um deles foi entre três e quatro horas.

As entrevistas foram gravadas e interrompidas em alguns momentos, quando o assunto não estava diretamente ligado à pesquisa como, por exemplo, falando sobre a casa, a relação com a empregada, mostrando fotos dos netos, mostrando a casa, falando especificamente sobre alguma doença, entre outros assuntos. Entretanto, observou-se a necessidade de manter atenção para fazer anotações num caderno de campo, durante todo o tempo, de forma a registrar alguma informação sobre a pesquisa que fosse mencionada nestes momentos de interrupção da gravação.

Ressalta-se que o roteiro serviu de apoio para que o pesquisador se norteasse e não esquecesse nenhum dos tópicos, porém, durante as entrevistas, a ordem dos assuntos não obedeceu rigidamente à seqüência proposta do roteiro. O encadeamento da conversa foi determinado pelas declarações do entrevistado.

Nota-se que os homens foram mais objetivos nas respostas, enquanto as mulheres entrevistadas divagaram mais nas conversas e, não raro, desviavam o assunto, configurando-se como certo desabafo. Isso foi confirmado pela fala de uma das entrevistas ao se despedir da pesquisadora:

Muito obrigada, muito obrigada mesmo por ter me ouvido. Desculpa o desabafo. [...] Imagina eu agradeço muito sua atenção e o interesse nessas coisas sobre terceira idade. Obrigada mesmo, pode voltar quando quiser, se precisar de mais alguma coisa pode ligar, pode vir aqui (Pérola, 75 anos).

Em todas as entrevistas o pesquisador foi recebido com certa solenidade, pois os entrevistados demonstraram ter se preparado para a ocasião e evidenciaram orgulho em poder colaborar. O momento da entrevista pareceu ser considerado pelos idosos como algo inusitado, que lhes conferia certa importância, que pode se notar por tratar de questões do envelhecimento, talvez pelo simples fato de se expressarem ou talvez por serem eles (os

entrevistados) portadores de opiniões e experiências que pudessem representar uma categoria etária, sendo referência para uma pesquisa acadêmica.

Durante os encontros cumpriu-se um ritual de apresentação da casa e foi servido café e lanche ao pesquisador. Houve evidente satisfação em servir algo, o que os entrevistados ainda reforçavam com alguma receita ‘especial’, por algum motivo, numa tentativa explícita de agradar o interlocutor, como evidenciado nos comentários: *“Come este cural, fui eu que fiz, com o milho que trouxe do sítio da minha filha”* ou *“Este bolo é de uma receita que eu peguei na Ana Maria Braga. Eu adoro assistir a Ana Maria Braga, porque sempre tem umas receitas gostosas e fácil de fazer”*.

Estas demonstrações de acolhimento ao mesmo tempo em que concedem certo conforto e até certa liberdade para investigar suas vidas, bem como tentar entender as representações e suas expectativas em relação ao lazer e às viagens, também podem ser constrangedoras do ponto de vista do rigor metodológico, colocando à prova a imparcialidade do pesquisador. Contudo, registra-se que este ritual de aproximação foi essencial para fluência das informações. Embora não exista neutralidade total, as informações recolhidas foram tratadas com justiça, apoiadas no referencial teórico, de modo a responder aos tópicos propostos nesta pesquisa, caracterizada como qualitativa.

Perfil dos entrevistados

Neste estudo sobre o envelhecimento e sua relação com o lazer e com o turismo, traçou-se o perfil dos entrevistados a fim de delimitar sua posição na sociedade e conduzir esta pesquisa dentro deste perfil. É necessário esclarecer que não se pretende fazer generalizações e que as considerações resultantes desta pesquisa, se representam um extrato social restrito e não podem ser aplicadas ao conjunto dos idosos que compõem essa faixa etária, podem contribuir, por outro lado, para a compreensão das dimensões que foram privilegiadas neste trabalho.

Em todas as sociedades existem estratificações que são determinadas por diversos fatores, os mais presentes dos quais são: idade, gênero e classe social, que são determinados de acordo com contexto histórico e cultural de cada uma destas sociedades; estas coortes são fundamentais para análise e compreensão dos fenômenos sociais. Assim o universo de entrevistados nesta pesquisa é composto por oito idosos, dos quais cinco mulheres e três

homens, sendo que o mais novo tem 68 anos e o mais velho 84 anos, considerados com condição financeira privilegiada perante a realidade brasileira, pelo fato de poder realizar viagens respaldadas em suas condições orçamentárias e sem ônus à manutenção de sua saúde.

A fim de preservar a identidade dos entrevistados seus nomes foram substituídos por pedras preciosas, conforme segue:

Ágata - sexo feminino, 75 anos, viúva, perdeu o marido há cerca de três anos e é pensionista, possui 1º grau completo. Sempre foi dona de casa. Mora em casa própria, na Vila Mascote, região Sul de São Paulo. Tem quatro filhos, dos quais dois residem com suas famílias próximas à sua casa e as outras duas filhas, ambas divorciadas, retornaram para a casa dela, com três netos, sendo que um deles tem seis anos e é portador da síndrome de *down*. Aparentemente, a dinâmica da casa é bastante vigorosa e demanda da entrevistada uma série de tarefas próprias do papel de dona de casa, ainda que declare ser de responsabilidade das duas filhas divorciadas a responsabilidade pelo bom funcionamento da casa. Toma remédio para controlar a pressão. Participa de grupos de convivência da Terceira Idade.

Berilo - sexo masculino, 84 anos, casado, vive com a esposa. Imigrante italiano que viveu em São Paulo e, após a aposentadoria, foi morar em Maraú, na Bahia, onde já morava uma de suas filhas. É professor aposentado. Ao chegar a Maraú trabalhou como guia de turismo e, atualmente, é professor voluntário em um curso de supletivo, trabalhando diariamente na educação de jovens e adultos da região onde mora. Não frequenta grupos de convívio, pois não existem onde ele mora. Só toma medicamento quando adocece.

Esmeralda – sexo feminino, 73 anos, casada, mora com o marido, possui o 1º grau completo, é pensionista. Mora em casa própria, no bairro Conceição, na região Sul de São Paulo. Ao longo da vida dedicou-se às prendas do lar e, ainda hoje, exerce a função de responsável pelo bom andamento da organização doméstica. Tem dois filhos, ambos casados, porém residem próximos a ela. Frequenta grupos de Terceira Idade. Toma remédio para controlar a pressão arterial e gerencia a medicação do marido que é diabético.

Jade – sexo feminino, 75 anos, casada e mora com o marido (Berilo) em Maraú, na Bahia, em um chalé na pousada da filha. Possui o 1º grau completo e curso técnico, é educadora de sanitarista aposentada. Alfabetiza voluntariamente pessoas da região onde vive. Não frequenta grupos de Terceira Idade.

Ônix – sexo masculino, 81 anos, casado, vive com a esposa, em uma casa própria, no bairro Vila Olímpia, região Sul de São Paulo. Possui o 1º grau completo. Trabalhou como bancário e é aposentado. Têm quatro filhos e dez netos, todos residentes em São Paulo e em bairros próximos a ele. Frequenta grupos de Terceira Idade, junto com a esposa, sua participação é atuante, envolvendo-se na programação do grupo e responsabiliza-se por cumprir algumas tarefas, tais como pesquisar preços para alguma eventual compra.

Pérola – sexo feminino, 75 anos, viúva há três anos. Possui o 1º grau completo. Foi costureira autônoma ao longo da vida e é pensionista. Reside em casa própria, no Portal do Morumbi, região sul de São Paulo. Vive só, mas possui uma secretária diariamente em sua casa. Tem três filhos, sendo que apenas um vive em São Paulo. Já frequentava grupos de terceira idade antes da morte do marido. Tem ampla atuação e envolvimento nas ações dos grupos que frequenta, liderando atividades e buscando patrocínios para incrementar as atividades.

Safira – sexo feminino, 74 anos, viúva, 1º grau incompleto. Aposentada. Mora em casa própria na Vila das Belezas, região sul de São Paulo. Tem nove filhos, doze netos e três bisnetos. Um de seus filhos é enfermeiro, solteiro e vive com ela. Os outros filhos moram em São Paulo, alguns na capital e em cidades próximas. Gosta de executar as tarefas domésticas e só contrata faxineira pra fazer a limpeza pesada. Já teve diabetes, mas agora está controlada. Cuida da alimentação, dando prioridades aos alimentos saudáveis.

Topázio – sexo masculino, 68 anos, casado, vive com a mulher, em uma casa própria, no bairro do Morumbi Sul, região Sul de São Paulo. Possui o 1º grau completo e cursos técnicos em marcenaria. É marceneiro e, apesar de estar aposentado, ainda trabalha em sua empresa, comandando a equipe de marceneiros e, de acordo com suas possibilidades, também executa serviços. Têm nove filhos, todos residentes em São Paulo e em bairros próximos a ele. Não toma remédios e não possui restrições no cardápio alimentar. Frequenta uma igreja evangélica e toca guitarra numa banda gospel.

Portanto, são estes os sujeitos entrevistados, ambos com característica comum de viajar com frequência e que colaboraram para o desenvolvimento desta pesquisa, por meio de conversas permitiram o delineamento da análise sobre o tema proposto neste trabalho.

3.3 Resultados da Pesquisa: interpretação dos dados

Conforme exposto anteriormente o resultado das entrevistas foram organizados de acordo com as categorias de análise criadas para esta pesquisa: cotidiano, participação em grupos de convívio, viagens e organização econômica.

Cotidiano

Entende-se que com o envelhecimento e, conseqüentemente, com a saída do mercado de trabalho, a configuração do cotidiano sofre alterações, a representação coletiva que a sociedade capitalista construiu sobre esta dinâmica permeia aspectos negativos como a perda da identidade produtiva e o isolamento social. Para Ferrari (2005), é necessária preparação para descobrir a reorganizar, planejar e dar ritmo à vida, para não cair no vazio.

Isto significa dizer que durante o envelhecimento o cotidiano da pessoa esvazia-se e a “falta do que fazer” transforma a realidade da pessoa, sendo comum o discurso de que na velhice é um tempo de solidão e de proximidade com a morte, conforme exposto no primeiro capítulo. Ferrari (2005, p. 99) coloca que

[...] uma das causas que prejudicam o cotidiano das pessoas neste período é a falta de preparação para esta fase da vida aliada a muitas vezes à perda de status e à conseqüente desvalorização social, fazendo com que o direito à aposentadoria e ao uso do tempo livre se torne não um benefício, uma conquista, ou até um prêmio, mas um período indesejável, carregado de tédio, marginalização e de preocupação econômica para muitos.

Observou-se ao longo da bibliografia pesquisada que é extremamente relevante na velhice manter uma vida social ativa e ter um sentido de vida para manter a auto-estima elevada. Conforme coloca Erbolato (2000), a auto-estima nesta faixa etária é influenciada pelas outras pessoas, pelas diversas adaptações necessárias no processo de envelhecimento, pelas constantes adequações aos objetivos de vida nesta nova realidade etária, pelos modelos de comparação e pela pressão da sociedade. Pode-se acrescentar que,

Acompanhada do envelhecimento natural do ser humano, a aposentadoria é um marco de alteração na dinâmica familiar e social do indivíduo, trazendo como consequência a mudança dos hábitos de quem se aposenta e daqueles que com ele convivem, sendo então uma etapa da vida que necessita de preparação (SOBREIRA NETTO; PEREIRA NETTO, 2009, p. 1)

Assim, observa-se que é importante manter uma vida com atividades que dêem sentido ao cotidiano. De modo que os idosos precisam incorporar à sua rotina novas práticas, diferentes das exercitadas ao longo da vida produtiva economicamente, assim como demonstrado pelos entrevistados: os oito sujeitos entrevistados praticam exercícios diariamente ou quase todos os dias, especialmente as caminhadas fazem parte da rotina deles. Nota-se que nenhum deles tinha hábitos de atleta ao longo da vida, colocando que a possibilidade de exercitar-se surgiu com o envelhecimento, após a saída do mercado de trabalho e, também, por orientação médica, pois a saúde física auxilia na diminuição da dependência e no aumento da autonomia, conforme colocou Dumazedier (1994, p. 135):

Olhando além dessas práticas semi-produtivas, observa-se um desenvolvimento, mesmo ao longo da terceira idade, de práticas corporais orientadas para a saúde, a forma, o prazer do próprio corpo: passeios, caminhadas breves ou longas, viagens individuais ou coletivas multiplicaram-se.

Conforme dissertado no primeiro capítulo deste trabalho, ter um propósito dá sentido à vida e algumas falas reforçam a evidente necessidade dos entrevistados em sentirem-se úteis à sociedade, com ações incorporadas ao cotidiano da aposentadoria:

Eu gosto de sair na rua pra comprar as coisas, todo dia de manhã eu vou na padaria, já é meu trabalho. Normalmente eu também faço algumas coisas pra minhas filhas, vou no banco pra pagar as contas, estas coisas.

Eu que faço muita coisa pelo grupo, eu datilografo as músicas que o pessoal escolhe pra cantar nas excursões, eu vejo preço das coisas, ajudo o pessoal lá. [...] quando a gente fica em casa tem muita coisa pra fazer, porque sempre tem alguma coisa pra consertar [...] também lá no condomínio a gente dá uma forcinha (Ônix).

No período da tarde eu dou aulas. Sou professor voluntário num projeto da Secretaria da Educação (Berilo).

Eu alfabetizo o pessoal da comunidade, sem compromisso, não é ligado a nenhuma escola. [...] começou sem querer, alfabetizei um empregado, que apresentou outro primo que também precisava, e a história foi se espalhando e o pessoal me procura, vem gente de longe

bater aqui me pedir pra ensinar. Muitos até já estudam, mas eles têm dificuldade e vem aqui pra pedir ajuda, reforço né [...] eu ensino com maior prazer, mas tem que ser cedo. Quem quer aprender acorda cedo, esse é meu horário. Eu acordo e já vou dar aula, quem quiser vem, eu to aqui, das sete até umas nove, depois só no outro dia (Jade). Eu tenho sempre o que fazer, tem os netos por perto que ficam na minha cola, eles não desgrudam de mim. Também tem a firma pra cuidar, sabe como é empregado né, eu tenho que ta por perto, vou todo dia lá pra ver como é que tão as coisas. Eu também vou visitar os clientes, vejo como é que o serviço ta ficando. [...] é, tem meus filho lá, mas eu tenho que ver se eles tão fazendo direitinho (Topázio).

Ah, eu cuido da casa. Tem a minha empregada que faz as coisas, mas eu gosto de fazer a comida, por que tem que ficar do gosto do meu marido (Esmeralda).

Ressalta-se que no universo feminino dos entrevistados o “cuidar da casa” aparece como a atividade mais próxima do trabalho, resgatando os resultados das pesquisas bibliográficas, as quais apontam que as mulheres retomam seu papel na vida doméstica, ao passo que os homens, que até então ocupavam o espaço público, passam a compartilhar do ambiente doméstico com a mulher.

[...] na vida adulta, aquilo que o indivíduo faz como trabalho acaba por se tornar a base de sua identidade, ou seja, aquilo que ele é para a sociedade é frequentemente identificado com aquilo que o indivíduo faz para viver. Assim, a aposentadoria trará, além da perspectiva de um tempo vazio e entediante, uma ameaça ainda maior, traduzida em um sentimento de castração psicológica (PAULI, 2001, p. 30)

Além da vontade de serem úteis, estas falas remetem à relação entre tempo livre e trabalho, sobretudo por que o discurso da produtividade foi mais contundente nas falas masculinas. Entretanto, chama atenção a necessidade de trabalhar de Jade, conforme segue:

Ainda era muito nova pra me aposentar assim. Eu tava saudável e não queria ficar em casa sem fazer nada. Na época tinha um concurso para trabalhar meio período e eu prestei. Eu não tava muito confiante, prestei por prestar e passei. [...] daí surgiu o boato de que o Maluf, com aquele negócio de PAS¹, ia manda alguns lá pro Bararé², um lugar bem longe daqui. Aí eu fiquei com medo, né, mas aí falei com meu marido que se fosse pra ir eu ia. Já tinha falado que eu alugava um quarto por lá e ficava lá durante a semana e no final de

¹ Plano de Atendimento à Saúde, programa implantado pelo então prefeito da cidade de São Paulo, Paulo Maluf, no mandato de 1986 a 1990.

² Na verdade a entrevistada referia-se à Ilha do Bororé, bairro do extremo sul paulista, distrito do Grajaú.

semana vinha pra casa. E ele topou. Mas daí eu não fui pra lá não. Eu acabei indo pros lados da Freguesia do Ó, que também era um pouco longe, mas não era tão longe assim. [...] Lá foi muito bom pra mim, porque eu já tinha uma certa idade e com 30 anos de experiência, né. [...] então, lá eu trabalhava só com gente mais nova.

Indagada de como sentiu a diferença de idade neste espaço de trabalho Jade respondeu:

Lá tinha muita gente nova, que tinha acabado de se formar e com vontade de aprender, então eles me perguntavam muita coisa e eu respondia o que eu sabia. Aí eles me respeitavam muito. Eu achava isso muito bom. Eles me ensinavam algumas coisas que eles sabia, porque tinham acabado de se formar e eu ensinava eles também. Todo mundo aprendia junto. Eu não me arrependo nenhum pouquinho de ter prestado este concurso, foi muito bom trabalhar lá, trabalhei onze anos com eles.

Esta declaração vem ao encontro do conceito de geratividade, construto psicológico criado por Erikson (*apud* NERI, 1993) o qual se manifesta pela preocupação em passar conhecimento para as gerações mais novas, onde os papéis sociais da velhice são potenciais oportunidades de desenvolvimento da geratividade no cotidiano.

O conceito de geratividade relaciona-se a uma proposição de valor no qual está implícita a noção de transigência de limitações e incapacidades, além de manter seu significado pessoal, de bem estar consigo mesmo. Em oposição às perdas e fragilidades da velhice, esta concepção enfatiza tarefas importantes que o idoso pode realizar em favor dos outros e de si mesmo (NERI, 1993).

Dumazedier (1994) coloca que na década de 1970 na Europa os aposentados já demonstravam interesse em ocupar o tempo livre com atividades que, embora fossem de livre escolha, tivessem caráter utilitarista ou semi-utilitarista, como os trabalhos voluntários, geralmente ligados às atividades manuais, os quais constituíam um setor importante da economia informal. Segundo o autor,

Valeria a pena avaliar com uma maior precisão esta mistura, na aposentadoria, do trabalho e do lazer, traduzida em práticas de atividades produtivas ou semi-produtivas, tanto do ponto de vista desta riqueza que escapa da contabilidade nacional como do ponto de vista do equilíbrio social e humano que dela resulta para os interessados.

Mais do que no trabalho profissional, é neste trabalho amador que se produz a verdadeira “revolução do tempo escolhido”. As tarefas são mais variadas. O ritmo de produção é menos monótono. Os horários são hiperflexíveis. Este

trabalho amador tem os charmes do trabalho profissional independente sem os riscos. Trocam-se com mais frequência auxílio e conhecimentos. O rádio e a televisão estão repletos de programas instrutivos para esta atividade. Muitas rubricas de jornais, revistas, livros técnicos fornecem conhecimentos para o seu aperfeiçoamento. Em todas as pesquisas, os artesãos amadores, durante a aposentadoria ou antes dela, declaram que este trabalho voluntário não remunerado (ou pouco) é realizado mas por prazer do que por necessidade (DUMAZEDIER, 1994, p. 134)

Quanto ao desejo de fazer alguma coisa que realmente gosta, sem obrigação, destacam-se os discursos:

Eu que cuido do jardim da pousada, todos os dias eu vejo alguma coisa [...] eu sempre gostei de plantas, é meu relaxamento, eu gosto de ficar fazendo testes, com mudas que eu encontro pra ver o que fica melhor (Jade)

Eu também bordo, eu fico assistindo a TV e bordando, faço este panos, tem um monte aqui, vou fazendo e vou guardando, daí eu dou pras colegas, pra nora, quem pede eu dou, mas não faço encomenda não, eu vou fazendo o que eu aprendo por que eu gosto (Ágata).

Ah eu faço muito destes colares, por que tem meus parentes que moram lá no Norte e quando eu vou prá lá eu trago um monte de sementes, a turma adora que eu dou estes presentes pra eles (Safira).

Sou professor voluntário, lá no curso de supletivo, eu sempre gostei de ensinar, né, sou professor aposentado. [...] não faço este trabalho por dinheiro, gosto de dar aula. Acho que incentiva a minha vida, aposentado que não trabalha definha (Berilo).

Ainda sobre o cotidiano, uma informação comum é o interesse por assistir televisão, este dado foi unânime entre os entrevistados, sendo que os homens têm preferência pelos programas jornalísticos e pelos de esporte. Como disserta Dumazedier (1994, p. 135) “O tempo livre da aposentadoria permite também uma maior participação nas artes do espetáculo em todos os gêneros, sobretudo através da televisão. Em média esta é utilizada uma hora a mais do que antes da aposentadoria.”

Entre as mulheres duas falas antagônicas chamam a atenção, a primeira é de Jade que declarou: “Adoro assistir televisão!” E a segunda é de Pérola: “Não sou muito de televisão, eu gosto mesmo é de computador, eu digo que meu namorado é o computador. [...] eu gosto de jogar [...], antes eu só jogava paciência, mas jogo qualquer coisa, eu aprendendo, eu jogo”.

Sem abrir mão das críticas relacionadas ao conteúdo da programação da TV, Dumazedier (1994, p. 136) enfatiza que “a televisão pode ser um centro de informação e formação permanente, cuja prática crítica é, apesar de tudo, muito mais enriquecedora do que muitas circulares e conversas funcionais nas empresas, limitadas à realização de tarefas de execução repetitiva [...]”.

Outro dado comum é o desejo de dormir algumas horas durante o dia, geralmente, após o almoço: *“Eu preciso tirar uma soneca à tarde, senão eu não agüento, porque eu gosto de acordar cedo, mas só que a tarde eu tenho muito sono, isso pra mim é sagrado” (Safira).*

Quando perguntado sobre o que considera lazer atualmente, as concepções sobre lazer foram bastante variadas e nem sempre estava em consonância com o discurso apresentado acima sobre fazer o que gosta no dia-a-dia. Como, por exemplo, Jade que declarou gostar de cuidar do jardim, classificado como uma atividade manual de lazer, não considerou esta atividade que lhe é prazerosa como lazer. Declarou com firmeza: *“Meu lazer é assistir televisão. Adoro assistir televisão!”.*

Para muitas pessoas estar na praia, poder dar uma caminhada e tomar um banho de mar pode ser considerado lazer, entretanto, para Jade e Berilo que moram na praia e realizam estas atividades como parte de sua rotina, não houve relação com lazer.

Topázio gosta de tocar guitarra e este é o seu lazer.

Eu sou evangélico e toco na banda da igreja. Fico ensaiando em casa. Vou pra igreja, ensaio lá também. Tocar me distrai (Topázio)

Já Safira que mencionou viver para viajar, não falou da viagem como opção de lazer, mas declarou que seu lazer é estar com a família em festa.

Eu sou chegada numa festa. Todo mundo sabe disso e vem todo mundo pra cá, faço muita comida, muita fartura mesmo e ponho música (Safira)

A viagem apareceu no discurso sobre lazer de Ágata, Berilo, Ônix, Pérola e Topázio.

A relação com a família também é apresentada como forte representante na rotina dos entrevistados, já que declararam desempenhar atividades relacionadas aos filhos, como já ilustrado numa declaração de Ônix que executa “serviços” para as filhas ou ainda, no caso das mulheres casadas em relação aos maridos, que se preocupam em fazer as coisas do jeito que os agradem.

Contrariamente às idéias correntes, a saída dos filhos não redundava de modo algum em traumatismo. Esta partida provoca amiúde um certo sentimento de libertação: a libertação das obrigações domésticas e das responsabilidades financeiras, novas possibilidades de *farniente* e viagens, da pessoa ser finalmente ela mesma pela primeira vez por que os filhos foram embora: acrescentemos que os filhos podem representar um papel negativo na expressão pessoal dos pais aposentados (DUMAZEDIER, 1999, p. 122)

Observam-se algumas posturas que tentam se desvincular desta imagem de apoio familiar, como nas declarações sobre os netos:

Ah eu não cuido de neto não, eles moram aqui, tudo bem, mas eu não sou mãe deles. Têm os outros que vem sempre aqui, mas eu só sou avó. Pais são eles, eles que cuidem dos filhos. A educação dos filhos é responsabilidade dos pais, eu dou carinho, compro presentinho, né, mas é só isso [...] a gente se preocupa sim, só que eu não deixo meus filhos ficarem empurrando eles pra mim não. Tem a pequena que é doente, mas a mãe é que leva, busca, dá remédio, eu fico de olho, mas ela que é mãe. [...] ah, eu dou uns toques, por que senão também tem hora que eles nem sabem o que fazer (Ágata).

*Avó tem que estragar, mas é cada um na sua. Eu não sou muito de ficar cuidando de netos não. As vezes até eles me criticam por isso [...] minha filha fala que eu tenho que aprender estas coisas de garotada pra pode me entender melhor com eles, mas eu não sou muito disso, o último desenho que eu lembro é do Pokémon, acho que já tá velho, né [risos]
[...] eu gosto assim, eles lá e eu aqui com a minha vida. Quando a gente se encontra é ótimo, mas, depois pronto, eu não fico pensando muito nisso (Pérola)*

Ah os netos pra mim são assim, quando eu to aqui eu aproveito faço tudo junto com a netinha, mas quando eu volto pra casa ela fica aqui, eu sei que ela tá bem, então eu não fico triste, porque não vai adiantar nada. Ele que sente mais falta (referindo-se ao marido) (Jade).

Destaca-se que esta necessidade de expressar que cada um tem seu lugar na família não se sustenta durante todo o discurso, por vezes, até contraditório, como na fala de Ágata: “A organização fica por conta delas, eu já passei desta fase...” mais adiante declara “Eu adoro cozinhar no final de semana, por que vem a família toda, a casa fica cheia!”

Participação em grupos de convívio

De acordo com os apontamentos desta pesquisa, os grupos de convívio representam um importante canal para a reflexão do envelhecimento e cumprem um papel especial no reposicionamento do olhar sobre a velhice. Como apontado por Pereira (2006, p. 49): “Um fenômeno marcante na contemporaneidade é o encontro de pessoas em grupos organizados, de objetivos variados como forma de sociabilidade intrageracional, já que nesse momento histórico é dada ênfase nos pequenos grupos, nas ‘tribos’.”

Zimerman e Osório (1997) apontam que nos grupos de terceira idade os vínculos se dão pelo reconhecimento perante os demais indivíduos do mesmo grupo, necessário em qualquer faixa etária reconhecer-se e ser reconhecidos dentro de um grupo de semelhantes.

A participação em grupos está interligada aos objetivos de melhoria de qualidade de vida na velhice uma vez que proporcionam o contato com outras pessoas, com objetivos similares, e dão oportunidade de desenvolvimento pessoal

Os Grupos de Terceira Idade são formas de sociabilidade que tem atraído mais as idosas que os idosos e quase sempre as idosas mais jovens. Trata-se da geração de mulheres que participavam mais regularmente do mercado de trabalho e que tinham voz deliberativa da própria vida. O ponto de partida para iniciar essas atividades é a aposentadoria, as pensões e as separações ou viuvez. Nesse momento que estão livres, com dinheiro, mais saudáveis e com maior vigor físico, assim podem usufruir o tempo livre e passear, viajar, estudar, participar de festas (PEREIRA, 2006, p. 51)

Do ponto de vista da hospitalidade, independentemente da faixa etária que congregue um grupo de convívio, as associações de pessoas com interesses em comum se configuram como importantes redes de apoio social, conforme expõe Bueno (2008).

Assim, segundo os estudos de Baptista (2002), os grupos de convívio de idosos podem-se traduzir em “lugares de hospitalidade”, pois são espaços onde se pratica o acolhimento do outro e se percebe a tentativa de reorganização das relações sociais.

No que concerne à sociabilidade a participação nestes tipos de grupo impulsionam novas redes sociais que favorecem a fuga do sentimento de solidão.

Com o processo de envelhecimento, as práticas sociais e a sociabilidade são novamente revistas, o que faz com que as pessoas envelhecidas busquem nos Grupos de Terceira Idade e num novo companheiro a recuperação desse sentimento de família (PEREIRA, 2006, p. 63)

Entre os entrevistados, cinco participam de grupos de convívio da Terceira Idade (quatro mulheres e um homem) e os outros três não participam, sendo que dois deles declararam não freqüentar pela ausência destes grupos no local onde residem e um declarou não ter interesse.

Dumazedier (1994, p. 137) discorre sobre o papel dos grupos de terceira idade como espaços onde:

[...] se tecem com freqüência redes de sociabilidades fortes, freqüentemente mais espontâneas que aquelas que a necessária divisão do trabalho impõe. Estes grupos não são mais enriquecedores nem criativos que muitos ateliês e escritórios, mas observa-se seu papel provável contra o isolamento social, o desencorajamento, a depressão, em favor de uma socialidade viva necessária a toda e qualquer sociedade.

Além do aspecto de promoção de sociabilidade, observa-se que estes grupos de convívio constituem um espaço de auxílio ao enfrentamento de outras situações relacionadas ao idoso.

O desenvolvimento de programas para a terceira idade, através de atividades realizadas em grupos tem papéis que condizem com a promoção da saúde, ou seja, o de apoio social e de reforço à rede social. O apoio social tende, entre outros aspectos, a ser fundamental em situações comuns do envelhecimento, ou seja, o luto, a aposentadoria e a realocação involuntária, os quais são tidos como eventos estressores (Minkler, 1985 *apud* Teixeira, 2002, p. 50).

É curiosa a maneira como os entrevistados referem-se aos grupos:

Antes do meu marido morrer eu já freqüentava a “Terceira Idade”, mas eu não podia ir nas viagens, por que precisava cuidar dele que tava doente (Ágata).

A gente vai muito na Terceira Idade, o meu marido só vai se eu for, mas eu vou se ele for também (Esmeralda).

Eu sempre fui na Terceira Idade. Depois que fiquei viúva eu comecei a ir em mais grupos (Pérola).

Então quando se referem ao grupo simplesmente como “Terceira Idade”, fica claro que a expressão está atrelada a uma nova concepção de envelhecimento, assim como apontado por Debert (1998, p. 63)

As formas de pressão traduzem-se em formas de expressão. Na transformação do envelhecimento em problema social estão envolvidas novas definições da velhice e do envelhecimento, que ganham dimensão com a expressão “Terceira Idade”. Uma nova imagem do envelhecimento é constituída a partir de um trabalho de categorização e criação de um novo vocabulário que se opõe ao antigo no tratamento dos mais velhos: terceira idade x velhice; aposentadoria ativa x aposentadoria passiva; centro residencial x asilo; gerontologia x ajuda social; animador x assistente social. Os signos do envelhecimento foram invertidos e assumiram novas designações: “nova juventude”, “idade do lazer”. Da mesma forma, inverteram-se os signos da aposentadoria, que deixou de ser um momento de descanso e recolhimento para tornar-se um período de atividade, lazer, realização pessoal. Não se trata mais apenas de resolver os problemas econômicos dos idosos, mas de proporcionar cuidados culturais e psicológicos, de forma a integrar socialmente uma população tida como marginalizada.

A expressão “Terceira Idade” enquanto signo também é apontada por Pereira (2006, p. 24), quando coloca que “A discussão da pós-modernidade, que busca um termo livre da negatividade, da morte e da decadência humana, encontrou no termo “Terceira Idade”, uma forma de descrever a velhice desejada no século XX”.

Observa-se que os entrevistados encontraram nestes grupos uma maneira de reorganizar sua rotina, na medida em que fazem da programação do grupo suas obrigações:

Eu participo de tudo que tem na Terceira Idade, na terça tem a reunião geral, que vai mais gente, mas eu vou também na quarta nas palestra da nutricionista, ela é uma graça, ensina um monte de coisa pra gente; na quinta tem a ginástica lá, a yoga; daí toda sexta tem a psicóloga que eu vou também; tem também as viagens, que quando não tem eu vou no outro grupo, junto com elas (Ágata).

Toda segunda, quarta e sexta eu vou no grupo da academia, faço a natação e hidro. Quarta e sexta tem a ginástica aqui com a professora do Liang Gong. Terça, quinta e sábado tem o grupo da caminhada (Pérola).

As reuniões são de sábado de manhã, com a coordenadora do grupo, também tem a dança na terça de tarde e na quinta a gente se encontra na igreja pra fazer a oração e combinar as coisas (Ônix).

Eu vou em tudo que dá pra ir, na ginástica, alongamento e tai chi, nas palestras, em tudo, desde que não atrapalhe lá em casa (Esmeralda).

Eu vou todo dia, cada dia tem uma coisa diferente, tem na terça e na quinta o artesanato e nas segunda, quarta e sexta tem ginástica. Eu já acordo e vou (Safira).

Uma declaração interessante sobre a ampliação de sociabilidade proporcionada pelo grupo foi a de Ágata que ao sair das reuniões disse que se sente motivada a continuar atividades fora de casa e, geralmente, vai com as amigas do grupo, almoçar no shopping. Mencionou que gosta muito de ir a lugares de compras, como por exemplo, na região central da capital paulista, o que não é, necessariamente, sinônimo de consumo, pois o que importa é ter contato com as pessoas e não o consumo em si. Conforme ela diz,

Eu gosto de bater perna com as ‘colega’ do grupo, a gente vai até lá pra 25 de março e às vezes não compra nada, só vê as lojas, conversa, toma um lanche e depois vem embora.

A discussão sobre as atividades de lazer desenvolvidas estão atreladas à condição da aposentadoria e do advento do tempo livre. Conforme Ferrari (2005, p. 100) “O aposentado tende a não valorizar a aposentadoria, ainda que reconheça que é uma conquista, porque foi acostumado a outro ritmo de vida, o ritmo da produção. Desta forma, não sabe o que fazer com o tempo livre.”

Talvez a maior dificuldade em desfrutar o tempo livre da velhice com atividades de lazer esteja atrelada às idéias deturpadas de representação social do envelhecimento, impedindo vislumbrar as possibilidades de evolução e crescimento que a velhice proporciona.

Por outro lado, a disseminação de uma “nova velhice”, ligada à concepção do termo “Terceira Idade” leva ao que Debert (1999) classifica com resignificação da velhice. Esta idéia aparece em Teixeira (2006, p. 84-85):

Essas mudanças na “sensibilidade” em relação ao envelhecimento, que superdimensiona essa etapa da vida como “tempo de lazer e realizações pessoais”, nega a problemática social do envelhecimento do trabalhador, na contemporaneidade, e têm como pressuposto o envelhecimento das classes médias, cuja pseudovalorização está relacionada ao crescimento do consumo diferenciado e não mais massificado, de mercadorias, bens e serviços, típicos da nova fase expansionista do capitalismo.

Evidentemente, os estudos de Teixeira (2006) retratam a disparidade na realidade econômica do envelhecimento no Brasil, além das desigualdades, também colocam que os novos paradigmas do envelhecimento estão atrelados às questões financeiras, de acesso à saúde e demais bens e serviços.

O discurso dos entrevistados sobre lazer apresentou diversidade e foi possível notar que o que representa uma atividade de lazer para um não representa necessariamente lazer para outros.

Adoro assistir televisão, principalmente as novelas, quando não dá pra assistir eu gravo. Tenho prazer em assistir filme picadinho, cada vez que tenho um tempinho assisto um pedaço e paro. Faço o que tenho que fazer e depois assisto mais um pedaço. Quando o filme chega no fim eu fico satisfeita (Jade)

Eu gosto de ouvir música e de ler. Mas eu gosto mesmo de viajar, isso pra mim é lazer (Berilo)

Eu gosto de assistir futebol (Topázio)

Ah, lazer pra mim, acho que é poder ficar sem fazer nada, é quando eu não to ocupada (Esmeralda)

Eu gosto de passear, bater perna com as colegas (Ágata)

Ressalta-se a questão do lazer doméstico, já evidenciada em outros momentos desta pesquisa. Safira fez declarações interessantes sobre sua concepção de lazer, quando indagada sobre como eram as atividades de lazer. Antes de entrar no grupo a entrevistada disse que se dedicava às atividades manuais, tais como crochê, ponto cruz, tricô entre outros e que assistia televisão. E completa dizendo:

[...] não sei como conseguia ficar tanto tempo assistindo TV e fazendo estas coisas, até que eu gosto de fazer tricô, bordar, fazer crochê, só que não consigo imaginar mais ficar sentada na frente da TV bordando, enquanto tem tantas coisas pra fazer.

Essa vontade de estar em atividade, também apareceu na entrevista com Ágata, que além das atividades do grupo que frequenta regularmente, ela se informa com as ‘colegas’ sobre as atividades de outros grupos próximos a casa dela e quando tem interesse em alguma atividade, especialmente os passeios, ela se ‘convida’ para participar.

Viagens

De acordo com o que exposto no capítulo anterior, a viagem aparece como um dos desejos mais iminentes da aposentadoria, perdendo apenas para o desejo de ter saúde, base para a realização de outro desejo.

Entre os entrevistados, observa-se que todos já gostavam e tinham o hábito de viajar antes da aposentadoria, entretanto, a configuração das viagens era muito diferente, normalmente as viagens eram com a família, com frequência reduzida, respeitando especialmente o calendário escolar, período que os filhos podiam viajar. Sendo que a casa de praia ou de campo, segunda residência, era a opção mais freqüente.

Eu gosto mais das viagens agora. É mais divertido por que não tem filho, nem marido por perto (Safira).

Eu me sinto livre. Eu sempre fui muito certinha [...]. Nas viagens com a Terceira Idade ninguém liga se você senta de perna aberta, se fala de boca cheia (Pérola).

Assim como aconteceu na Europa, no Brasil o interesse e a concretização das viagens pelos idosos comumente são estimulados a partir da participação em grupos de convívio.

No final da vida elas tornam-se um modo de resistência ao envelhecimento; mudam a arte de viver de um numero crescente de pessoas idosas: 87% dos clubes dessa idade de ouro organizam viagens coletivas. Entre 1/3 e a metade das pessoas declaram viajar mais do que antes da aposentadoria (DUMAZEDIER, 1994, p. 135)³

A evidência disto é que os Clubes da Melhor Idade foram concebidos no âmbito do Ministério do Turismo, sob responsabilidade do Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR) e em nível estadual pelos órgãos oficiais de Turismo (CAMPOS, 2003).

Segundo Doll (2007, p. 111) no que concerne aos aspectos de satisfação para o idoso: “Não é a atividade em si que leva à satisfação, mas a percepção subjetiva do reconhecimento e da integração social a partir das atividades realizadas.”

³ Pesquisa sobre clubes de aposentados, dirigidas por ATTIAS-DONFUT, C. com a colaboração de ROZENKIER, A. 1987 (texto mimeografado).

Tomando esta afirmativa como base, a viagem demonstra ser um canal de satisfação na velhice uma vez que pode proporcionar sociabilidade e também um reposicionamento do sujeito em relação à sua condição de velhice.

Assim sobre a sociabilidade advinda das viagens, Ágata mencionou diversas vezes durante a entrevista que mencionou que fez amigos muitos amigos na “terceira idade”, e que estas amizades foram reforçadas durante as viagens, pois:

Quando a gente vai para fazer as atividades, tem muitas que chegam só para participar e logo depois voltam pra casa, num dá tempo da gente bater papo, se conhecer... Na viagem não, a gente fica tudo junto, o tempo todo conversa, aí dá pra conhecer melhor.

Você veja só o seguinte, tinha uma delas lá que eu sempre via, “oi”, “oi”, mas nunca tinha conversado com ela e quando a gente foi lá pra Caldas Novas, a minha amiga que ia ficar comigo no quarto não pode ir e eu fiquei com essa aí.

Eu fiquei meia assim, né, por que não conhecia, mas aí a gente foi conversando já daqui até lá. Menina, eu não fiquei amiga dela! Nossa ela é maior barato, né, como vocês dizem. A gente riu muito, se divertiu mesmo.

Agora quando eu chego na ginástica que ela tá lá, a gente já fica perto.

[...] Apresento sim, ela conhece minhas amigas e eu conheço as dela (Ágata)

Ah tem muitos amigos de viagem e tem também aqueles que a gente se conhece lá. Por exemplo, eu sempre vou lá pra Minas, daí já fiquei amigo dos pessoal de lá. [...] tem o pessoal que fica lá na praça, os caras lá do restaurante [...] eles já me conhecem tudo pelo nome (Topázio)

Esta liberdade e até esta intimidade, de fato, não acontece em todos os casos.

Fiz muitos amigos durante as viagens, mas nem sempre vira aquela amizade, é só mais na viagem mesmo (Berilo)

Ou mesmo podem representar certo constrangimento, por que tal como em outras esferas da vida, cada um tem um histórico sócio-cultural e uma maneira de se comportar distinta. Estas diferenças podem se evidenciar durante os momentos de convívio na viagem:

Eu realmente fiquei sem jeito, por que ela é sozinha, então não tem o hábito de fechar a porta quando vai ao banheiro. Bom, nos chegamos do passeio e ela entrou e sentou no vaso com a porta aberta. Eu não sabia o que fazer, mas depois até acostumei que ela não fechava a

porta, e não ficava olhando. Mas quando eu ia no banheiro eu fechava a porta (Pérola)

A entrevistada Ágata disse não ter problemas em dividir por um determinado tempo a vida com outras pessoas que não são da família, que tem facilidade de relacionamento, fala com todo mundo, porém prefere ficar com pessoas que já tem alguma intimidade. Ao mesmo tempo em que declara achar legal ficar com pessoas desconhecidas, pois assim conhece alguém novo.

Quando não há empecilhos, é provável que a amizade ultrapasse os limites dos grupos de convívio e das próprias viagens, sendo que além das viagens organizadas pelos grupos, passam também a fazer viagens com estes amigos para suas casas de praia ou de campo.

Ah, tem minhas amigas lá que meus filhos já conhecem por que elas tão sempre lá no sítio comigo (Esmeralda)

O pessoal do grupo já é uma família, todo mundo conhece a família de todo mundo (Ônix)

Eu vou lá pra casa da praia com elas, aí pedi pro meu filho ver as coisas da reforma, já fiz muita coisa lá, por que ninguém ia quase na casa e eu ia até vender, mas depois que comecei a ir com as colegas, vou até fazer uma piscina.

É bom por que a gente vai quando não tem ninguém na praia, não tá lotado, é muito gostoso (Ágata)

A amizade ultrapassa os limites da viagem e do próprio lazer e passa também pelo campo da alteridade já que, com o afinamento do vínculo, também começam a tratar de outros assuntos como a saúde:

Eu conheci ela numa viagem pra Florianópolis, conversamos tanto e descobri que ela também precisava de um aparelho que nem o meu pra ouvir melhor. Eu apresentei meu médico, onde eu fiz o meu aparelho auditivo e eu acompanhei ela durante todo tratamento, saí com ela pra ver os preços do aparelho [...] agora ela me agradece muito por que ta ouvindo melhor (Ágata)

Tal fato pode ser refletido de acordo com os estudos de Bueno (2008) sobre a hospitalidade no jogo das relações sociais. Segundo a autora “[...] podemos pensar nas práticas sociais em termos da mediação da alteridade, pela construção de vínculos construídos

a partir da circularidade do dar-receber-retribuir, estabelecendo pontes que criam, ampliam ou rompem alianças e vínculos sociais”. (BUENO, 2008, p. 10)

Adverte-se, entretanto, que não se pretende exaltar a viagem como instrumento criador apenas de vínculos sociais positivos, conforme aponta Bueno (2008), nessa relação também pode haver um rompimento. Considerando a relação de proximidade e, muitas vezes até, de certa intimidade, durante uma viagem, caso não haja afinidade entre as partes envolvidas na relação, qualquer situação desconfortável pode ser potencializada.

Salienta-se que para todos os entrevistados a viagem representa um momento de prazer. A viagem adquire significado de extrema importância para o idoso, pode representar a fuga da rotina e do isolamento ou até a concretização de um sonho, ruptura do cotidiano.

Antes da viagem

Na investigação sobre como é o processo de preparação para as viagens, nota-se que a escolha do destino em si não tem muita importância. Porém um critério comum a todos os entrevistados é a preferência por lugares novos:

Eu não opino muito, meus filhos é que escolhem o lugar, mas eu faço uma exigência de conhecer alguma coisa que eu nunca vi. Por exemplo, eu já fui umas dez vezes pra Paris, se eles quiserem ir pra lá de novo eu vou, mas eles já sabem que eu vou escolher algum programa novo. Pode ser um restaurante, um lugar qualquer, mas eu quero aprender alguma coisa nova, que eu nunca vi antes (Berilo)

Ah eu não vou na próxima viagem por que é repetida, eu já conheço Maceió, então não quero gastar pra ir num lugar que eu já fui. Prefiro guardar pra ir em outro lugar novo (Ágata)

*Eu vou sempre pro interior, por que tem minhas filhas que moram lá, aí tudo bem, é sempre na mesma cidade. Mas quando é pra ir de excursão, eu só vou se eu não conheço o lugar. Eu não gosto de fazer passeios que já fiz. Só mesmo quando é pra ir ver os parentes.
(Safira)*

Por outro lado, existem ainda os idosos que fizeram declarações positivas sobre a reincidência de lugares visitados. Neste caso enquadram-se as viagens para visitar familiares, em geral filhos. Pode-se dizer que nestas viagens eles são é mais passivo em relação às

atividades de lazer e de turismo, pois se envolvem pouco ou nem chegam a se envolver nestas atividades no destino visitado.

Outro tipo de declaração que apareceu sobre reincidência de destino, foi vinculada ao valor da viagem.

Quando é pra ir pras termas, tudo bem, porque é pertinho e barato, aí eu não importo de ir várias vezes, por que é muito bom, eu adoro água [...] mas eu troco logo se aparecer outra coisa (Ágata).

No processo de preparação da viagem os entrevistados costumam procurar informações sobre o destino a ser visitado, característica comum a outras faixas etárias, contudo o que é o fato de fazerem isso depois de já terem efetuado a compra, o que foi apontado pelos entrevistados.

A atividade do grupo que eu mais gosto é viajar. Se eu pudesse só vinha em casa pra trocar de mala. Mas não posso. Eu não quero nem saber pra onde que é, eu quero ir (Ágata).

Eu adoro viajar. Acho até que é a coisa que mais gosto de fazer, quando as filhas programam uma viagem nem precisa convidar, a gente se convida antes (Berilo).

Eu gosto muito de viajar. Quanto a gente viaja conhece a vida. Eu vou em todas as viagens que eu posso mesmo (Pérola).

No caso dos entrevistados que viajam com os participantes de grupos de convivência a escolha do destino muitas vezes é determinada pelos organizadores ou coordenadores dos grupos, ficando a cargo das integrantes do grupo participar ou não, em geral, apenas fazem sugestões. O organizador é quem controla as inscrições e faz contato com agências de viagens e demais trâmites para prestação dos serviços.

Observa-se que tanto aqueles que participam de grupos, como os que não participam, demonstraram desconhecer os procedimentos em relação ao seguro saúde para as viagens, transferindo a responsabilidade para terceiros:

Não sei não sobre o seguro, a coordenadora que cuida disso (Esmeralda)

Elas que vêm tudo pra gente, não preocupo com isso não. Elas compram tudo em agência (Jade)

É sempre a mesma agência que leva, eles devem ter tudo direitinho (Pérola).

Antes da viagem os entrevistados costumam pedir opinião das pessoas próximas sobre a arrumação da mala e sobre a decisão dos passeios que realizarão. Sendo comum a interferência da família neste sentido.

Quanto aos aspectos subjetivos pré-viagem, destaca-se a ansiedade e curiosidade pelo que acontecerá na viagem.

Durante a viagem

Sobre a viagem propriamente dita, o que faz com que seja considerada boa reflete o recorrido no segundo capítulo deste trabalho.

Mesmo para aqueles que não participam de grupos de convívio, é unânime a preferência pelo que habitualmente chamam de “excursão”, referindo-se aos pacotes das agências de viagem, a preferência por viagens organizadas por terceiros aponta para a necessidade de transferir a responsabilidade da organização da viagem e também pela confiança o atendimento de profissionais da área.

Essas coisas é tudo por conta deles da agencia, eu não gosto muito de me preocupar com nada, só de ir e aproveitar a viagem (Jade).

É a agência que organiza, fica mais fácil, a gente já conhece e confia (Pérola)

A coordenadora é quem vê tudo. Ela sempre contrata a agência e fica tudo certo (Ônix).

Sobre a motivação para a realização da viagem as declarações versaram sobre questões de saúde, sendo que quatro deles iniciaram com os roteiros termais para o interior de São Paulo. O que estimula a decisão de fazer uma viagem é o fato de poder conhecer novos lugares e estar fora de casa.

É importante mencionar o papel da família em apoiar a vontade de viajar. Esta característica apareceu em todas as entrevistas. Chama a atenção dois casos em especial: Safira e Topázio. Ambos têm filhos que são enfermeiros, que com os conhecimentos na área

da saúde, lhes permitiram interferir positivamente no envelhecimento dos pais e incentivam vigorosamente o envelhecimento saudável.

Meu filho é que cuida de mim, me faz comer um monte de coisa pra melhorar a saúde, eu não tenho problema de doença, ele fica em cima de mim pra fazer tudo certinho, tira pressão, acompanha tudinho. Me faz fazer exercício, eu não gostava desse negócio de ginástica não, só depois que fiquei velho é que comecei cuidar, por causa do meu filho. Tem que cuidar né, se não a bateria pifa. [...] as viagens eu já gostava, mas não ia tanto, por que sempre tinha muita coisa pra resolver, agora eu vou bastante, viajo muito mesmo (Topázio)

Minha filha que é enfermeira me ajuda muito, por que ela sabe as coisas que deixam os velhos melhores, com a saúde boa pra curtir. Ela que me falou pra ir lá no grupo, pra fazer as viagens [...] hoje eu sou feliz (Safira)

Embora seja comum a preocupação com a saúde, pode-se perceber que durante as viagens pode haver negligência da rotina em relação aos cuidados com a saúde, principalmente no que concerne à medicação.

*Eu não tomo direito os remédios não, só quando eu sinto alguma coisa [risos]
[...] tomo um cervejinha, um vinhozinho no jantar, é bom e ninguém é de ferro. Minha filha é que não pode saber [risos] (Ágata).*

Para que uma viagem seja considerada boa, não há critérios bem definidos, demonstram gostar de tudo que dá certo. Os incidentes é que poderão influenciar em uma avaliação negativa, entretanto, não é uma avaliação da viagem como um todo, mas sim de algum aspecto.

Um dos aspectos está atrelado ao não ter que preocupar-se:

Eu não gosto de ter stress. Quero aproveitar a viagem (Berilo).

Nessas viagens eu não fico ligando muito em casa não, pra não saber de problemas [...] eu ligo quando eu chego pra avisar que ta tudo bem, e quando eu vou voltar e só (Safira)

Outros pontos citados foram sobre ter a programação ou o roteiro da viagem, pois gostam de acompanhar o que vai ser feito durante a viagem e se programar para tal.

Eu gosto de saber o que vou fazer cada dia quando acordo, por isso faço questão de ter comigo o roteiro (Berilo).

O horário, isto é, o cumprimento dele, também foi mencionado. A pontualidade na execução do roteiro e, principalmente, o respeito do horário entre os participantes do pacote. Neste caso, duas declarações destacaram-se,

O que eu não gosto na excursão é daquele pessoal que não chega no horário. Fica todo mundo esperando, enquanto poderia estar conhecendo alguma coisa, daí atrasa o roteiro e a gente pode perder de ir nalgum lugar que tava programado e tinha horário (Jade).

Eu sou muito rígida com horário. E não to errada. Errado é quem chega atrasado. Tem que aprender a cumprir o horário. Se tá combinado pra sair do hotel tal horário, tem que sair tal horário. Eu acho isso um desrespeito (Pérola).

Em relação aos serviços, a avaliação destes versa de maneira diferenciada. Sobre a hospedagem os entrevistados não demonstraram muita preocupação com o nível dos hotéis, se preocupam mais que estes façam jus à compra feita.

Se eu paguei por um hotel quatro estrelas, quero um quatro estrelas. Não um duas estrelas [...] não tem problema ficar num hotel de duas estrelas, mas tenho que pagar por duas, então (Berilo)

Eu gosto de saber como que é pra me preparar né (Jade)

A gente tem que ver o nível da viagem, das pessoas que vão, do lugar onde a gente vai dormir, por que tem coisa que não dá pra usar em certos lugares (Ágata)

O que não significa, necessariamente, que abram mão de conforto.

Eu gosto daqueles quartos grandes que tem vista pra piscina, da janela da pra ver a paisagem (Esmeralda).

Eu gosto mais de ir naqueles que tem dois quartos, por que a gente fica junto com alguém, mas tem privacidade (Pérola).

Observam também os aspectos de higiene.

Eu sempre dou uma olhadinha se tá tudo limpinho mesmo, por que tem lugar que o pessoal só limpa pelo meio (Safira).

Sobre as compras as respostas foram divergentes, alguns não se preocupam com isso.

Eu não compro quase nada. Só quando eu gosto mesmo de alguma coisa (Pérola)

A viagem tem que ser pra gente. Meus filhos, meus netos tem de tudo, eu não fico comprando nada não (Berilo).

Por outro lado há aqueles que fazem questão de trazer algo que represente o lugar visitado.

Eu gosto muito de fazer compras, separo parte do dinheiro e trago um monte de coisas. Meu guarda-roupa tá cheio de camiseta de tudo quanto é lugar. Minhas filhas não agüentam, já falaram pra eu parar com isso, mas eu compro, pra um, pra outro.. (Ágata)

Vixe, compras. A gente compra muito. Sempre vai eu e a minha mulher e a gente traz um monte de coisa, por que tudo que traz pra um, tem que trazer pro outro. Também, a gente não sabe quando vai voltar lá pra comprar de novo (Ônix).

Não dá para viajar sem dinheiro, por que eu gosto de trazer presentes para todos os filhos e amigos próximos (Topázio).

Ressalta-se que os objetos adquiridos durante as viagens cumprem um papel na memória dos idosos, trazendo à tona a recordação de um momento especial.

Da mesma forma os objetos funcionam como emblemas, elementos distintivos que atuam no reconhecimento social e que, por vezes, aparecem envolvidos numa trama simbólica em que valores sentimentais, como aqueles ligados a uma figura familiar a que originalmente pertenceu o objeto, mesclam-se com valores sociais, que os classificam como indicadores de distinção e refinamento (FERREIRA, 1998, p. 218).

Isso fica claro quando todos os entrevistados, tanto aqueles que só compram o que realmente gostam, quanto aqueles que compram tudo que vêem pela frente, fazem questão de mostrar o objeto e contar sua história, fato ocorrido em todas as visitas realizadas para a concretização da entrevistas. A função do *souvenir* está além da sua utilidade propriamente dita. “Muitos desses artefatos memorizados estão associados a uma dimensão mais íntima do sujeito. Fazem parte de sua história de vida por se confundirem com ela.” (FERREIRA, 1998, p. 219).

Sobre os profissionais que tem contato eles esperam que sejam gentis e carismáticos,

O rapaz lá da agência é muito bonzinho, mas eu não gosto muito dele, por que ele é assim... meio sem nem açúcar. Ele não tem carisma! (Pérola)

Eu presto muita atenção como o pessoal trata a gente. É da Terceira Idade, tem que tratar bem, não pode tratar assim de qualquer jeito. Eu gosto de ir em lugar que sou bem tratado, pra me sentir bem (Topázio).

Em relação à integração entre os participantes da viagem, houve menção à observação de como o grupo se comporta para integrar-se a ele, como por exemplo, com as roupas.

Quando eu vou lá no outro grupo eu vou mais simplesinha, por que a turma lá é mais simples. Mas quando eu vou no meu grupo mesmo tem que ir mais arrumada, por que lá o pessoal vai mais chique (Ágata).

O grupo da igreja é mais carente, então não dá pra ir muito cheio de coisas, por que pode constranger. Já o pessoal da academia é mais fino, e eu acho que a gente tem que ir de acordo com o lugar (Pérola)

Nos passeios de um dia Ágata, Esmeralda e Pérola disseram que preferem se vestir de maneira mais simples, pois estes passeios costumam ser mais baratos e que mais pessoas de baixo poder aquisitivo participam e não acham bacana vestirem-se diferente das outras para não ficarem excluídas do grupo, para não parecerem, nas palavras de Esmeralda: “metida à besta”.

Depois da viagem

O retorno da viagem é vivido pelos entrevistados com intensidade, pois ao voltar para casa desejam contar os detalhes de suas aventuras às pessoas próximas,

Quando eu volto minhas filhas já sabem que tem assunto pra semana inteira. Eu falo sem parar (Ágata).

Sempre conto como foi, o que eu fiz de bom. É muita coisa pra falar, nem dá pra falar por telefone, tem que ir na casa pra contar tudo (Safira).

Apesar desta euforia, relataram que sentem cansaço após a viagem, pois lá se permitem tudo, saem da rotina.

Quando eu chego eu to acabada, fico uns dois dias repousando para me recuperar dos abusos da viagem (Safira).

Quando a gente volta, eu penso ‘ainda bem que tenho meu cantinho’, por que volto esgotado(Ônix).

Alguns depoimentos apontaram a viagem como compensatória no sentido de ser fonte de aprendizado e conhecimento.

[...] quanta coisa se aprende viajando. Tem tanta coisa diferente. Por isso que eu gosto de viajar, pra aprender (Topázio).

Eu gosto de saber como são as coisas de cada lugar, a cultura, a história, é fascinante viajar por isso (Berilo).

Eu to descobrindo a vida, o mundo! Veja você que eu nunca tinha pensado em viajar de navio e já to indo pro meu quarto cruzeiro. Esse último que eu fiz foi até a Argentina e eu nem falo espanhol, mas já voltei com umas palavrinhas na ponta da língua (Ágata).

Entre todos os entrevistados apareceu o tema foto com especial relevância, sendo que todos admitiram satisfação em fotografar as viagens para mostrar aos outros e também para lembrar-se da viagem. Evidenciando o aspecto da importância da recordação, tal como colocado por Ferreira (1998).

O sujeito ao lembrar, busca refazer, no presente, o que representa como passado. O espaço no qual estão emolduradas as memórias é fundamentalmente um espaço de interação. E é justamente essa moldura social que é trazida à cena na rememoração, seja nas casas de outrora, seja em imagens fotográficas ou artefatos rememoradores (FERREIRA, 1998, p. 221).

Um caso interessante é o de Pérola que registra todos os momentos da viagem. Embora possua uma câmera fotográfica de tecnologia avançada, com diversos recursos e que lhe permite fazer vídeos com alta definição, pediu ao filho que lhe comprasse uma câmera filmadora, pois não confia na câmera fotográfica para fazer filmes. Pérola costuma fazer um editar as fotos das viagens e reúne as melhores para fazer uma apresentação. Motivo de

reunião pós-viagem, para a qual convida os companheiros de viagem para relembrar os momentos que passaram. Ao final ela distribui uma cópia da apresentação para cada um dos colegas, também é convidado o representante da agência de viagens que os acompanhou e mesmo que este não possa estar presente, ela envia o CD de recordação.

Além do aspecto recordação, estes encontros suscitam outra interpretação relacionada à sociabilidade e ao estreitamento dos vínculos entre os participantes da viagem, uma vez que enquanto reúnem-se exercitam e reforçam a amizade.

Sob este aspecto, cabe uma comparação entre os indivíduos que participam e aqueles que não participam de grupos de convívio, que se apresentaram distintas: Enquanto aqueles que participam de grupos de convívio e viajam com os membros destes grupos costumam extrapolar suas relações sociais nestas viagens e fortalecer os vínculos com seus pares, aqueles que viajam de forma independente dos grupos exercitam a sociabilidade durante a viagem e não continuam o vínculo após a viagem. Como exposto

Eu sou muito fácil de fazer amizades [...] ainda mais quando é uma viagem longa, a gente convive durante dez, vinte dias com uma turma faz aquela amizade, mas quando volta não dá pra continuar, por que cada um mora num canto, às vezes tem um que mora aqui, outro que mora em Goiás. Eu me lembro de um cara muito bacana que eu conheci numa viagem pros Estados Unidos [...], mas ele era de Brasília e quando voltamos pro Brasil perdi o contato.

Assim, considera-se que a viagem entre membros de um grupo de convívio tende a ser mais vantajosa no que diz respeito à continuidade do relacionamento social estabelecido durante as viagens.

Organização econômica

Os entrevistados demonstraram relativa tranquilidade sobre a organização econômica para a realização das viagens. Sendo que todos recebem aposentadoria ou são pensionistas e estão desobrigados de despesas com filhos ou outras despesas que os impeçam de viajar. Pelo contrário, todos recebem apoio dos filhos para que possam viajar com certa despreocupação. Mesmo que eles não precisem da ajuda para decidir se farão ou não a viagem.

Ágata e Pérola recebem, além da aposentadoria, a pensão dos maridos, ambos foram funcionários das forças armadas, aeronáutica e marinha, respectivamente.

Eu faço assim, o meu dinheiro é o meu dinheiro, este eu uso só pra viajar. A pensão do meu marido é pra manter a casa. [...] quando, por acaso, eu uso algum dinheiro meu pra casa, eu anoto, no mês seguinte eu pego de volta pra mim (Ágata).

Já Topázio declarou que recebe a aposentadoria, tem sua renda na marcenaria e ainda é agraciado com presentes em dinheiro dos filhos quando vai viajar.

Meus filhos sempre me dão um dinheirinho quando eu viajo. Eles sabem que eu gasto mesmo pra trazer coisas pra eles. [...] eles fazem isso também por que querem que eu trabalhe menos, eles falam assim: 'Pára pai de trabalhar e vai viajar' (Topázio)

Mesmo assim, registra-se que não gastam descompensadamente, mantendo o controle sobre suas finanças. Nota-se que eles não abdicam das facilidades de parcelamento das viagens e demais regalias que possam desfrutar por sua condição etária.

Ônix conta que administra o dinheiro das viagens entre o financiamento das parcelas, os gastos durante as viagens, para que possa fazer planos com o dinheiro que sobra e programar novas viagens.

A organização econômica dos entrevistados é praticada de modo que os gastos com viagens não pesem no orçamento doméstico. Entretanto, todos concordaram que as condições orçamentárias atuais favorecem a realização de viagens mais que antes.

Quando as crianças estavam todas em casa a gente viajava sempre nas férias pro Guarujá, mas não dava pra programar uma temporada pro Nordeste toda vez com a turma toda, então a gente sempre ia pro nosso apartamento que era mais fácil e mais barato. Hoje cada um faz suas viagens e a gente pode ir pra onde quiser sem preocupar com eles (Esmeralda).

Ainda sobre valores, há diferenças entre os que viajam com os grupos de convívio, pois os mesmos declararam que com o grupo consegue facilidades que ajudam no pagamento das viagens.

É importante ressaltar que no universo dos entrevistados, embora haja a relativa tranquilidade quanto à situação financeira e que todos apresentem condições de realizar

viagens com certa regularidade, há características distintas em relação à condição econômica. Notadamente alguns são mais abastados que outros; enquanto Berilo tem vasta experiência em viagens internacionais, sobretudo para a Europa, Ágata demonstrou euforia ao ter feito um cruzeiro para a Argentina, pois nunca havia saído do Brasil, nem viajado de navio.

Também se observa que houve declarações sobre parcelamento das viagens, que estes financiamentos poderiam ser impeditivos para a realização de novas viagens, dependendo do seu preço. Ao mesmo tempo em que outros entrevistados não demonstraram preocupação aparente com a questão. Ou seja, cada um organiza sua agenda de viagens de acordo com suas possibilidades financeiras, inferindo que a realização da viagem está atrelada mais ao interesse pela atividade em si que por seu poder econômico.

Mesmo entendendo que a situação econômica de uma pessoa, independente da idade, contribua ou impeça a realização de viagens, ressalta-se que para o idoso este aspecto não é absoluto e soberano nesta decisão.

Em termos de Brasil, a realidade financeira da maioria dos idosos difere do perfil econômico dos entrevistados nesta pesquisa. Ainda que não se tenha entrado no mérito de perguntar-lhes sobre qual sua renda, ficou evidente a situação financeira privilegiada deles durante as visitas para realização das entrevistas, bem como pelos destinos que eles já visitaram dentro e fora do país.

Concorda-se que estar num patamar econômico elevado foi preponderante para a concretização das viagens desejadas, porém destaca-se que o aspecto financeiro não foi determinante para tal. Como destacado por Doll (2007) que coloca que o principal fator impeditivo para concretizar o desejo de viajar entre os idosos está atrelado à condição financeira em que estes se encontram. Esta afirmativa não pode ser considerada, necessariamente, uma verdade absoluta, uma vez que ao longo da experiência de viagens com idosos e das conversas semi-direcionadas com alguns sujeitos indiretos, de condição financeira similar a dos entrevistados, expressaram opiniões acerca das viagens que contrariam esta afirmativa.

Durante a etapa de observação da pesquisa, houve quem declarasse não gostar de viajar por não suportar ter que fazer malas, aguardar no aeroporto ou mesmo por preferir ficar em casa. Outros disseram que preferem outros tipos de lazer como ir ao grupo de convivência mesmo ou realizar atividades culturais, tais como ir ao cinema e ao teatro.

Além disso, existem aqueles idosos que ao longo da vida tiveram oportunidade de viajar com frequência, muitas vezes em função do trabalho, e que após aposentar-se vislumbraram um tempo de tranquilidade nas dependências de sua casa.

Existe, ainda, outro ângulo para análise da relação renda e “viagem”. Há idosos com quem se teve contato que não dispõem de condição financeira plenamente favorável para a realização de viagens, mas que por outro lado conseguem concretizá-las sob duas condições distintas: com a ajuda de familiares e/ou valendo-se da estabilidade econômica do Brasil que lhes permite parcelar as viagens em diversas vezes. Tal constatação foi discutida por Campos (2003) nos resultados de sua pesquisa com idosos que participantes dos Clubes da Melhor Idade no estado do Maranhão, a autora compartilhou que os entrevistados se valiam de arranjos para poder viajar.

Ou seja, a pessoa não precisa, necessariamente, dispor da quantia livre no orçamento, mas pode programar-se para realizar o que talvez seja seu sonho. De repente, este idoso que economiza e mesmo que viaje menos vezes por ano, aproxime-se mais do que o *trade* turístico chama de “nicho de mercado”, do que aqueles outros que possuem renda, mas não desejam viajar.

De modo que se pôde constatar divergência da idéia categórica de que a renda do idoso brasileiro o impede de viajar. Portanto, ter condição financeira favorável não é determinante para optar pelas viagens como atividade de lazer, pois, eles possuem condições financeiras de viajar e não o fazem por falta de interesse, reforçando a tese de heterogeneidade na velhice, bem como contrariando as idéia da viagem como sonho de consumo para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho referenciaram-se diversos autores que pesquisaram a interface do envelhecimento sob diferentes aspectos, entretanto, uma característica que parece comum nos estudos brasileiros mais recentes é a tentativa de entender uma aparente mudança na configuração da velhice, que antes era habitualmente associada a critérios negativos e, atualmente, tem desempenhado comportamentos que fogem ao imaginário pejorativo. Estas pesquisas apontam indícios de que as pessoas da faixa etária entre 60 e 85 anos têm representado ou, pelo menos, buscado um estilo de vida que não se enquadra como senilidade. Surge, então, um novo tipo de “velho”, ou pelo menos se redefine o “idoso” em suas várias dimensões.

O aumento da expectativa de vida chama a atenção para a faixa etária, que agora tem seu período de duração prolongado a ponto de permitir sua divisão em fases definidas mais por seus comportamentos que pela própria idade, sendo uma mais dinâmica e resistente aos aspectos de decrepitude, física e social (Terceira Idade), e outra mais velha para a qual se transferiu as características próprias da eminência da morte (Quarta Idade).

Como já discorrido ao longo do texto, as particularidades provenientes de uma nova estrutura etária têm sido alvo de investigações nos mais diversos âmbitos, que passam por questões sociais e econômicas, incluindo os campos da saúde, do gênero, da educação, do trabalho e muitos outros relacionados aos âmbitos público e privado.

A forma como as pessoas hoje chegam à casa dos 60 anos e a nova configuração comportamental destes sujeitos foram ponto de partida para esta investigação que objetivou ampliar as discussões sobre o envelhecimento dentro do universo do lazer e do turismo, tendo em vista as relações de sociabilidade dentro dessa faixa etária. Buscando, sobretudo, entender os efeitos desta triangulação na sociabilidade destes indivíduos, sob o ponto de vista de alguns atores que se encaixavam neste novo perfil comportamental de velhice, objetivou-se entender as relações de alteridade propiciadas pela abertura de novas possibilidades de lazer e de turismo.

A partir da pesquisa realizada foi possível observar que, de fato, os idosos chegam aos sessenta anos, ou seja, na idade da aposentadoria, distantes da imagem de isolamento e de caducidade. Pelo contrário, os entrevistados demonstraram alcançar a aposentadoria justamente lutando para fugir desta imagem negativa, na qual deveriam ser portadores de

males da velhice, carregando doenças físicas e psicológicas que os fizessem dependentes de cuidados de terceiros.

Uma das características que chama a atenção para esta nova configuração da velhice é a maneira como este grupo etário vem se organizando, de modo a manter uma rede de apoio social durante o processo de envelhecimento, verdadeiros espaços de hospitalidade. Esta rede de apoio é formada por instituições nas quais se congregam um estilo de vida saudável e ativo, onde se deve preservar a juventude física, alimentar-se bem, fazer atividade física, valer-se de tecnologias farmacológicas para manter a beleza, entre outras coisas. Embora, tudo isso pareça positivo, questiona-se a periculosidade da ditadura da juventude a qualquer preço. Uma vez que a interpretação inadequada deste estilo de vida saudável pode apresentar-se como negação da velhice, o que negligenciaria as fragilidades da idade.

Ao mesmo tempo, estas redes têm desempenhado um papel fundamental na compreensão e aceitação do envelhecimento, sobretudo por apontar possibilidades de continuidade da vida na velhice, permitindo o delineamento de projetos.

Os principais representantes das redes de apoio social são os grupos de convívio, criados a partir de estímulos variados e com objetivos diversos, ligados à educação, à religião, ao voluntariado, a atividades manuais ou físicas, entre outros.

Geralmente, estes grupos são denominados “Grupos de Terceira Idade” que de tão marcantes seus objetivos de desviar-se do conceito de senilidade, a expressão “Terceira Idade” passaram a representar um signo entendido como sinônimo de vida ativa e saudável.

Observando estes grupos como espaço de acolhimento onde se pratica a sociabilidade denota-se a importância do tema para os estudos da hospitalidade, do acolhimento e da convivialidade, assim como confirma que o estudo de um determinado grupo etário contribui também para o estudo do interacionismo entre as pessoas e o peso das relações pessoais estabelecidas nele. Tal fato foi observado nesta pesquisa, considerando-se que a participação nesses grupos de convivência ajuda a desenvolver relações, fortalecer vínculos e ampliar a sociabilidade.

Destaca-se que a participação e o nível de interação nestes grupos variam de acordo com o gênero e o estado civil. Não obstante as pesquisas, bibliográfica e de campo, apontaram que o interesse e a adesão das mulheres é maior nestas organizações, bem como entre aqueles que não vivem com companheiro, por encontrar-se viúvo ou por outro motivo.

O fato de os homens manifestarem menor interesse é decorrente de sua relação de dependência do trabalho ao longo da vida que, após a aposentadoria, parece esvazia-se e

perder o sentido, de modo que os homens apresentam maior dificuldade em enfrentar o aumento do tempo livre proveniente da saída do mercado de trabalho.

Por outro lado, as pessoas que compartilham sua vida com um companheiro na velhice, tendem a estabelecer uma relação de dependência um com o outro, preenchendo sua rotina, ou parte dela, em função deste companheiro. Suprimindo ou mascarando assim sua necessidade de exercitar uma vida social, limitando ou eliminando o interesse em participar deste tipo de grupo. Existem, ainda, aqueles que se desinteressam das práticas sociais por terem que cumprir obrigações em relação ao outro, este tipo de situação é comum quando um dos pares encontra-se com a saúde debilitada e o outro exerce o papel de cuidador, podendo sentir-se constrangido em desfrutar de algum tipo de atividade prazerosa enquanto o companheiro não está bem.

A relação entre trabalho, aposentadoria e tempo livre apresenta-se como uma discussão delicada, pois é muito forte a concepção do trabalho enquanto sentido de vida. Os indivíduos passam parte da vida buscando não apenas manter-se empregado, mas também melhorando sua renda com vistas a melhorar sua qualidade de vida e também da sua família. O sujeito dedica pelo menos trinta anos a este propósito e, ao longo deste tempo, o trabalho ocupa outras esferas de sua vida, deixando de ser apenas fonte de rendimento, mas também espaço – muitas vezes até o mais importante – de prática social e escape de problemas familiares, além de conferir poder e identificar o sujeito por sua profissão.

A construção simbólica do trabalho, neste sentido, apresenta uma face perversa, baseada em torno dos princípios capitalistas, que faz com que o indivíduo sinta-se socialmente isolado por não participar dos processos produtivos e econômicos ao qual foi acostumado. Ao ingressar no mercado de trabalho, ainda jovem, os indivíduos, normalmente, almejam ter renda suficiente para que possam desfrutar da vida e ao alcançarem isso na aposentadoria não recebem a situação como uma conquista, mas como um peso ou um problema.

Embora não tenha sido objeto de estudo nesta investigação, ressalta-se que, além das questões de sentido do trabalho enquanto ocupação, não se pode negar que na velhice a relação econômica e o impacto financeiro advindos com a saída do mercado de trabalho são absolutamente relevantes na concepção da aposentadoria.

A partir daí, inicia-se um processo de fuga do isolamento. A estratégia para esta fuga pode ser esboçada pela resistência em sair do mercado de trabalho ou pelo delineamento de um novo trabalho, como apareceu na pesquisa de campo, que confere sentido à vida do aposentado.

A concepção positiva do cotidiano na velhice depende de quanto o indivíduo está preparado ou se predispõe a se preparar para este período da vida, desta forma, as entrevistas corroboraram com a bibliografia no sentido de buscar atividades que atribuam um propósito para a vida, permitindo-lhes estabelecer metas, fazer planos. Uma meta comum foi a de desejar manter ou melhorar a saúde física, já que por indicação médica ou por pressão da família, todos os entrevistados disseram praticar exercícios físicos. Certamente, o aumento da divulgação na mídia das vantagens de se adotar um estilo de vida saudável também influencia esta postura.

No tocante às atividades de lazer na velhice, observa-se que há divergências no entendimento sobre o tema, entretanto, cada um a seu modo internalizou o princípio básico da definição de lazer que compreende o livre arbítrio e o prazer.

A participação em atividades coletivas de lazer estimula a qualidade de vida na velhice e, em geral, estas atividades cumprem um papel fundamental para a sociabilidade no envelhecimento, que é sensivelmente ampliada a partir da participação em grupos de convívio.

A participação em grupos de convívio de idosos aparece como importante elemento de integração social e assumem o caráter de lazer, que pode até mesmo ser interpretado como alternativa à viagem.

Confirmando outros estudos destacados no decorrer do texto, a viagem está entre os principais desejos do idoso e a realização de viagens tem especial destaque nas preferências de lazer entre dos entrevistados por suas características de desenvolvimento pessoal e cultural. Obviamente, o fato deste grupo ser financeiramente privilegiado lhes permite gozar sem maiores dificuldades econômicas de um número de viagens maior que o grosso da população brasileira, embora apresentem características díspares quanto aos preços dos destinos visitados.

Constatou-se que, embora já viajassem ao longo da vida, na aposentadoria as viagens passaram a ser mais desejadas e desfrutadas com mais satisfação. Destacando-se por assumir uma nova configuração, atribuída à liberdade e ao caráter desobrigado, por poderem preocupar-se com sua própria satisfação pessoal e não mais com a satisfação familiar, a qual nem sempre atendia os seus desejos, ainda que estes estivessem velados sob o pretexto de ver o grupo familiar contente.

Enfatiza-se que a viagem apresenta-se como uma alternativa de lazer criativo, na qual cada experiência tem caráter único, ainda que seja para destinos repetidos, contribuindo para o desenvolvimento pessoal dos participantes.

Deste modo, as expectativas em relação à viagem são subjetivas na medida em que cada um busca nela o preenchimento de lacunas individuais e variadas que muitas vezes configuram-se como motivadoras na concretização da viagem. Refere-se aqui, especialmente, ao caráter libertador da viagem apresentado pelos entrevistados.

Não obstante, ressalta-se que o vínculo familiar exerce um papel peculiar na vida destes idosos, que desejam certa libertação da família, ao mesmo tempo em que esperam dela consentimento, incentivo e apoio, no caso dos entrevistados nesta pesquisa, demonstrado em parte pela oferta financeira para efetivação das viagens ou ainda para a participação em outras atividades de lazer. Salienta-se que os idosos entrevistados manifestaram que o bom relacionamento e o apoio da familiar são fundamentais para a realização das viagens.

Como conseqüência da realização de atividades de lazer e, principalmente, de atividades turísticas, destaca-se o reposicionamento social, já que os entrevistados fizeram declarações que permitiram perceber que o desenvolvimento destas atividades, contribuíram para a ampliação do universo de suas amizades, fortalecendo estes vínculos, extrapolando a atividade em si, mobilizando-os no tocante aos seus objetivos de vida, permitindo traçar planos, ainda que em curto prazo.

Além disso, os tirou da condição de apoio ou de apoiado dentro do círculo familiar, já que eles não estão simplesmente isolados esperando a morte chegar, demonstrando que tem “o que fazer”, já que construíram uma nova e, neste caso, prazerosa rotina, rompendo os paradigmas do envelhecimento, bem como, lhes conferiu certo *status*, ao mantê-lo ou reinseri-lo na dinâmica familiar, saindo da condição de expectador.

Em particular, as viagens colaboram para este cenário na medida em que a atividade não começa e termina durante a sua execução. Ao contrário, a dinâmica da viagem compreende o antes e o depois e, tanto o grupo familiar primário quanto o grupo de amigos próximo, participam de alguma maneira do processo que envolve o planejamento e a ansiedade da pré-viagem e continuam envolvidos no pós-viagem por meio da conversas e das recordações advindas da experiência vivenciada.

Cabe colocar que os aspectos reveladores e satisfatórios das viagens não lhes conferem caráter mágico e não podem ser considerados como desejo unânime e/ou exclusivos entre os idosos, nem tampouco podem ser tratados como salutar para o envelhecimento saudável ou para concepção de qualidade de vida.

A viagem cumpre um papel relacionado à ampliação da rede social dos entrevistados, entretanto, observa-se que esta sociabilidade é construída como em qualquer outra etapa da vida, ou seja, se dá naturalmente de acordo com a afinidade entre os sujeitos envolvidos nela.

O mesmo pode ocorrer nos grupos de convívio, contudo, a viagem funciona como instrumento impulsionador do descobrimento das afinidades entre os participantes.

Os entrevistados comprovaram que a avaliação positiva ou negativa da velhice depende de um conjunto de fatores que envolvem sua saúde física, o bem estar de sua família, a oportunidade de acesso a serviços e produtos, vinculados ao seu histórico sócio-econômico, conforme apontado na pesquisa bibliográfica.

A interpretação dos dados coletados nas entrevistas demonstra que, de fato, os idosos depositam nas atividades de lazer e no turismo, ou seja, nas viagens o desejo de manterem-se socialmente ativos e são recompensados por alcançar a finalidade da atividade em si e, igualmente, pela ampliação da sociabilidade.

Assim, a viagem tem especial destaque na concepção de bem estar subjetivo percebidos pelos entrevistados, colaborando diretamente para a melhoria da qualidade de vida e da velhice bem sucedida.

À parte a consideração sobre a pesquisa propriamente dita registra-se na finalização deste trabalho a contribuição para o campo de conhecimento do turismo, ainda que não fosse este o propósito desta investigação, nota-se que alguns apontamentos podem sugerir a melhoria dos serviços turísticos.

No que tange aos aspectos objetivos e operacionais faz-se necessário atentar às particularidades do idoso, como as restrições de mobilidade e de saúde, para melhor atendê-lo sem, no entanto, parecer que se trata de um arranjo excludente. Quanto aos aspectos subjetivos do serviço, chama a atenção para a densidade do significado que o lazer e o turismo podem exercer na concepção de qualidade de vida do idoso que adquire este tipo de serviço. Também não se pode deixar de colocar sobre a postura dos profissionais que lidam este público, o qual anseia um tratamento que respeite sua dignidade e autonomia.

Julga-se relevante que os profissionais que lidam com este público conheçam suas particularidades para evitar deslizes que reforcem preconceitos, ao mesmo tempo em que não exaltem uma juventude estereotipada que os constanja.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. *Turismo: segmentação de mercado*. São Paulo: Futura, 2002.
- ARAUJO, Cleida Maria Silva. *Entre sonhos e a realidade: um estudo sobre o turismo para a terceira idade com idosos residentes em Balneário Camboriú (SC)*. 119 f. 2004. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria)- Universidade Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2004.
- ARGIMON, Irani I. de Lima; STEIN, Lilian Milnitsky; XAVIER, Flávio Merino de Freitas; TRENTINI, Clarissa Marcelli. O impacto de atividades de lazer no desenvolvimento cognitivo de idosos. *RBCEH - Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*. Passo Fundo, 38-47 - jan./jun. 2004.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS CLUBES DA MELHOR IDADE. ABCMI. *Quem somos*. Disponível em: <<http://www.melhoridade.org.br/Default.aspx>>. Acesso em: 25 mar. 2009. (Associação Brasileira dos Clubes da Melhor Idade)
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS OPERADORAS DE TURISMO. BRAZTOA. *Viaja Mais Melhor Idade vendeu 200 mil pacotes em 2008*. 2009. Acesso em 28 jan. 2009. Disponível em: <http://www.braztoa.com.br/site/noticias_braztoa/lista.php?pagina_atual=2&tipo_noticia=1&rc=BRAZTOA&ff=0&ff=1>.
- AZEVEDO, Maristela Assumpção de. *Velhice: um estudo da produção científica em periódicos brasileiros*. 2007. 126f. Dissertação (Mestrado em Saúde e Gestão do Trabalho) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2007.
- BAPTISTA, Isabel. Lugares de hospitalidade. In: DIAS, Celia Maria de Moraes. *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. São Paulo: Manole, 2002.
- BAPTISTA, Isabel. Hospitalidade e eleição intersubjectiva: sobre o espírito que guarda os lugares. *Revista Hospitalidade*. São Paulo, ano V, n. 2, p. 5-14, jul.- dez. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/turismo/index.php/hospitalidade/issue/view/21/showToc>>. Acesso em: 14 dez. 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *A liberdade*. Lisboa: Editorial Estampa, 1989.
- BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Tradução de Maria Helena Franco Martins. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BENI, Mário Carlos. *Globalização do turismo: megatendências do setor e realidade brasileira*. São Paulo: Aleph. 2003.
- BERZINS, M. A. V. S; RODRIGUES, M. P. L; RAMOS, V. *Lazer e turismo na terceira idade: um novo paradigma*. I Jornada de Turismo, Meio Ambiente e Patrimônio Cultural. São Paulo: Aleph, 2001.

BOULLÓN, Roberto. *Las actividades turísticas y recreacionales: el hombre como protagonista*. México: Trillas, 1990.

BRASIL. Lei nº 1.948, de 3 de julho de 1996. *Política Nacional do idoso*. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8842.htm>. Acesso em: 12 mar. 2009.

BRASIL. Lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003. *Estatuto do idoso*. Brasília, DF, 2003. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/2003/L10.741.htm>>. Acesso em: 12 mar. 2009.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Programa Viaja Mais Melhor Idade*. Brasília, DF, 2007.

BRASIL. *Plano Nacional de Turismo 2007-2010 – uma viagem de inclusão*. Brasília, DF, 2007b.

BRASIL. Ministério da Educação. Portal domínio público. Brasília, DF, 2009. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>>. Acesso em: 28 fev. 2010.

BUENO, Marielys Siqueira. *Hospitalidade no jogo das relações sociais*. Goiania: Editora Vieira, 2008.

CACHIONI, Meiri. Universidades da terceira idade: das origens à experiência brasileira. In: NERI, Anita Liberalesso; DEBERT, Guita Grin (Orgs.). *Velhice e Sociedade*. Campinas, SP: Papirus, 1999. (Coleção Vivacidade).

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. *Educação para o lazer*. São Paulo: Moderna, 1998.

CAMPOS, Terezinha de Jesus. *Lazer e terceira idade: contributos do turismo no âmbito do Programa Clube da Melhor Idade*. 2003. 176. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

CAPITANINI, Marilim Elizabeth S. Solidão na velhice: realidade ou mito? In: NERI, Anita Liberalesso; FREIRE, Sueli Aparecida (Orgs.). *E por falar em boa velhice*. Campinas: Papirus, 2000.

CARSTENSEN, Laura L. Motivação para contato social ao longo do curso de vida: uma teoria de seletividade socioemocional. Tradução Anita Liberalesso Neri e Lucila L. Goldstein. In: NERI, Anita Liberalesso. *Psicologia e envelhecimento*. Coleção Vivacidade. Campinas: Papirus Editora, 1995.111-144

CICÉRON. *Savoir vieillir*. Traduit du latin par Christiane Touya. Apud. FROMER, Betty. *Turismo para a terceira idade: atuação das operadoras turísticas*. (Dissertação de Mestrado). Paris: Arléa, 1995.

COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação. Se parar de trabalhar eu morro: o lugar do trabalho na vida de idosos que participam do mercado informal. *Revista Kairos*, ano 9 n. 1, jun. 2006, p. 85-105.

DEBERT, Guita Grin. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: 1999

DEJOURS, Christophe. Conferências brasileiras. Tradução Ana Fonseca Reis; Revisão técnica Maria Irene Stoco Betiol e Maria José Tonelli. São Paulo: Fundap: EASP/FGV, 1999.

DEPS, Vera Lúcia. Atividade e bem estar psicológico na maturidade. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). *Qualidade de vida na idade madura*. Coleção Vivacidade. Campinas, SP: Papirus, 1993.

DOLL, Johannes. Educação, cultura e lazer. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESCSP, 2007.

DRUCKER, Peter Ferdinand. *Desafios gerenciais para o século XXI*. Tradução Nivaldo Montigelli Jr. São Paulo: Pioneira, 1999.

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DUMAZEDIER, Joffre. *A Revolução cultural do tempo livre*. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 1994.

DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva/SESC, 1999.

ERBOLATO, Regina M. P. Leite. Gostando de si mesmo: a auto-estima. In: NERI, Anita Liberalesso; FREIRE, Sueli Aparecida (Orgs.). *E por falar em boa velhice*. Campinas: Papirus, 2000.

INSTITUTO ETHOS DE RESPONSABILIDADE SOCIAL. ETHOS. *Cartilha Rede Ethos para Jornalistas*. 2008. Disponível em: <http://www.ethos.org.br/_Internethos/Documents/RedeCartilha1.pdf>. Acesso em 10 mar 2008.

FERRARI, Maria Auxiliadora Cursino. Lazer e ocupação do tempo livre na terceira idade. In: PAPALÉO NETTO, Matheus. *Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. São Paulo: Atheneu, 2005. p. 98 – 105.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. Memória e velhice: do lugar da lembrança. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FRANÇA, Luciano Spina. *Quando o entardecer chega... o envelhecimento ainda surpreende muitos*. s/d. Disponível em: <<http://www.guiarh.com.br/pp46.html>>. Acesso em: 07 nov. 2008.

FREIRE, Sueli Aparecida. Envelhecimento bem sucedido e bem estar psicológico. In: NERI, Anita Liberalesso; FREIRE, Sueli Aparecida. (Orgs.). *E por falar em boa velhice*. Campinas: Papirus, 2000.

FREIRE, Sueli Aparecida; SOMMERHALDER, Cinara. Envelhecer nos tempos modernos. In: NERI, Anita Liberalesso; FREIRE, Sueli Aparecida (Orgs.). *E por falar em boa velhice*. Campinas: Papirus, 2000.

FREIRE, Sueli Aparecida; RESENDE, Marineide Crossara. Sentido de vida e envelhecimento. NERI, Anita Liberalesso (Org.). *Maturidade e velhice: trajetórias individuais e socioculturais*. Coleção Vivacidade. Campinas, SP: Papirus, 2001.

FROMER, Betty; VIEIRA, Débora Dutra. *Turismo e terceira idade*. Coleção ABC do Turismo. São Paulo: Aleph, 2003.

FRUTUOSO, Dina. A. *Terceira idade na universidade: relacionamento entre gerações no terceiro milênio*. Rio de Janeiro: Àgora da Ilha, 1999.

FURTADO, Adolfo. *A participação do idoso no mercado de trabalho brasileiro*. Consultoria Legislativa. Câmara dos Deputados. Fev. 2005.

GARCIA, Maria Tereza Gonçalves. *Turismo na terceira idade: um mercado em potencial*. 2001. 281f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), Escola de Comunicações Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

GARDIN, Claudine; SILVA, Teodomiro Fernandes da. Agência de viagem: um atendimento diferenciado à melhor idade. 27 jun. 2003. *Biblioteca On Line do SEBRAE*. Disponível em: <www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/DowContador?OpenAgent&unid=8D1D62A29F5ED1D203256D520059A5DA>. Acesso em 28 nov. 2008.

GASTAL, Suzana; MOESCH, Marutschka. *Turismo, políticas públicas e cidadania*. Coleção ABC do Turismo. São Paulo: Aleph, 2007.

GOLDSTEIN, Lucila L. A produção científica brasileira na área da gerontologia: (1975-1999). *Revista On-line da Biblioteca Prof. Joel Martins*. v.1, n.1, out. 1999. Disponível em: <<http://www.bibli.fae.unicamp.br/revgeron/llg.htm>>. Acesso em 01 Mar. 2010

GOLDSTEIN, Lucila L.; SIQUEIRA, Maria Eliane Catunda de. Heterogeneidade e diversidade nas experiências de velhice. In: NERI, Anita Liberalesso; FREIRE, Sueli Aparecida (Orgs.). *E por falar em boa velhice*. Campinas: Papirus, 2000.

HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo. *O direito à velhice: os aposentados e a previdência social*. Coleção questões da nossa época. v. 10. São Paulo: Cortez, 1993.

HENLEY CENTRE HEADLIGHTVISION . *Future traveller tribes 2020*. Relatório para a indústria de viagens. Henley Centre HeadlightVision; Amadeus, 2006.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. *Tábuas completas de mortalidade – 2007*. 2008. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impresao.php?id_noticia=1275>. Acesso em: 16 jan. 2009.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. *Censo demográfico 2002: resultados do universo*. 2003. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 16 jan. 2009.

JACOB FILHO, Wilson; SOUZA, R. R. de. Anatomia e Fisiologia do Envelhecimento. In: JACOB FILHO, Wilson (Org.). *Geriatrics: Fundamentos, Clínica e Terapêutica*. Rio de Janeiro: Atheneu, 1994.

KRIPENDORF, Jost. *Sociologia do turismo: Para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. São Paulo: Aleph, 2000.

KUAZAQUI, E. *Marketing turístico e de hospitalidade*. Fonte de empregabilidade e desenvolvimento para o Brasil. São Paulo: Makron Books, 2000.

LEFEBVRE, M. F. Cognitive distortion and cognitive errors in depressed psychiatric and low back pain patients. *J Consult Clin Psychol*, 1981.

LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. RImagem e auto-imagem: a homogeneidade da velhice para a heterogeneidade das vivências. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Edições SESCSP.

LUCA, Mônica Maria Barbosa Leiva de. Identidades sócias em produção e envelhecimento: um estudo de caso. In: VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes; NERI, Anita Liberalesso; CACHIONI, Meire (Orgs.). *As múltiplas faces da velhice no Brasil*. Campinas: Editora Alínea, 2003. p. 189-210.

MESSY, Jack. *A pessoa idosa não existe*. Uma abordagem psicanalítica da velhice. São Paulo: Aleph, 1999

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Portal Domínio Público*. Acesso em 19 de nov. 2009, disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br>>.

MOLETTA, Vânia Fiorentino; GOIDANICH, Karin Leyser. *Turismo para a terceira idade*. (Série Desenvolvendo o Turismo). 2 ed. Porto Alegre: SEBRAE/RS, 2000.

MORI, Marcos Massanabu. *Aposentadoria e trabalho: investigação sobre a (re)inserção do idoso no mercado de trabalho*. 2006. 110 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

MOWEN, J.,C.; MINOR, M S. *Comportamento do consumidor*. Tradução Vera Jordan. São Paulo: Prentice Hall, 2003.

NASCIMENTO, Roberta Fernandes Lopes do; ARGIMON, Irani I de Lima; LOPES, Regina Maria Fernandes. *Atualidades sobre o idoso no mercado de trabalho*. 29 ago. 2006. O portal dos psicólogos. Disponível em: <<http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0300.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2008.

NERI, Anita Liberalesso. Qualidade de vida no adulto maduro: interpretações teóricas e evidências de pesquisa. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). *Qualidade de vida na idade madura*. Coleção Vivacidade. Campinas, SP: Papirus, 1993.

NERI, Anita Liberalesso. Paradigmas contemporâneos sobre o desenvolvimento humano em psicologia e sociologia. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). *Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. Coleção Vivacidade. Campinas, SP: Papirus, 2001a.

NERI, Anita Liberalesso. Velhice e qualidade de vida na mulher. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). *Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. Coleção Vivacidade. Campinas, SP: Papirus, 2001b.

NERI, Anita Liberalesso. Envelhecer bem no trabalho: possibilidades individuais, organizacionais e sociais. *Revista Terceira Idade*. São Paulo: SESC, 2002, v. 13, n. 24.

NERI, Anita Liberalesso. Processos de envelhecimento. *Idade Ativa - Revista Eletrônica da Terceira Idade*, 2005. Entrevista concedida à Graziela Zane Kronka. Disponível em: http://www.techway.com.br/techway/revista_idoso/entrevista/entrevista_anita.htm. Acesso em: 15 jan. 2007.

NERI, Anita Liberalesso. *Palavras-chave em Gerontologia*. 3 ed. Campinas: Alínea, 2008.

NERI, Anita Liberalesso; FREIRE, Sueli Aparecida. Qual a idade da velhice. In: NERI, Anita Liberalesso; FREIRE, Sueli Aparecida. (Orgs.). *E por falar em boa velhice*. Campinas: Papirus, 2000.

NERI, M. C. Renda, consumo e aposentadoria: evidências, atitudes e percepções. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Edições SESCSP, 2007.

NOVAES, Maria Helena. *Conquistas possíveis e rupturas necessárias*. Psicologia da terceira idade. 2 ed. Rio de Janeiro: NAU, 2000.

OLIVEIRA, Yeda Aparecida Duarte de. O lazer do idoso. In: RODRIGUES, Rosalina A. P.; DIOGO, Maria José D. (Orgs.) *Como cuidar dos idosos*. Campinas, Papirus, 1996. Coleção Vivacidade. p. 113-120.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Plano de Ação Internacional para o envelhecimento*. Madri, 2002.

PAPALÉO NETTO, Matheus. *Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. São Paulo: Atheneu, 2005.

PAULI, Cibele Tombolato de Castilhos. *O lazer na terceira idade: um estudo de caso*. 2001. 143 f. Dissertação (Mestrado em Turismo)- Centro Universitário Ibero-Americano, São Paulo, 2001.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e s termos classificatórios: velho, velhote, idosos, terceira idade... In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

PEREIRA, Josianne Katherine. *As representações sociais de velhice e terceira idade: um estudo de caso sobre um "Grupo de Terceira Idade" de Caratinga/MG*. 2006. 135 f. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente e Sustentabilidade)- Centro Universitário de Caratinga, Caratinga, 2006.

PORTAL DA TERCEIRA IDADE. *Portal da terceira idade - informação e cidadania*. Acesso em 21 de out. 2009. Disponível em: <<http://www.portalterceiraidade.com.br>>.

RODRIGUES, Minéia Carvalho. As novas imagens do idoso veiculadas pela mídia: transformando o envelhecimento em um novo mercado de consumo. *Revista da UFG*, Vol. 5, No. 2, dez 2003. Disponível em: <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/idoso/imagens%20.html>. Acesso em 19 ago. 2009.

RODRIGUES, G. Um mundo pronto para os idosos. Especial Perspectivas 2009. *Isto É*, 2043, 58-60, 19 dez. 2008.

RODRIGUES, Rosalina A. P.; DIOGO, Maria Jose D'Elboux; BARROS, T. R. O envelhecimento do ser humano. In: Rosalina A P Rodrigues; Maria José D'Elboux Diogo. (Org.). Como cuidar dos idosos. Campinas: Papirus, 1996.

RUDINGER, G.; THOMAE, H. The Bonn longitudinal study of aging: coping life adjustment, and life satisfaction. In: BALTES, P. B.; BALTES, M. M. *Successful aging. Perspectives from the behavioral sciences*. Cambridge University Press, 1990.

RYFF, C. D. *Beyond ponce de Leon and life satisfaction: new directions in quest of successful aging*. International Journal of Behavioral Development, 12 (1), p. 35-35, 1989.

SALGADO, Marcelo Antonio. *Velhice: uma nova questão social*. São Paulo: SESC, 1991.

SÃO PAULO. Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social. *Plano estadual para a pessoa idosa - futuridade*. São Paulo, SP, 2009, 46 p.

SESC. SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. *O século da terceira idade*. São Paulo: SESC, 2003. Catálogo.

SILVA, Fátima Sueli de Souza e. *Turismo e psicologia no envelhecer*. São Paulo: Roca, 2002.

SOBREIRA NETTO, Francisco; PEREIRA NETTO, Juliana Presotto. Programas de preparação para a aposentadoria: um desafio atual à responsabilidade social das organizações. In: ENCONTRO CIENTÍFICO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 33., 2009, São Paulo. *Anais...* São Paulo: ANPAD, 2009.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA. Histórico. Rio de Janeiro. s/d. Disponível em: <<https://www.sbgg.org.br/historico.aspx?pP=41&pO=5&pM=2>>. Acesso em: 27 jan. 2010.

SOUZA, Heloísa Maria Rodrigues; SOUZA, Romeu Rodrigues. Expectativas de indivíduos da terceira idade em viagens de curta duração. In: BAHLL, Miguel (Org.). *Turismo com responsabilidade Social*. Coletânea do XXIII CBTUR, Congresso Brasileiro de Turismo 2003, Recife, PE. São Paulo: Roca, 786-794, 2004.

TEIXEIRA, Solange Maria. *Envelhecimento do trabalhador no tempo do capital: problemática social e as tendências das formas de proteção social na sociedade brasileira contemporânea*. 2006. Tese (Doutorado em Políticas Públicas)- Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 267f. 2006.

TEIXEIRA, Ilka Nicéia D'Aquino Oliveira; NERI, Anita Liberalesso. Envelhecimento bem-sucedido: uma meta no curso da vida. *Successful aging: a goal in the course of life*. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 19, n. 1, 2008. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772008000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 31 Ago 2009.

TOWNSEND, Peter. The structured dependency of the elderly: a cration of social policy in the twenieth century. *Aging & Society*. Volume 1, número 1, 1981, p. 5-28.

UYEHARA, Ana Maya Goto; CÔRTE, Beltrina. Por que contratar idosos? Um estudo de caso da Festiva. *Revista Kairós*, São Paulo, ano 9 n. 1, jun. 2006. p. 107-122. (2006).

<http://www.revistamaioridade.com.br/materias/comportamento/desk_comportamento_nunca_tarde.htm>. Acesso em: 15 nov. 2008.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes; NERI, Anita Liberalesso; CACHIONI, Meire (Orgs.). *As múltiplas faces da velhice no Brasil*. Campinas: Editora Alínea, 2003. p. 189-210.

WTO. WORLD TOURISM ORGANIZATION. O código mundial de ética do turismo. 1999. Disponível em: <http://www.world-tourism.org/code_ethics/pdf/languages/Portugal.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2008.

ZANI, Lucia Helena da Silva. *O idoso e a família: investigação sobre a dinâmica dos papéis sociais*. 115 f. 2007. Dissertação (Mestrado em Gerontologia)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

ZIMERMAN, D.E.; OSÓRIO, L.C. Como trabalhamos com grupos. Porto Alegre: Armed, 1997.

BIBLIOGRAFIA AMPLIADA

- BACHA, Maria de Lourdes. Vianna, Nadia Wacila Hanania. Entendendo as Atitudes da Terceira Idade das Classes A e B de São Paulo em Relação ao Turismo. *Turismo em Análise*. São Paulo, v. 19 (3): 370-387, dez. 2008.
- BAHL, Miguel (Org.). *Turismo com responsabilidade Social*. Coletânea do XXIII CBTUR, Congresso Brasileiro de Turismo 2003, Recife, PE. São Paulo: Roca, 786-794, 2004.
- BALTES, P. B.; BALTES, M. M. *Successful aging*. Perspectives from the behavioral sciences. Cambridge University Press, 1990.
- BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). *Velhice ou terceira idade?* Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- BOCCARDO, Fernanda C. Aspectos Psico/Sociais da hospitalidade. *Turismo Visão e Ação*. Itajaí, ano 3 (7): 31-46, out. 2000/mar. 2001.
- CARVALHO, Alessandra Silva. *O Ecoturismo como instrumento de promoção da qualidade de vida do idoso*. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização)- Centro Universitário Senac, São Paulo, 2005.
- CARVALHO, Alessandra Silva. Programa Viaja Mais Melhor Idade: inclusão social do idoso pelo turismo?. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 6., 2009, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Aleph, 2009.
- CARVALHO, Alessandra Silva. Gestão de Pessoas e Envelhecimento: Sentido do Trabalho para o Idoso. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 33., 2009, São Paulo. *Anais...* São Paulo: ANPAD, 2009.
- DIAS, Celia Maria de Moraes. Hospitalidade: reflexões e perspectivas. São Paulo: Manole, 2002.
- PEREIRA, Josianne Katherine. *As representações sociais de velhice e terceira idade: um estudo de caso sobre um "Grupo de Terceira Idade" de Caratinga/MG*. 2006. 135 f. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente e Sustentabilidade)- Centro Universitário de Caratinga, Caratinga, 2006.
- GAIARSA, José Ângelo. *Como enfrentar a velhice*. São Paulo: Ícone; Campinas: Unicamp, 1986.
- JACOB FILHO, Wilson (Org.). *Geriatrics: Fundamentos, Clínica e Terapêutica*. Rio de Janeiro: Atheneu, 1994.
- KERVOR, S. France Informations: As universidades da terceira idade. Trad. de A. F. A. Rosário. São Paulo: Centro de Documentação e Pesquisa sobre a Terceira Idade – SESC, Campinas, France Informations n. 73 jan/fev 1976.

LEITE, Celso Barroso. *O século da terceira idade*. São Paulo: LTr, 1993.

MARI, J. de. Cresce o número de viajantes da terceira idade. Tabela com dados sobre o turismo de idosos. *Revista Veja*, São Paulo: 2000, 22 de março, Edição 1641, 91.

MARIZ, Maria Elisa de Almeida. *Além dos 60: moradores de Coimbra e São Paulo*. 200f. Tese (Doutorados em Ciências Sociais)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

NERI, Anita Liberalesso (Org.). *Qualidade de vida na idade madura*. Coleção Vivacidade. Campinas, SP: Papirus, 1993.

NERI, Anita Liberalesso. *Psicologia e envelhecimento*. Coleção Vivacidade. Campinas: Papirus Editora, 1995.

NERI, Anita Liberalesso (Org.). *Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. Coleção Vivacidade. Campinas, SP: Papirus, 2001.

NERI, Anita Liberalesso (Org.). *Maturidade e velhice: trajetórias individuais e socioculturais*. Coleção Vivacidade. Campinas, SP: Papirus, 2001.

NERI, Anita Liberalesso (Org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESCSP, 2007.

NERI, Anita Liberalesso; DEBERT, Guita Grin (Orgs.). *Velhice e Sociedade*. Campinas, SP: Papirus, 1999 (Coleção Vivacidade).

NERI, Anita Liberalesso; FREIRE, Sueli Aparecida (Orgs.). *E por falar em boa velhice*. Campinas: Papirus, 2000.

PAPALÉO NETTO, Matheus. *Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. São Paulo: Atheneu, 2005.

PIAZZI, Betty Fromer. *Turismo para a terceira idade: atuação das operadoras turísticas*. 2003. Tese (Mestrado em Ciências da Comunicação), Escola de Comunicações Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

RODRIGUES, Rosalina A. P.; DIOGO, Maria José D. (Orgs.) *Como cuidar dos idosos*. Campinas, Papirus, 1996. Coleção Vivacidade. p. 113-120.

SANTOS, Cláudio José dos. *Universidade Aberta para a terceira idade: um caminho de vida*. Santos: Leopoldianvm, 1997.

SANTOS, Silvana Sidney Costa. Gerontologia e os pressupostos de Edgar Morin. *Textos Envelhecimento*. V. 6, n. 2. UNATI, UERJ, 2003. Disponível em: <[HTTP://www.unati.uerj.br](http://www.unati.uerj.br)>. Acesso em: 15 out. 2009.

SOMMERHALDER, Cinara; NOGUEIRA, Eliete Jussara. As relações entre gerações. In: NERI, Anita Liberalesso; FREIRE, Sueli Aparecida (Orgs.). *E por falar em boa velhice*. Campinas: Papirus, 2000.

SOUZA, Cynthia Daniela Figueiredo de. *Lazer e turismo na interface da saúde e da educação como meio de promoção da saúde mental do idoso*. 2007. Dissertação (Mestrado em Enfermagem)- Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, 100f. 2007.

SOUZA, Heloísa Maria Rodrigues; JACOB FILHO, Wilson; SOUZA, Romeu Rodrigues. *Turismo e qualidade de vida na terceira idade*. São Paulo: Manole, 2006.

VASCONCELOS, Keli. Nunca é tarde para trabalhar. Empresas criam programas de incentivo à contratação de idosos. s/d. *Revista Maioridade*. Disponível em:

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes; NERI, Anita Liberalesso; CACHIONI, Meire (Orgs.). *As múltiplas faces da velhice no Brasil*. Campinas: Editora Alínea, 2003.

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevistas

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI PROGRAMA DE MESTRADO EM HOSPITALIDADE

Mestranda: Alessandra Silva Carvalho

Orientadora: Maria do Rosário Rolfsen Salles

Pesquisa: Envelhecimento, turismo e lazer: expectativas e representações dos viajantes idosos

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Cotidiano

- Como é o dia-a-dia atualmente em relação ao lazer
 - Passeia
 - Encontra os amigos
 - Assiste TV
 - Freqüenta grupos de convívio
 - Onde? Como? Quando?
- Como encara o tempo livre
 - Preferia estar trabalhando
 - Acha mais importante trabalhar ou divertir-se

Participação no grupo

- Como tomou conhecimento da existência do grupo?
- Quais motivos influenciaram na decisão de participar do grupo?
- Que atividade desenvolve junto ao grupo
- Do que gosta mais
- Fez novos amigos através do grupo
- Como são estas amizades
 - Freqüentam a casa
 - Saem juntos em outras ocasiões, além do grupo

- Que outras atividades realiza para se divertir

Viagens (antes, durante depois)

- Como foi a experiência da primeira viagem com o grupo
 - Como se deu o processo de decisão
 - Qual a opinião da família a respeito
 - Quais foram as dificuldades
- O que estimula a decisão de fazer uma viagem
- O que atrapalha a realização da viagem
 - Como é dividir por um determinado tempo a vida com outras pessoas que não são da família
 - Como soluciona as diferenças existentes dentro do grupo
 - Saúde
- Como é o processo de preparação da viagem
 - Critérios na escolha do destino
- Organização
 - Agência
 - Seguro
- Quais condições para que a viagem seja considerada boa
 - Lugar
 - Valor
 - Profissionais (guias, motorista, etc...)
 - Alojamento
 - Transporte
 - Gastronomia
 - Compras
- Tinha hábito de viajar antes de conhecer o grupo
 - Com a família ou outros?
 - Que tipo de viagem
- Quais diferenças em relação às viagens anteriores
- Avaliação das viagens em relação às outras atividades de lazer
 - Percebe diferenças, quais

- Como se sente depois da viagem
 - Conta pra alguém
 - Mostra fotos
 - Reencontra os amigos de viagem

Organização econômica

- Como se organiza financeiramente para viajar
 - Trabalha
 - É aposentado
 - Fez reserva durante a vida
 - Recebe algum tipo de auxílio
 - Ajuda familiares (recebe ou dá)
- Qual o peso dos gastos nas viagens no orçamento
- As condições orçamentárias atuais favorecem a realização de viagens mais que antes

Perfil do entrevistado

- Idade
- Sexo
- Estado civil
- Profissão principal exercida
- Mora só, com quem?
- Como é a relação com a família (filhos)